

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIRIO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL

Memórias e práticas em espaços homoafetivos na cidade do Rio de Janeiro

Rafael Chaves Vasconcelos Barreto

Rio de Janeiro
2014

Rafael Chaves Vasconcelos Barreto

Memórias e práticas em espaços homoafetivos na cidade do Rio de Janeiro

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Memória Social.

Área de Concentração: Memória Social

Linha de Pesquisa: Memória, Subjetividade e Criação

Orientador: Prof. Dr. Francisco Ramos de Farias

Rio de Janeiro
2014

Memórias e práticas em espaços homoafetivos na cidade do Rio de Janeiro

Rafael Chaves Vasconcelos Barreto

Orientador: Prof. Dr. Francisco Ramos de Farias

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Ramos de Farias (Orientador)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Prof^ª. Dr^ª. Diana de Souza Pinto
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Prof. Dr. Rafael Andrés Patiño Orozco
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Prof. Dr. Veriano de Souza Terto Junior
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fatima Scaffo
Faculdade Internacional Signorelli - FISIG

Prof.^a Dr^a Andrea Soutto Mayor
Universidade Federal Fluminense - UFF

APROVADO EM: 25/08/2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL E/OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

B273 Barreto, Rafael Chaves Vasconcelos .
Memórias e práticas em espaços homoafetivos na cidade do Rio de Janeiro / Rafael Chaves Vasconcelos Barreto, 2014.
149 f. ; 30 cm

Orientador: Francisco Ramos de Farias.
Tese (Doutorado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

1. Homossexualismo. 2. Identidade (Conceito filosófico). 3. Identidade de gênero. 4. Sociabilidade homoerótica. 5. Memória - Aspectos sociais.
I. Farias, Francisco Ramos de. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós- Graduação em Memória Social. III. Título.

CDD – 616.8583

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à minha mãe, pelo carinho, apoio e suporte dado ao longo da minha vida para que tudo que tenho planejado possa ser realizado.

Agradecimentos

Nesse momento gostaria de agradecer de pontual a tod@s aqueles e aquelas que contribuíram para que fosse possível a realização desse trabalho.

Em primeiro lugar agradeço a Deus por me guiar e dar forças nos diversos momentos onde tudo parecia impossível de ser feito. Agradeço a esse Deus livre de religiões e dogmas impostos pelo homem que impedem que muitos outros homens vivenciem sua fé.

À minha família na Terra que me acolheu, me deu e continua a dar suporte material e emocional acreditando que meus sonhos são possíveis de serem realizados.

Gostaria de fazer ainda um agradecimento especial ao meu Orientador, Prof. Dr. Francisco Ramos de Farias, por ter me acolhido quando lhe procurei, bem como pelo incentivo, escuta e suporte desde o início e durante esses quase quatro anos de trabalho, nos quais tenho certeza que cresci e aprendi. Sem o seu incentivo e confiança (além da boa dose de paciência) este trabalho não seria o mesmo.

De muita valia foram os ensinamentos dados pelos professores/as que sempre bastante receptivos e com muito carinho me acolheram e ajudaram nesse trabalho, destacando um agradecimento especial a Diana, Jô e Maria Salet.

Aos meus amigos agradeço pela paciência nos momentos em que não pude estar próximo bem como por estarem sempre ao meu lado nos bons e maus momentos, tornando a minha trajetória até aqui mais leve e até mesmo divertida.

Não posso deixar de lembrar todos aqueles que anonimamente dispensaram parte de seu tempo para conversar e darem seus depoimentos informais sobre vivências e experiências, me ajudando a entender um pouco mais do universo em que estava adentrando para pesquisar.

Por fim gostaria de agradecer à UNIRIO por seu apoio Institucional e financiamento dado para participação em eventos onde pude trocar experiências que foram de grande valia para a consolidação desse trabalho.

“Somos iguais
Na anatomia.
E, quem diria...
Iguais se atraem;
Desfrutamos da paz,
Amor e Alegria.
Tristeza, Agonia,
De fraqueza caem.”

Anita Costa Prado

RESUMO

O presente estudo trás, sob o viés da Memória Social, o tema da homossexualidade. Ao longo do trabalho busca-se fazer uma articulação entre a construção de homossexualidades e de identidades associadas a ela a partir da memória, tanto no campo individual como coletivo. Esse estudo aparece como um aprimoramento de pesquisas realizadas anteriormente onde aqui surge como foco o indivíduo, representado por aqueles que possuem práticas homoeróticas – podendo ou não se identificarem como gays. Desse modo procurou-se fazer uma ligação entre os conceitos de memória coletiva, identidade e estigma, bem como entender sua manifestação espacial a fim de posteriormente entrar no campo onde esses conceitos se manifestam na prática. Para isso foram escolhidos três locais frequentados comumente por homossexuais, para fins distintos, sendo esses uma boate, um espaço aberto e uma sauna. Essa diversidade de espaços teve como objetivo permitir a observação dos diversos modos de comportamento do homem que possui práticas homossexuais. A partir da observação desses indivíduos e da dinâmica desses lugares foi possível entender um pouco do universo homossexual, com suas dificuldades e estratégias de luta. Espera-se com isso contribuir para a quebra de alguns tabus relativos à homossexualidade bem como promover melhor qualidade de vida para esse segmento da população.

Palavras-Chave: Homossexualidade; Memória; Identidade; Sociabilidade Homoerótica; Estudos de Gênero;

ABSTRACT

The following study brings the theme of homosexuality through the bias of Social Memory. This work seeks to connect the construction of what homosexuality is and the identities associated to it based on memory, not only individually, but also collectively. This study arises as an improvement of the researches previously held, here aiming its focus on the individuals represented by those who have homoerotic practices – being that those individuals may identify themselves as gays or not. In order to do that, it was sought to establish a connection between the concepts of collective memory, identity and stigma, as well as to understand its spacial manifestation so that it would be possible to get into the field in which these concepts are indeed manifested. To that end, three places usually visited by homosexuals for different reasons were chosen, being these a nightclub, an open area and a sauna. Such diversity of spaces aimed to allow the observation of the several ways in which a man who has sexual practices behaves. From the observation of these individuals and the dynamics of those places it was possible to understand a little bit of the homosexual universe, with its difficulties and struggle strategies. Thus, this work aims to hopefully contribute to the breakdown of some taboos related to homosexuality, as well as the promotion of a better quality of life to this group of the society.

Key words: Homosexuality; Memory; Identity; Homoerotic Sociability; Gender Studies.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1. Justificativas	15
1.2. Trajetória do estudo	17
1.3. Objeto de estudo e objetivos	21
1.4. Estrutura da tese	23
2. MEMÓRIA E IDENTIDADE	25
2.1. A memória na formação da identidade	25
2.2. Considerações sobre identidade	37
2.3. Identidade, estigma e homofobia	44
3. LUGARES E DINÂMICAS	55
3.1. Espaço como base	56
3.2. Desdobramentos do espaço: a construção do lugar	59
4. METODOLOGIA	66
5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO	74
5.1. Sauna	74
5.1.1. Relações interpessoais na sauna	79
5.2. Praia	83
5.2.1. Breve histórico da região	86
5.2.2. Impressões das relações na praia	88
5.3. Boate	93
5.3.1. Relações interpessoais na boate	95
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
ANEXOS	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	145

1. INTRODUÇÃO

O medo é um preconceito dos nervos. E um preconceito,
desfaz-se, basta a simples reflexão.

Machado de Assis

No cotidiano de nossa sociedade, a presença de um sujeito ou uma simples visualização de uma situação onde se explicita a homossexualidade gera, em alguns momentos, estranheza àquele que presencia. Tal estranheza nos leva a seguinte questão – quais percepções e/ou sensações tal situação ou indivíduo que manifeste comportamento dito homossexual provoca a um sujeito que experimenta desconforto ao presenciá-la e porque isso ocorre?

Tal reflexão é levantada, pois a cada dia é possível perceber que o tema continua sendo cercado de crendices, tabus e curiosidades e muitas vezes surgindo como centro de discussões nas mais diversas esferas, desde uma simples conversa de bar, até a proposição de projetos de lei nas Câmaras Legislativas dos mais diversos países, sendo estes sempre alvos de discussões acaloradas.

Do mesmo modo é possível observar que nossa sociedade vem sofrendo inúmeras mudanças, tanto econômicas quanto sociais, refletindo na emergência desses novos atores sociais que resultam, dentre outras questões, em novos padrões familiares e em um rearranjo do espaço urbano. Associado a isso vemos a maior visibilidade que alguns movimentos sociais vêm ganhando nos últimos anos - como é possível observar no caso do movimento homossexual.

Pensando por sua vez no homossexual como um sujeito que atua num conjunto maior – a sociedade – é importante pensarmos na sua construção enquanto sujeito participante de um grupo estigmatizado bem como em sua inter-relação com esse todo.

Nesse sentido muito tem se falado em respeito às diferenças e à diversidade, que pode variar desde a diversidade de ideias, de credos, chegando à diversidade sexual e de gênero. Esse discurso nos leva a refletir sobre o tema da identidade, que varia de grupo para grupo, bem como de pessoa para pessoa. Podemos aceitar, portanto, a ideia de que cada sujeito carrega consigo múltiplos traços identitários, assumidos através de suas escolhas, de seu estilo

de vida, suas ações e modo de pensar, logo, construídos através das semelhanças (e diferenças) entre as pessoas.

Porém algumas dessas identidades assumidas por esses sujeitos podem fazer com que o mesmo sofra discriminação, gerando sua exclusão perante algum grupo ou mesmo em relação a sociedade em geral, exclusão essa que pode vir a ocorrer quando uma dessas identidades interfere em outros papéis que essa pessoa represente. Nesse sentido, por receio, insegurança ou para se preservar, uma pessoa pode ocultar, ou simplesmente não revelar em determinados momentos uma identidade para poder exercer certos papéis sociais, ou mesmo para poder participar de determinado grupo.

Portanto é possível perceber que os sujeitos passam por experiências de fragmentação em suas relações pessoais e em seu trabalho, circulando por grupos de identidades diversas, expressando também alguns dos papéis sociais que exercem (HALL,1997).

Nesse sentido, devido a um modelo de sociedade heteronormativa que vem sendo construída ao longo das gerações, é comum que homossexuais sofram exclusão, ou mesmo sejam submetidos a constrangimentos ao exporem sua identidade em determinados locais, ou na presença de determinados grupos, chegando alguns até mesmo a sofrerem agressões (verbais e físicas), como evidenciam diversas notícias de jornais. Em alguns casos extremos (e eventuais) ocorre o assassinato da vítima como o GGB (Grupo Gay da Bahia) vem expondo anualmente em seus relatórios. Mesmo tendo posse de tais dados relativos à vulnerabilidade do sujeito homoafetivo, tramitam no congresso nacional propostas que agravam ainda mais tal situação como a que propõe o tratamento para “cura” da homossexualidade, em detrimento da PLC 122, que criminaliza a homofobia. Tais fatos demonstram um exemplo de como a exposição de uma identidade – mais especificamente a identidade ligada à sexualidade – pode interferir na vida de um indivíduo, impossibilitando-o muitas vezes de exercer suas outras identidades.

Entretanto é importante observar que tais atitudes fazem parte de uma construção histórica que colocou a homossexualidade como um estigma, estando tal construção presente na memória de nossa sociedade, criando uma lógica normatizada/higienizada de sexualidade que vem permitindo a perpetuação da homofobia como regra aceita por diversos grupos sem questionamentos.

Com isso muitos homossexuais não vivenciam, de forma plena, a sua identidade, vivendo *dentro do armário*¹, pois o fato desse sujeito assumir a sua identidade homossexual acarretaria problemas na vivência de suas outras identidades. Isso ocorre devido à homossexualidade aparecer em nossa memória coletiva como algo errado, desviante, resultando em conflitos envolvendo esse perfil de sujeito, fazendo com que o mesmo recorra a espaços de sociabilidade homossexuais para exporem de forma plena essa identidade.

Nesse sentido vemos ao longo dos anos se multiplicarem no espaço urbano territorialidades homoeróticas, ou espaços de sociabilidade homossexuais. Esses espaços podem ser vistos como expressões territoriais dessa identidade, que vem conseguindo se delimitar, se impondo no espaço.

A partir disso é importante ressaltar que tais espaços vão servir como locais onde os homossexuais podem interagir e encontrar com o seu semelhante sem sofrer discriminações por parte da sociedade dominante, embora estes não estejam totalmente livres de conflitos, como será possível perceber no decorrer do estudo.

No entanto vemos que, mais do que isso, os espaços de sociabilidade homossexuais servem como abrigo, ou refúgio, sendo ainda um local de afirmação e resistência de uma identidade que consegue, a partir desses espaços, construir marcas na memória da sociedade ajudando esta a questionar e desconstruir a imagem negativa que ao longo de gerações é associada à homossexualidade.

Em contrapartida, ao observarmos alguns símbolos e representações encontrados no espaço urbano brasileiro, é possível percebermos que seu arranjo reafirma a norma heteronormativa, não permitindo na maioria dos casos que ocorram manifestações que fujam a essa ordem, o que dificulta a criação de espaços de sociabilidade homoafetivos no contexto urbano brasileiro. Uma exceção a isso é percebida em contextos efêmeros, como durante o Carnaval, quando essa ordem binarista é temporariamente subvertida. Tais representações desta heteronorma são percebidas com clareza quando observamos as divisões dos banheiros de acordo com o sexo, bem como na divisão sexista imposta pela mídia onde a noção de casal deixa implícita a relação homem-mulher. Vale ressaltar ainda algumas ações vistas como inclusivas e visando garantir a igualdade de gênero, como a criação de um vagão exclusivo para mulheres no metrô do Rio de Janeiro deixa dúvidas sobre a permissão de travestis e transexuais no ingresso a esses locais, por exemplo. Desse modo cabe refletirmos sobre a

¹ Gíria utilizada para definir o sujeito que não assume socialmente a sua homossexualidade. O ato de assumir socialmente a homossexualidade é conhecido pela expressão *coming out*, abreviação de “*coming out the closet*” ou, saída do armário.

ideia de democratização do espaço urbano abarcando nela questões como gênero e sexualidade e suas manifestações socioespaciais, visto que uma medida como a criação de vagões “especiais” não busca corrigir o problema (o agressor), mas sim isolar a vítima, do mesmo modo que há o isolamento dos homossexuais em espaços de sociabilidade e não sua plena inserção na sociedade.

Partindo disso, vale ressaltar que, segundo “a Constituição de 1988, a prática urbanística busca não apenas reconciliar o cidadão com seu espaço, mas igualmente com seu sistema de representação social e político”. (FARIAS, 2012:102). Desse modo, é possível perceber que muitos são os excluídos do espaço urbano, tendo assim que recorrer a espaços privados, que por sua vez também não são de livre acesso a todos por seguirem, na maioria dos casos, uma lógica de mercado. Sendo assim cabe discutir sobre que atores estão inseridos nesse espaço bem como (re)pensarmos questões relativas ao direito à cidade e seus personagens envolvidos.

Sendo assim temos um processo de exclusão social de LGBTTs² refletindo também em exclusão territorial, a partir de sua segmentação no espaço urbano. Isso é percebido no momento em que o espaço urbano reflete uma lógica heteronormativa vista como “natural”, punindo muitas vezes com violência àqueles que fogem a essa norma, salvo dentro de “enclaves” reservados, ou seja, em espaços homosociais ou de sociabilidade homoafetivos.

Cabe ressaltar ainda que nas cidades brasileiras, ao contrário de outros países, não temos registro de formação de guetos *gays*, como o *Soho* (Londres), o *Marais* (Paris), o *Castro* (São Francisco) dentre outros espalhados por diversos países. É importante lembrar que para um espaço ser definido como *ghetto*, ele deve atender a quatro requisitos que foram expostos por Perlongher (1986), sendo estes (1) concentração institucional; (2) existência de uma área cultural; (3) certo isolamento social e; (4) concentração residencial.

Tal diferenciação das cidades brasileiras em relação às citadas implica ainda questionar se esses guetos seriam de fato uma manifestação de força dessa identidade ou uma reafirmação de sua segregação e não aceitação por parte da sociedade. Desse modo a sociedade brasileira seria menos tolerante ou o movimento LGBT menos avançado em relação ao dos países citados? Poderíamos pensar ainda, em um movimento inverso, que a sociedade brasileira seria mais tolerante e, por essa razão, não haveria necessidade de ghettos como os existentes nos países acima citados?

2 Sigla usada para referência a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

É válido ainda pensarmos se a guetificação nos moldes atuais não leva à satisfação de uma lógica capitalista que procura facilitar a busca por mercados segmentados bem como, no caso da homossexualidade, criar modelos de comportamento visando alcançar o que podemos chamar de *Pink Money*³.

Por fim vale ressaltar ainda que a presença de guetos gays não seria de fato sinônimo de maior aceitação da homossexualidade ou reconhecimento de suas demandas e direitos, visto que a sociedade norte-americana, onde há ocorrência desse tipo de gueto, muitos de seus Estados não apresentam projetos de leis aprovados como o casamento entre pessoas de mesmo sexo, enquanto países que não apresentam guetificação como Argentina e Uruguai já aprovaram tal projeto de lei, o que nos faz pensar separadamente na homossexualidade em um contexto latino-americano.

Sendo assim, sob a luz dessas questões que se manifestam num viés espacial, temos um grupo que, embora heterogêneo, se manifesta, ou tenta manifestar sua(s) identidade(s) em meio a essa exclusão, nos levando a refletir sobre suas práticas e performances nos diversos espaços, tendo a memória coletiva como um dos agentes capazes (re)definir tais comportamentos.

Cabe portanto fazermos algumas questões em âmbito local que nortearão o presente estudo: Como a(s) identidade(s) homossexuais se manifestam no espaço urbano do Rio de Janeiro? Onde e como a memória está inserida na construção dessa(s) identidade(s) e seus respectivos espaços de sociabilidade?

1.1. Justificativas

Como dito anteriormente, nos últimos anos a questão homossexual vem ganhando cada vez mais visibilidade, inserindo-se na memória coletiva da sociedade, através de diversos instrumentos como aumento do número de Paradas do Orgulho Gay, existência de representantes que defendam essa causa no Congresso Nacional, maior exposição na mídia, dentre outros. Desde os anos 1990, as Paradas LGBT, por exemplo, vêm ocorrendo em cada vez mais cidades e com visível aumento de público a cada edição, embora venha se percebendo uma estabilização nesse número de participantes nas Paradas de maior visibilidade, como as das capitais do Rio de Janeiro e São Paulo.

³ *Pink Money* ou Dinheiro Rosa (em Português) é uma expressão criada para definir o poder de compra do homossexual no mercado.

Tal estabilização vem ocorrendo em um momento em que é possível perceber que o movimento LGBTTT no Brasil vem lançando mão da busca real por direitos a partir da sua entrada na política, pela iniciativa de parlamentares favoráveis à causa. Temos assim formada uma Frente Parlamentar Mista pela Cidadania LGBT que busca aprovação efetiva de leis que viabilizem direitos a essa parcela da população.

Entretanto esse esforço vem sido duramente combatido por uma parcela de deputados que vem lutando contra essa causa em suas plataformas de governo, como é o caso da bancada evangélica que usa para tal o discurso de proteção da família.

Nesse sentido o presente estudo traz para discussão o tema da sexualidade, mais especificamente buscando entender a influência da memória na construção de identidade(s) homoafetiva(s) – com foco no homossexual masculino (gay) – a partir de suas performances e práticas sociais em espaços de sociabilidade homoafetivos. A opção por tal recorte em detrimento da entrada de outras identidades, não menos importantes como objeto de pesquisa, se deu pois requereriam tempo maior de pesquisa e observação, dadas as particularidades e demandas específicas que apresentam, o que inviabilizaria o estudo no cronograma proposto, logo o foco em uma identidade permite que tal objeto seja aprofundado, resultando em uma análise menos superficial.

Associados a essa questão vemos, por sua vez, dois elementos constitutivos da memória, que nos ajudarão no entendimento de algumas questões levantadas, sendo esses elementos os acontecimentos “vividos pessoalmente” e os “vividos por tabela” (POLLAK, 1992). Tais elementos se tornam fundamentais a partir do momento que observamos os espaços de sociabilidade como locais onde ocorre a partir destes, construção de memória e esta é repassada através dos contatos interpessoais e intergeracionais.

Por sua vez é importante ressaltar que não é possível encarar a homossexualidade como uma identidade única capaz de refletir o grupo de forma homogênea, devido às diferentes experiências pelas quais os indivíduos passam, variando de acordo com fatores como localização geográfica, condição social e religião.

Essa diversidade de sujeitos e práticas faz com que pensemos na existência de formas distintas de expressão da homossexualidade, ou seja, em homossexualidades, que irão variar de acordo com características do local de vivência e da cultura, refletindo por sua vez na forma como esses espaços se apresentam e no perfil de indivíduos que os frequentam.

Como consequência dessa variação, é possível perceber a fragmentação cada vez maior dos espaços, existindo locais onde a frequência de gays é maior, bem como outros onde predominam lésbicas ou mesmo travestis, HSHs⁴, dentre outros perfis não-heteronormativos.

Dado isso, por se tratar de um elemento constituinte, torna-se importante uma investigação da memória dessas diversas identidades que compõem a identidade homossexual, buscando entender sua construção e como ela interfere nas posturas atuais dos membros desse grupo.

Considerando esses argumentos é possível pensar sobre a proposição de políticas que melhor atinjam essa parcela da população carente de políticas que visem o seu bem estar e que sofre diariamente com o preconceito da sociedade dominante. Desse modo faz-se necessário o entendimento dessa realidade para melhor atuação na prevenção dessas discriminações, procurando assim diminuir o hiato social existente entre heteronormativos e não-heteronormativos. É importante ainda ressaltar que melhor conhecendo essa população, mais eficazes serão os planos de atuação para políticas ligadas a saúde coletiva e prevenção de DST/AIDS.

1.2. Trajetória do estudo

Há aproximadamente sete anos, ainda durante minha graduação em Geografia, surgiu uma curiosidade em entender porque a homossexualidade causava tanta estranheza e ao mesmo tempo curiosidade nas pessoas. Essa curiosidade aliada ao olhar geográfico a cerca do espaço gerou uma inquietação sobre a existência de espaços voltados especificamente para o público homossexual e principalmente a segregação que esses espaços (e indivíduos) sofriam em detrimento dos demais.

Desse modo a Geografia foi de suma importância para o levantamento dessas questões e para que estas comesçassem a serem respondidas. Sua importância se deu ainda no sentido de fornecer ferramentas para análise do espaço geográfico, seus signos e dinâmicas. Conhecer e entender conceitos como território e territorialidade, intimamente ligados à ideia de relação de poder entre o homem e o espaço fez com que fosse percebida a capacidade de grupos como os homossexuais em participar desse “jogo” de poder, delimitando territorialidades e se fazendo presentes e visíveis (quando possível) no espaço urbano. Através da análise espacial portanto

4 Homens que fazem Sexo com outros Homens. Esse conceito foi definido para abranger uma parcela da população de homens que possuem práticas homossexuais mas não se definem como gays. Tal conceito busca inserir o maior número de pessoas em políticas públicas como as de prevenção a DSTs.

foi possível perceber que esses sujeitos não só causavam estranheza e curiosidade como demarcavam suas diferenças em relação ao todo espacialmente, garantindo assim que seus encontros e interações ocorressem, proporcionando que tais pessoas pudessem exercer de forma relativamente livre sua identidade.

Entretanto, tamanho era o desafio no sentido de se entender esse sujeito, fazendo com que o primeiro passo fosse dado a partir do estudo de caso que fez uma análise descritiva das territorialidades homoafetivas da Farma de Amoedo – Ipanema, Rio de Janeiro (BARRETO, 2007). Nesse estudo foi possível observar um exemplo de como os homossexuais seriam capazes de delimitar um território/territorialidade bem como, observar um pouco de como se deu a formação desse espaço, tratando de forma intuitiva da memória do mesmo⁵.

Cabia, entretanto, observar que a manifestação espacial da(s) homossexualidade(s) não se restringia(m) somente à praia ou a espaços abertos, muito menos a uma só região da cidade – Zona Sul – embora fosse possível perceber nessa análise superficial que a praia, um espaço aberto e de livre acesso, garantia uma democratização maior das diferenças. Muito disso se vale também pela maior visibilidade dos corpos em exposição, visto que o corpo humano por si só é cercado de tabus e, na praia, sua visibilidade desconstrói grande parte desses. Temos assim a ausência de roupas que demarcam certo status social através da ostentação de grifes e modelos, garantindo também maior interrelação entre classes nesse espaço. Sua localização em um bairro nobre da cidade, frequentada em grande parte por uma elite local bem como por turistas (nacionais e estrangeiros) influenciam na consolidação desse território.

Após esse estudo inicial, o contato a partir de então com a Demografia, através de seus métodos que envolvem análise quantitativa aliada a uma observação qualitativa, permitiu que fosse dada continuidade a essa investigação. No entanto a análise sociodemográfica me permitiu perceber que essa população específica sofria invisibilidade não só socialmente mas também pela ausência de dados capazes de descrevê-la.

Essa “invisibilidade numérica” dificultava a proposta inicial de um quantitativo/qualitativo, para entender melhor esses sujeitos. Num levantamento prévio dessa questão, foi possível perceber portanto que no Brasil não havia pesquisas de cunho quantitativo que estudassem no âmbito nacional tais indivíduos, exceto em alguns levantamentos médico-sanitários como os dados relativos à HIV-AIDS disponibilizados pelo Ministério da Saúde através do DATASUS, onde é possível se desagregar esses dados pela orientação sexual, visto que a epidemia se deu em maior parte, no seu início, entre os gays.

⁵ A memória foi tratada de forma intuitiva visto que o foco teórico do trabalho em questão era o território e a descrição da territorialidade ali formada.

Entretanto um avanço foi dado no sentido de mostrar a visibilidade dessa população com a entrada da variável “cônjuge de mesmo sexo” no questionário do Censo 2010 realizado pelo IBGE. O órgão já havia implementado essa variável teste na Contagem Populacional realizada em 2007, no entanto tal pesquisa foi realizada com limitação de recursos orçamentários e devido a isso, o IBGE optou por realizar a Contagem nos municípios com até 170 mil habitantes e em mais 21 municípios, pois em algumas Unidades da Federação apenas poucos municípios ficariam de fora da cobertura da Contagem por terem mais de 170 mil habitantes, portanto o IBGE decidira incluí-los também na pesquisa, fazendo com que fosse alcançado 97% dos municípios, totalizando 5435 municípios brasileiros.

No entanto, cabe ressaltar que essa amostra representaria em torno de 60% da população brasileira, logo os 3% restantes do total de municípios brasileiros, representado principalmente pelos grandes centros urbanos, seriam responsáveis por conterem grande parcela da população, algo em torno de 40% do total. Estimasse ainda ser no contexto dos grandes centros urbanos que se manifestem de forma mais aberta fenômenos como o da homossexualidade, o que somente uma pesquisa mais aprofundada como o Censo poderia responder⁶.

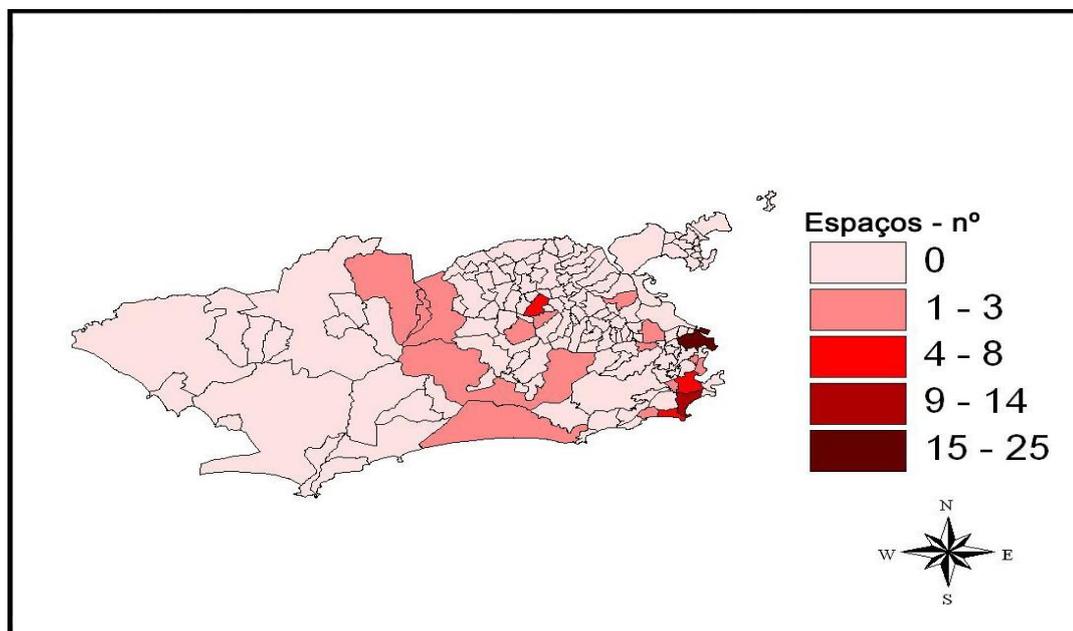
Vale lembrar que existem inúmeras dificuldades em se construir esse perfil de sujeito, muito pela considerável dificuldade no que concerne à aceitação em tornar públicas as questões acerca de sua orientação sexual para o recenseador.

Com essa escassez de dados que viessem a responder as questões que possuía naquele momento, não foi possível realizar uma análise sociodemográfica mais aprofundada dessa população, trabalho que ainda hoje com posse dos dados do Censo 2010 seria de difícil realização visto a possível subnotificação desses casos.

No entanto, associando a Geografia à um arcabouço teórico oriundo da Demografia, foi realizado um trabalho de tipificação e espacialização dos principais tipos de espaços de sociabilidade LGBTTT do município do Rio de Janeiro. (ver mapas 1 e 2 abaixo)

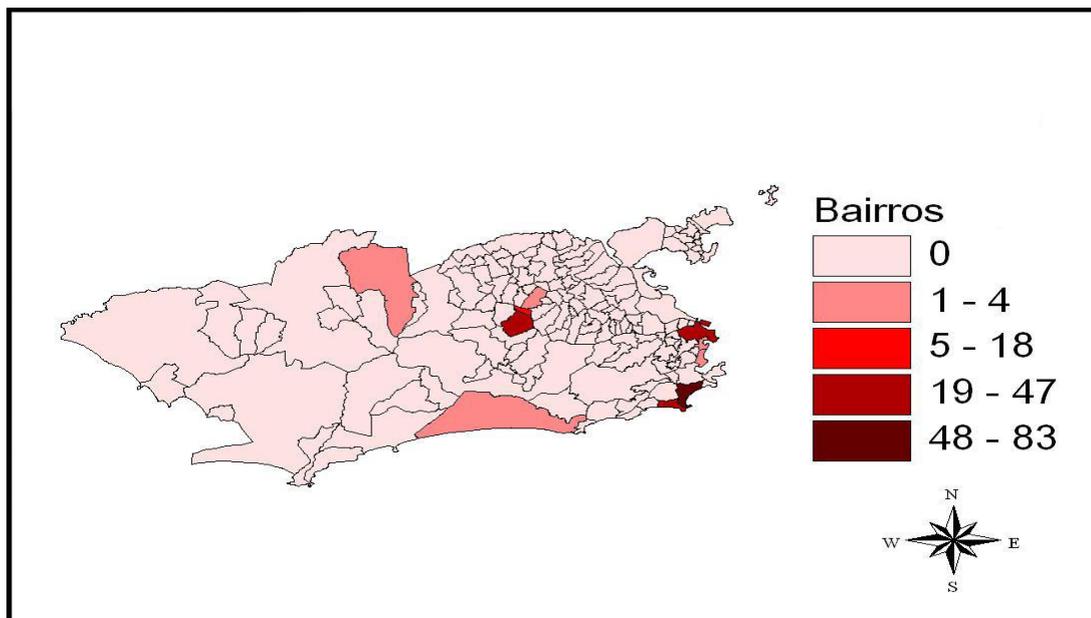
6 Mais detalhes sobre a análise dos resultados da Contagem Populacional em BARRETO, 2010.

MAPA 01: distribuição dos espaços de convivência homossexuais do Rio de Janeiro - 1993



Fonte: ABIA, 1993. Elaborado por Rafael Barreto

MAPA 2: localização dos espaços preferidos por frequentadores da parada LGBT do Rio de Janeiro – 2003



Fonte: CLAM/IMS/UERJ, 2003. Elaborado por Rafael Barreto

Os mapas acima (mapas 01 e 02) retratam o município do Rio de Janeiro e sua divisão política por Bairros. Neles é possível perceber que tanto a concentração de espaços de sociabilidade quanto os locais de preferência, segundo dados da ABIA (1993) e do CLAM (2003), se dá majoritariamente nas áreas do Centro e da Zona Sul do Rio de Janeiro (áreas mais escuras à direita dos mapas). Essa distribuição também interferiu na escolha dos espaços pesquisados no presente estudo.

No decorrer desse estudo surgiu como hipótese que a escolha por determinado tipo de espaço de sociabilidade refletiria muito da identidade desse sujeito, bem como, numa relação dialética, esses espaços apresentavam traços relativos a esses sujeitos que o ocupavam fazendo dele um território. Isso seria possível dada a capacidade do ser humano de imprimir aos espaços a(s) sua(s) identidade(s) a partir da implementação de símbolos que o modificam e caracterizam.

Desse modo, dada a variedade de espaços de sociabilidade LGBTTT que existem no espaço urbano é possível supormos a existência de diferentes perfis de homossexuais. Com isso, após essa trajetória, é chegada a hora de adentrar em alguns desses espaços e, sob o prisma da Memória Social, estudar através da observação de suas dinâmicas, os indivíduos que os ocupam.

1.3. Objeto de estudo e objetivos

Ao longo da trajetória de estudos foi possível perceber a existência dos mais diversos atores que compõem o conjunto de frequentadores de espaços homosociais. Alguns locais apresentam maior uniformidade, principalmente os espaços privados, onde é exigido pagamento de entrada, bem como os espaços onde o foco é a prática sexual – como as saunas – pois nessas só é permitida a entrada de homens, havendo assim uma delimitação sexual e de gênero.

Visto que ao tratarmos da questão homossexual temos uma diversa gama de opções de perfis de indivíduos que possuem traços bastante distintos e vêm lutando para que estes sejam respeitados, temos o que Fachinni (2005) aponta como sendo uma “sopa de letrinhas”. Tal expressão foi criada para explicar o contínuo aumento da sigla, anteriormente composta por três letras (GLS) hoje reunindo sete - LGBTTIQ⁷, o que reflete a diversidade interna que o

7 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Intersexuais e Queers.

grupo apresenta, onde cada subgrupo apresenta uma particularidade que reflete inclusive em suas demandas.

Tal fato pode ser explicado em parte devido à negação dos sujeitos em aderirem a classificações que foram impostas por alguém que é exterior a essa(s) categoria(s).

Desse modo Hacking (1994) nos apresenta os *tipos humanos*, explicando o impacto que a classificação dada a esses *tipos* causa no sujeito classificado, podendo este concordar ou não com essa classificação ou mesmo utilizá-la como forma de se afirmar na sociedade. Tal impacto é denominado pelo autor como “*looping effect*” ou efeito rebote. Para o autor, o efeito rebote ocorre no momento em que o sujeito – tipo humano – pode querer ou não ser identificado da forma na qual foi classificado, sendo isso variável de acordo com os valores morais e sociais implícitos na classificação. Logo, uma classificação tida socialmente como depreciativa poderá ser negada por esse sujeito e/ou retrabalhada por ele, gerando uma nova classificação.

É importante ainda ressaltar que Hacking (1994) aborda o grande poder que os “tipos humanos” possuem de abrir possibilidades de ações futuras onde, segundo ele, esses tipos utilizam suas experiências do passado para redefini-las transformando assim o presente. Nesse momento temos então a memória como sendo de suma importância na construção dos sujeitos que hoje atuam e tendo sua construção com base em um histórico que vem sendo (re)definido constantemente ao longo dos anos.

Sabendo da dificuldade de definição desse tipo de sujeito, dada a sua fluidez, o presente estudo terá como objeto homens com práticas homoafetivas. Nesse conjunto, portanto, estarão incluídos no estudo os Gays masculinos e os HSHs dada a dificuldade do próprio sujeito em se incluírem/diferenciarem a partir de alguma classificação existente. Não será possível distinguir no estudo os Gays dos HSHs, visto que somente através de entrevistas poderia ser possível levantar tais diferenças, e na metodologia (a ser descrita posteriormente), estas não estão previstas.

Partindo da definição desses sujeitos como objeto do estudo, o objetivo geral visa analisar o comportamento de homossexuais masculinos e HSHs frequentadores dos espaços escolhidos para pesquisa, diferenciando-os a partir de sua coorte⁸ geracional, bem como avaliar a partir da memória coletiva as suas performances identitárias e interação entre essas coortes, buscando entender a dinâmica da relação desses sujeitos entre si bem como sua relação com o espaço frequentado.

⁸ Coorte é um termo comumente utilizado na Demografia para designar um grupo de indivíduos que têm em comum um conjunto de características e que são observados durante um determinado período.

Como objetivos específicos o presente estudo faz uma descrição dos locais escolhidos para estudo pois estes, de acordo com a sua localização, estrutura, dentre outros pontos, podem influenciar também na construção desse sujeito e suas práticas. Serão avaliadas, conforme dito anteriormente, comparativamente as diferentes coortes geracionais que interagem nesses espaços, analisando também como ocorre transferência de memória entre sujeitos homoafetivos que os frequentem.

1.4. Estrutura da tese

Nesse momento inicial está sendo tratada a importância do tema da homossexualidade para a sociedade bem como sua relevância acadêmica, visto que o aprofundamento desse tema faz com que cada vez mais ele seja de conhecimento público e desmistificado, resultando assim e melhoria das condições desse sujeito pesquisado.

Com isso, o presente trabalho foi dividido em mais 04 (quatro) momentos que sucedem esse inicial, separados em capítulos, tendo por fim uma conclusão, momento no qual serão retomados alguns pontos de maior relevância, discutidos os resultados encontrados em campo e levantando questionamentos para pesquisas futuras, totalizando assim 06 (seis) capítulos. Desse modo, os dois momentos que sucedem a introdução trabalharão questões teóricas de influência direta no trabalho campo realizado, que será exposto no quarto momento após a definição da metodologia aplicada (terceiro momento).

Dada a complexidade dos conceitos utilizados nessa pesquisa, ocorreu a divisão do capítulo teórico em duas partes, sendo a primeira relativa aos conceitos Memória e Identidade, utilizados para o entendimento dos sujeitos da pesquisa (homens com práticas homoeróticas) e a segunda parte para tratar especificamente do conceito de Lugar, importante para trabalhar a relação dos sujeitos pesquisados com os espaços escolhidos para o campo.

Visto esses conceitos, o terceiro momento do estudo se dedica a descrever a metodologia utilizada bem como o recorte espacial escolhido, a fim de situar o leitor acerca do espaço que fora estudado, bem como sobre a conduta do pesquisador e o que foi realizado durante o campo para gerar esse estudo.

Tendo realizada a exposição da metodologia empregada, o quinto capítulo vem descrever os locais pesquisados bem como a dinâmica destes, incluindo desde as características físicas dos locais, até o perfil dos frequentadores e suas condutas no interior desses espaços. Nesse capítulo serão relatadas as dinâmicas internas e realizadas algumas interpretações em torno do que está sendo descrito, com base no aporte teórico levantado. Entretanto nas

considerações finais – visto que não há uma conclusão acerca do tema, mas sim considerações sobre o tema com base no que fora pesquisado – serão aprofundadas algumas análises do campo, de modo que sejam realizadas comparações possíveis entre os espaços pesquisados, ou seja, procurando pontos de intercessão entre os sujeitos pesquisados bem como verificando a influencia da memória perpassando por essas questões. Nesse momento serão expostas algumas questões não respondidas que poderão servir de base para futuras pesquisas.

2. MEMÓRIA E IDENTIDADE

Quando se gosta da vida, gosta-se do passado, porque ele é o presente tal como sobreviveu na memória humana.

Marguerite Yourcenar

2.1. A memória na formação da identidade

Trabalhar os conceitos de Identidade e Memória implica, dentre outras questões, em pensar um sujeito em construção, com definições que são formadas no decorrer de um processo temporal constante, não havendo assim um ponto de chegada no qual tal identidade estaria completa, ou seja, imutável a partir de então.

Logo, identidade e memória devem ser entendidas de acordo com o contexto e com a sociedade em que está sendo feita a observação. Para isso podemos perceber que existiriam dois tipos de sociedades: as sociedades holistas e as sociedades individualistas sendo a distinção entre elas muito importante para os estudos de memória social. Desse modo Abreu (2005) revela que nas primeiras [holistas], a memória é uma dimensão do coletivo e do sagrado, ou seja, “a memória [é] não apenas social, mas fundamentalmente cósmica, havendo o predomínio de uma representação mítica do tempo.” (p.40)

Entretanto tal perfil não representa o que temos atualmente como sociedade. É possível perceber que esta apresenta hoje um perfil individualista no qual, segundo a autora, “a memória é uma dimensão do indivíduo e se consubstancia nas biografias como acúmulo na linha de flecha – uma representação de tempo linear que se dirige do passado para o futuro”. (Abreu, 2005:40)

Assumindo como sendo atualmente predominantes os tipos individualistas de sociedade, é possível perceber que nelas o tempo aparece, segundo Gondar (2005) como sendo um componente que interage com o sujeito enquanto categoria no sentido que esse [sujeito] ao mesmo tempo em que se transforma com o tempo, recusa esse tempo que se arrefece, visto que sua dimensão enquanto sujeito é finita. Dessa maneira podemos perceber o uso da memória e seus elementos por parte do sujeito como uma forma de tornar infinita sua passagem no mundo. Temos portanto que esse caráter temporal pode ser percebido de formas diferentes de acordo com as sociedades.

Partindo desse caráter temporal do processo de formação identitária, é importante pensarmos como sua associação com a Memória Social, seja no seu caráter individual, seja no coletivo, influencia na formação dos sujeitos e sua(s) identidade(s).

No caso da homossexualidade, entendida nesse contexto como identidade(s), é possível perceber um embate entre a sua tentativa em estabelecer seus indivíduos enquanto grupo numa sociedade que os percebe como algo anômalo, logo, devendo ser corrigido ou escondido. Tal embate irá interferir de forma direta nessa memória pois, para aqueles que enxergam a homossexualidade como algo desviante, esta deve ser extinta. Como construir então uma identidade pela qual parte de seus elementos pode levar à sua rejeição, afetando sua manutenção enquanto grupo?

Visto isso, a partir de agora serão aprofundados alguns conceitos envolvendo o papel da memória na formação de identidade(s) para que seja possível verificar como esses aparecem no cotidiano observado nos espaços de sociabilidade homoafetivos escolhidos para esse estudo.

Para melhor entendermos essa relação da memória como elemento formador de identidades, é importante darmos um enfoque na Memória Social desde o seu conceito, para assim analisarmos as implicações práticas dela na construção dos sujeitos.

Desse modo vale destacar que a Memória Social é um conceito que, do mesmo modo que a identidade, “está sempre por ser criado” (Gondar, 2005:15), ou seja, é dinâmico e impossível de ser definido de forma unívoca. Partindo disso conclui-se que ocorre, no caso da Memória Social, a observação de um caráter transdisciplinar visto que para ser possível entendê-lo, é necessário por em diálogo diversos campos disciplinares, fazendo com que tal conceito não seja passível de ser definido a partir de um campo disciplinar próprio, como nos mostra Gondar (2005:15)

A Memória Social, como objeto de pesquisa passível de ser conceituado, não pertence a nenhuma disciplina tradicionalmente existente, e nenhuma delas goza do privilégio de produzir o seu conceito.

Com isso é possível concluir a riqueza desse conceito e ao mesmo tempo o desafio que impõe o seu estudo. É possível percebermos ainda esse caráter transdisciplinar da Memória Social dado que sua construção se dá a partir do seu diálogo – e muitas vezes do embate – com diversas disciplinas.

Buscar uma explicação sobre o que seria a memória, aparece como sendo uma tarefa árdua da qual o presente estudo não se objetiva realizar, mas sim utilizá-la como ferramenta chave no entendimento do comportamento dos indivíduos homoafetivos e sua relação com os espaços frequentados. Cada espaço remete para o indivíduo que o habita ou transita por ele memórias que são associadas a sua vivência naquele local, ou expectativas relacionadas à vivência de outros indivíduos, o que irá interferir no comportamento desse frequentador. Foi possível observar essa questão em meu próprio comportamento ao longo do período em que foi realizada a pesquisa de campo, em relação aos espaços pesquisados no que se refere à expectativa prévia baseada em relatos de frequentadores e, posteriormente minha efetiva visão consolidada ao longo das recorrentes visitas.

Dessa forma, dada a complexidade do objeto escolhido para estudo e as inúmeras questões que o cerca, percebe-se a importância da utilização de uma abordagem transdisciplinar, a fim de tornar mais claras questões como a influência do histórico de discriminação contra a homossexualidade no comportamento dos gays que hoje vivem no Rio de Janeiro.

Portanto, apesar de não apresentar respostas para o que seria de fato o conceito de memória, serão buscados nela elementos que serão de fundamental importância para o entendimento do objeto de estudo, como veremos a seguir.

Pensar na memória de uma sociedade faz com que sejamos levados a considerar uma série de elementos que fazem com que ela permaneça e influencie, sob vários aspectos, nos sujeitos que hoje formam esse coletivo. Aspectos como imagens, símbolos, narrativas ou mesmo espaços físicos podem ser considerados formas pelas quais a memória é transmitida e reapropriada pela sociedade, tomando sentidos que poderão variar de acordo com o contexto em que a sociedade vive. Temos alguns exemplos, como o que ocorre em sociedades que passam por crises, como aquelas que enfrentam conflitos étnicos, ou mesmo, levarmos em consideração sujeitos que estão fora de sua terra, que irão, em virtude disso, se apropriar desses elementos de forma diferente daqueles que passam por momentos menos turbulentos. Em casos como esses, a memória, e/ou sua busca por parte do indivíduo que vive um momento de conflito pode ser encarada como uma forma de sobrevivência e resistência.

Nesses termos não é possível percebermos a Memória Social como algo que esteve no passado e que se mantém estático para simples consulta nos dias atuais, mas sim algo que é constantemente reinventado no presente, conforme aponta Farias (2011:08):

Sendo assim, a Memória Social não deve ser considerada como uma recuperação anacrônica do passado, uma vez que é a reconstituição do presente, uma realização e atualização mediante mecanismos da linguagem no âmbito das práticas sociais.

Partindo disso temos que não é somente do passado e de lembranças que se constitui a memória mas na utilização desse passado e sua capacidade de percorrer e se remontar no tempo, como afirma Ricoeur (2007). A partir disso percebemos a possibilidade de recorrermos à memória através de nossas lembranças para construirmos um presente e um futuro, ao mesmo tempo em que, de acordo com o momento que vivemos, observamos de modo diferente tais lembranças, reinventando o passado. Desse modo Ricoeur (2007:7) nos mostra que:

(...) é à memória que está vinculado o sentido da orientação na passagem do tempo; orientação em mão dupla, do passado para o futuro, de trás para frente, por assim dizer, segundo a flecha do tempo da mudança, mas também do futuro para o passado, segundo o movimento inverso de trânsito da expectativa à lembrança, através do presente vivo.

Com isso o autor nos mostra que a memória não é feita simplesmente da lembrança, mas se utiliza dela como forma de tornar presente um passado que de certo modo aparece como relevante para determinado sujeito e/ou grupo. Sendo assim temos o *lembrar* como uma forma de reviver um passado e (re)significá-lo de acordo com um contexto.

No entanto inúmeras são as formas de trazermos esse passado para o presente, sendo a linguagem, em suas mais diferentes formas, a maneira mais comum pela qual vemos a memória se transmitir.

Dessa forma temos na linguagem um papel fundamental como meio pelo qual a memória se manifesta. Tanto na sua forma verbal quanto na corporal, a imagem pode ser considerada um dos meios mais antigos de transmissão de memória, visto que técnicas como a escrita bem como suas formas de arquivamento, apesar de serem cada vez mais modernos, estão sujeitos à deterioração com o tempo.

Nesse contexto temos que a linguagem falada, bem como a corporal podem sofrer questionamentos visto o caráter cético que a sociedade de hoje possui, necessitando cada vez mais de elementos comprobatórios, documentos. Sobre essa importância de documentação, Foucault (2006:147) afirma que “a escrita constitui uma etapa essencial no processo para o qual tende toda a *askêsis*: ou seja, a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação”.

Logo podemos perceber que a escrita veio auxiliar a linguagem verbal no sentido de torná-la “palpável”, documentável, ou seja, resistir melhor e de forma fidedigna aos efeitos do

tempo. Surgiram nesse contexto os *hupomnêmatas* que, conforme nos mostra Foucault (2006) eram os livros de contabilidade, registros públicos e cadernetas individuais que serviam de lembrete. Podemos assim dizer que a escrita pode ser considerada como uma memória material de tudo o que é ouvido e pensado ou mesmo gesticulado. Atualmente é possível observar que vem se buscando formas mais eficazes de se armazenar memórias, dado o contexto de fluidez das relações que vem exigindo uma capacidade de memória maior do que a capacidade do próprio sujeito em registrar tais lembranças por si próprio. Com o surgimento da informática e da internet, temos versões cada vez mais modernas dos *hupomnêmatas*. Blogs, *websites* e mesmo o *Twitter* podem ser vistos como os *hupomnêmatas* dos dias atuais, pois facilitam o armazenamento das ideias além de favorecerem sua melhor difusão, dada a facilidade de acesso. Esses meios permitem inclusive que o autor dos mesmos permaneça em anonimato, caso seja seu desejo ou necessidade, o que antes ficava comprometido por um possível reconhecimento de sua letra, nos modelos antigos. Tal anonimato permite que indivíduos que sofrem discriminação, como os homossexuais, possam difundir suas ideias ou mesmo ter acesso a outros indivíduos iguais, conhecendo assim histórias parecidas com as suas.

Entretanto mesmo com a difusão de documentos materiais, vale ressaltar que é possível questionar a intencionalidade e/ou mesmo veracidade de seu conteúdo como nos aponta Gondar (2005:17) ao afirmar que “*uma lembrança ou um documento jamais é inócuo: eles resultam de uma montagem não só da sociedade que os produziu, como também das sociedades onde continuaram a viver, chegando até a nossa*”.

Exemplo disso é visto nas inúmeras interpretações que a Bíblia e o Corão⁹ já tiveram e têm nos dias atuais, variando de acordo com a época e região onde está sendo feita a interpretação, cabendo ainda questionarmos como e por que determinadas interpretações foram feitas em tais contextos e que forças atuaram/atuem para que tal interpretação ou escolha tenha sido feita.

No entanto, mesmo carente de base física, a linguagem verbal, bem como a corporal podem ser consideradas também formas universais pelas quais a memória coletiva se manifesta entre os sujeitos. Muito dessa importância dispensada à linguagem verbal pode ser dada pela dificuldade de universalização da escrita e, conseqüentemente da leitura, visto que nem todos os cidadãos têm acesso à alfabetização ou mesmo pela dificuldade de entendimento a cerca das múltiplas interpretações que um documento escrito pode sugerir.

⁹ Corão, ou Alcorão é o nome dado ao livro sagrado do Islã.

Contudo devemos admitir que a escrita tivesse surgido como uma importante ferramenta para a Memória Social, atuante na formação das sociedades e seus sujeitos. Muito além de servir somente como meio material de registrar memórias, a escrita abriu margem para que sejam feitas novas interpretações e com isso novas descobertas acerca do material registrado, visto que de acordo com a multiplicidade de leitores, bem como os diferentes contextos, faz com que os documentos ganhem nova significação, o que contribui para que a Memória Social tenha cada vez mais um caráter dinâmico. Dessa forma Foucault (2006:148), retomando o exemplo dos *hupomnêmatas*, nos mostra que:

Eles [hupomnêmatas] não se destinam a substituir as eventuais falhas de memória. Constituem de preferência um material e um enquadre para exercícios a serem frequentemente executados: ler, reler, meditar, conversar consigo mesmo e com outros etc.

Com isso é possível percebermos que a escrita veio permitir que as memórias pudessem não só ser arquivadas em sua forma original (embora ainda assim caibam ressignificações) como também pudesse ser objeto de consulta e até mesmo de afirmação de identidades, como é possível perceber com a leitura atenta de documentos como as letras de hinos nacionais, depoimentos de sobreviventes de guerras ou de sujeitos que passaram por momentos de opressão ou vitórias.

Muitos grupos utilizam de documentos escritos para reforçar sua identidade enquanto grupo, sejam grupos de caráter nacionalista, separatistas ou outras identidades coletivas que recorrem à memória como forma de lembrar um passado que deve ser mudado. No caso da homossexualidade, temos em documentos como o que mostra os Princípios de Yogyakarta¹⁰ um importante meio pelo qual a defesa da livre expressão da orientação sexual é defendida. Entretanto devemos destacar que inúmeros são os documentos, como a Bíblia, que, variando de acordo com a interpretação dada, trazem a relação entre pessoas do mesmo sexo como algo errado/desviante.

Um documento escrito tem ainda o poder de trazer o escritor para perto do leitor, personificando esse escritor mesmo no caso do documento ser lido anos após a sua escrita, ou após a morte desse narrador. Sendo assim, uma carta, por exemplo serve de elo entre leitor e escritor, tornando “o escritor *presente* para aquele a quem ele a envia” (Foucault, 2006:156). Com isso percebe-se que a leitura de uma carta ativa ainda outros elementos de memória

¹⁰ Os Princípios de Yogyakarta podem ser vistos como princípios bases sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Podem ser acessados em http://www.clam.org.br/pdf/principios_de_yogyakarta.pdf.

desse leitor que, através da leitura do documento mentaliza, ou até mesmo idealiza seu escritor/narrador revivendo em seu pensamento elementos visuais que remetem a esse escritor que se faz presente através dela, fazendo segundo Foucault (2006) aparecer seu próprio rosto perto do outro. No entanto a dialética se aplica no sentido que o escritor também procura expressar uma imagem de si em seus escritos, o que pode ser a imagem entendida pelo leitor ou não, variando de acordo com a “bagagem” de memórias capazes de constituir tal sujeito que esse autor tenta passar. Exemplo disso é visto dado que cada vez mais temos uma luta pela aprovação do casamento civil entre pessoas de mesmo sexo, o que vem sendo retratado em muitos meios de comunicação (formas pelas quais a escrita se apresenta). Em muitos desses meios que procuram defender que esse direito seja assegurado, podem ser vistas imagens de casais homoafetivos, sem apresentar estereótipos (como traços de feminilidade em homens) a fim de transmitir uma imagem que desconstrua a ligação da homossexualidade com a promiscuidade, procurando mostrar que gays e lésbicas também podem formar famílias. No entanto nem sempre aquele que lê a notícia consegue captar a mensagem dada a influência da memória que associa a homossexualidade ao comportamento promiscuo e anômalo, logo, sendo incompatível à ideia de família.

Uma crítica à escrita é feita por Benjamin (1994), ao afirmar que esta distancia o receptor da informação daquele que a transmite visto que torna cada vez mais impessoal o contato entre o ouvinte e aquele que narra. Contudo, podemos verificar que a escrita, bem como as técnicas cada vez mais aprimoradas de armazenamento e disseminação fazem com que as informações e porque não dizer, memórias, alcancem cada vez mais ouvintes/leitores independente de onde estes estejam. Por sua vez é possível perceber uma disseminação desigual da informação visto que o uso cada vez maior de tecnologias faz com que aqueles que não estão inseridos em um contexto econômico que os permitam usufruírem de tais documentos, não tendo portanto acesso a eles. Temos como exemplo disso os grupos considerados como excluídos digitais, onde informações oriundas da internet não chegam a eles. O não domínio da leitura, da informática e/ou não acesso à tecnologia, por exemplo, também pode tornar um sujeito excluído desse processo de transmissão de memória.

Essa relação tem se tornado mais evidente nos dias atuais visto que os espaços virtuais de socialização têm sido, em muitos casos, os primeiros e/ou mais procurados locais de interação e socialização. No caso dos sujeitos homossexuais esses espaços ganham uma importância ainda maior devido a restrições implícitas (e em determinados casos, explícitas) impostas a manifestação de atos que exponha a identidade (ou somente a prática) homoafetiva desses sujeitos. Sendo assim a linguagem escrita torna-se o meio de contato inicial entre os

usuários desses espaços fazendo com que essas palavras escritas transmitam a imagem pretendida por esse escritor pois uma imagem passada de forma diferente da pretendida pode resultar em ruído na comunicação entre esses interlocutores e conseqüente insucesso na tentativa de contato.

Desse modo, vimos que a escrita pode facilitar a construção da identidade dos sujeitos atuais a partir dos registros que são deixados através desses meios. No entanto é importante ressaltar que no caso da homossexualidade, a maior parte dos registros históricos trás imagens que colocam esses sujeitos como seres a margem da sociedade. Isso é observado em documentos como a Bíblia, Relatórios Médico-Legais do início do século XX, alguns códigos civis que criminalizavam a prática homossexual, dentre outros. Somente a partir da década de 1980 - tendo o Lamião da Esquina como um expoente nesse movimento - foi possível perceber no Brasil uma produção maior de documentação escrita sobre vivências homoafetivas vistas de forma positiva, mostrando seu cotidiano e facilitando inclusive relações interpessoais entre membros do grupo que tinham acesso ao folhetim. Com a internet, a partir da década de 1990, é possível perceber que esse meio de registro de memória se intensificou entre os homossexuais, por permitir certo anonimato na produção de registros escritos, promovido pelo ambiente virtual. Sites de encontros, blogs, salas de bate papo, dentre outros meios virtuais, como vimos anteriormente, foram/são meios fundamentais para que homossexuais (bem como demais sujeitos/grupos) possam trocar experiências, vivências e memórias, influenciando de forma direta na construção bem como na sua mobilização enquanto grupo.

É possível perceber que os jovens de hoje vivenciam cada vez mais cedo sua sexualidade, o que de certo modo podemos associar a esse acesso cada vez maior a informação bem como à facilidade de contato com semelhantes, havendo desse modo maior eficácia na transmissão de experiências – memórias.

Podemos ainda destacar, em relação a construção de uma identidade a partir de ambientes onde a escrita é o meio de contato, a construção da masculinidade cada vez mais ressaltada no momento em que o sujeito descreve um “perfil ideal”, em detrimento de outros perfis, como daqueles sujeitos considerados mais afeminados. Expressões como “*não curto afeminados*”, bem como o constante uso de afirmações como “*sou macho*” ou “*procuro macho*”, dentre outras que remetem a um perfil desejado rechaçando aqueles que não se enquadram nele, são vistas com frequência em sites de relacionamento gays. Basta abrirmos alguns desse sites voltados para o público gay como o *ManHunt*, Disponível.com ou mesmo

aplicativos para encontros entre esse público como o *Grindr*¹¹ para vermos descrições como as citadas acima. Normalmente tais perfis apresentam foto de corpos malhados em academia, reforçando uma imagem de virilidade que pretende ser passada para o seu possível interlocutor. Nesse exemplo é possível perceber ainda determinadas expressões, como “*E aí fera*” ou “*Fala aí brother*” usadas com intuito de remeter para aquele que recebe a mensagem, uma imagem de virilidade, visto que tais expressões são vistas no imaginário coletivo como sendo característica de masculinidade. Tal preferência por reforçar a masculinidade pode ser entendida devido ao passado em que somente eram encarados como homossexuais aqueles mais afeminados, vistos geralmente como passivos na relação, recebendo a alcunha de “bixas”.

Com isso, podemos concluir que a incorporação da linguagem escrita por parte de grupos homossexuais, promoveu o surgimento de uma identidade coletiva homossexual. Esse surgimento se deu em parte através da possibilidade maior de acesso a registros de sujeitos que partilham das mesmas práticas e, por identificação passam a ter a sensação de não estarem sozinhos, ou seja, de que existem mais indivíduos iguais a eles, passando pelos mesmos desafios, dando a esses o status de identidade coletiva, embora essa seja constantemente questionada dada a heterogeneidade de seus membros.

Até o presente momento discutimos alguns elementos relacionados à memória e algumas formas pelas quais ela se manifesta na construção social de grupos, através de elementos como a linguagem e de figuras como a do narrador.

No entanto cabe refletir o papel da memória na formação da identidade levando em consideração que essa(s) identidade(s) pode(m) assumir um papel individual e, de certo modo também coletivo, visto que inúmeras coletividades se reúnem a partir de caráteres identitários. Cabe, entretanto nos colocarmos a seguinte questão: até que ponto memória individual e memória coletiva se distinguem?

É sob esse prisma que discutiremos a relação que se dá entre a memória individual e a coletiva, tentando buscar pontos de intercessão entre as duas para assim podermos entender como a participação em grupos interfere na formação do sujeito e esse por sua vez interfere no grupo/identidade coletiva ao qual está inserido.

Para tanto devemos levar em consideração o caráter social do ser humano enquanto sujeito que se desenvolve no contexto de uma sociedade, ou seja, seu aspecto coletivo. Nesse

¹¹ O Grindr, bem como o Hornet e o Scruff, é um exemplo de aplicativo desenvolvido para celulares smartphone com o propósito de facilitar o contato entre gays. Nesse aplicativo é possível visualizar o perfil de outros homens que o possuem, bem como a sua distância e, se desejar, entrar em contato através de mensagem de texto. Existem outros aplicativos com o mesmo perfil.

contexto influenciam inúmeros fatores como a presença de figuras que irão cumprir o papel de narrador passando informações que já foram vivenciadas e que servirão de ensinamento para esse sujeito em formação. Desse modo é importante levarmos em consideração o papel da lembrança como elemento de memória capaz de atuar diretamente na formação do sujeito. A lembrança irá portanto contribuir servindo de base para esse sujeito se constituir enquanto tal. Segundo Halbwachs (2004) trazemos conosco sentimentos e ideias que têm origem em outros grupos, logo, nossa formação enquanto sujeito se dá através de nossas relações com diversos sujeitos e grupos.

Contudo uma lembrança pode não fazer parte mais do sujeito a partir do momento em que ele deixa de participar do grupo do qual essa lembrança foi criada ou transmitida, visto que, conforme mostra Halbwachs (2004) somente poderemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Ao contrário, essa lembrança se transformará, todavia em esquecimento.

Por sua vez, a partir do momento em que estamos inseridos em um grupo, partilhamos das lembranças que este possui e ao mesmo tempo criamos novas lembranças que poderão ser partilhadas posteriormente fazendo com que a memória desse grupo seja constantemente alimentada e reconstruída, reforçando assim essa identidade coletiva.

Nesse sentido Pollak (1992) discutirá alguns elementos constitutivos da memória que nos ajudam a entender tal questão, sendo esses os acontecimentos vividos pessoalmente e os acontecimentos vividos por tabela, estando o segundo tipo diretamente relacionado à inserção desse sujeito em uma coletividade.

Desse modo temos um papel fundamental exercido pela lembrança, posta por Halbwachs (2004:39) como construída “a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros [vividos por tabela]”.

A memória aparece, portanto, como seletiva visto que nem tudo ficaria registrado, pois para isso depende do contexto no qual ela foi articulada. Muitas vezes tomamos como individual uma lembrança que é coletiva dado que partilhamos dessa memória enquanto parte de uma coletividade. É nesse momento que observamos a memória como objeto intrínseco da identidade, tanto individual quanto coletiva. Nesse contexto, Pollak (1992:5) afirma que “ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de um grupo em sua reconstrução de si.”

Desse modo Ricoeur (2007:12) afirma que “a identidade pessoal é uma identidade temporal” visto que seria a existência continuada que faria a identidade. A partir disso temos a

identidade e sua relação com a memória a partir de uma relação entre a lembrança e o esquecimento, ou seja, nossa identidade seria formada por fragmentos de memórias que se tornaram relevantes para nossa constituição enquanto sujeitos.

Em grupos de homossexuais vemos essa partilha de lembranças e memórias ocorrendo de diversos modos, mas podemos verificar essa influência caracterizando basicamente três perfis de sujeitos: 1) aqueles que partilham de lembranças pautadas no medo da homofobia, a partir dos relatos de problemas ligados à exposição da homossexualidade; 2) sujeitos que seguem exemplos de visibilidade, como ídolos e demais pessoas próximas que assumiram a homossexualidade e seguem seu estilo de vida e; 3) sujeitos que não se identificam como homossexuais, embora tenham práticas sexuais com pessoas de mesmo sexo.

Ambos os perfis interagem entre si na sociedade e, em determinados momentos até, ocorrendo críticas oriundas de ambos os lados. Indivíduos assumidos socialmente acusam aqueles que não o fazem de contribuírem para a permanência da homofobia, acreditando que quanto mais membros venham a se assumir, mais pressão social haverá a favor da não discriminação de homossexuais. Os primeiros por sua vez acreditam, em muitos casos, que indivíduos assumidos perdem de certo modo seu respeito perante a sociedade. Ambos contudo se baseiam em lembranças ligadas a um histórico da homossexualidade para assumir suas posturas. Os terceiros se diferenciam dos demais por não se verem inseridos no contexto homoafetivo, se caracterizando como heterossexuais, apesar de fazerem sexo eventualmente com pessoas de mesmo sexo.

Visto isso temos a memória como formada por lembranças que são criadas e transmitidas através da linguagem em suas múltiplas formas. Logo, temos essa memória como sendo uma construção social, ou seja, construída e constituída, segundo Pollak (1992) por pessoas, personagens. Entretanto é necessário que esses personagens atuem em conjunto para que haja memória, dado que a memória seja formada por lembranças, precisamos do outro para poder nos lembrar, conforme nos mostra Ricoeur (2007), lembrando que esse outro pode se manifestar também através de suas obras.

Entretanto para entender tanto o caráter individual quanto o coletivo da memória, devemos pensar na inserção social do sujeito enquanto membro de um corpo coletivo. No entanto temos a formação do sujeito a partir da memória dos grupos pelos quais ele passou, visto que ao longo da vida passamos por diversos grupos com memórias coletivas distintas. Dessa forma seria a memória individual a reunião dessas memórias coletivas?

Se levarmos em consideração os acontecimentos vividos por tabela, veremos que temos nossa formação intimamente relacionada às imagens e meios sociais nos quais estamos

inseridos, no entanto Halbwachs (2004) afirma que exista algo além de uma reconstrução feita com materiais do passado. Contudo é muito difícil fazer essa distinção dado que nossas lembranças estão intimamente ligadas a vivências coletivas, ou seja, sofrendo influência do(s) grupo(s) onde nos inserimos. Com isso Halbwachs (2004:51) nos explica que “estamos tão bem afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em uníssono, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros”.

Desse modo o autor complementa:

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. (HALBWACHS, 2004:55)

Com isso é possível admitir a existência de uma relação dialética entre a memória individual e a memória coletiva, afirmando ainda que a multiplicidade de locais por onde o sujeito passa interferirá tanto na sua memória individual como na memória coletiva desse grupo. Nesse sentido embora tenhamos que o pertencimento a um grupo possa ser considerado uma experiência individual não é possível afirmarmos que participar de determinado grupo seja uma livre escolha, bem como a não participação em outros grupos também possa ser vista também não como uma negação consciente desse sujeito, mas sim como uma impossibilidade do mesmo em se inserir em determinado grupo, por não conter aspectos/semelhanças que o insira nesse coletivo.

Desse modo uma pessoa se caracterizará como homossexual no momento em que ele entra em contato com outros indivíduos iguais a ele, sendo acolhido por eles e se identificando a partir das semelhanças e das memórias existentes das quais esse sujeito reconhece como suas.

É comum verificar a recorrência de histórias contadas por homossexuais sobre fatos ocorridos na infância como a ocorrência do *bullying*, dentre outros. É interessante perceber nessas histórias que muitos, até então não, se percebiam enquanto homossexuais. Outro ponto comum entre muitos homossexuais é o momento em que relatam aos pais e/ou responsáveis sobre a sua homossexualidade.

Esse é um momento que, em muitos casos, resulta em crises familiares, o que faz com que aqueles que ainda não passaram por tal momento, temam a sua chegada, podendo ser encarado inclusive como um ritual de passagem pelo qual o homossexual se vê obrigado a passar para assim ter sua liberdade (ou parte dela). Essas, entre outras, são memórias

individuais que se tornam coletivas no momento em que são partilhadas de forma igual por diversos membros do mesmo grupo.

Entretanto Ricoeur (2007) nos apresenta uma visão onde a relação entre a memória individual e a memória coletiva se daria a partir da figura denominada pelo autor como o “próximo”, em outras palavras, pelo narrador. Esse próximo, para o autor, é aquele que nos liga ao coletivo, nos trazendo parte da memória desse grupo. Com isso, nossa relação com esse “outro”, faz com que estejamos inseridos no grupo e partilhemos de sua memória, transmitida pelos “próximos”. Essa relação de proximidade, no entanto, se dará a partir de afinidades e semelhanças que farão a ligação entre nós e nossos próximos, o que podemos chamar de identidade.

2.2. Considerações sobre Identidade

Observar a sociedade nos dias atuais faz com que pensemos no quão grande é a sua diversidade e, ao mesmo tempo, nos faz perceber uma série de conflitos resultantes disso. Tais conflitos ocorrem por conta da forma desigual com que algumas diferenças são tratadas. Muitas vezes percebemos que ocorre uma união entre esses “desiguais¹²” (diferentes perante um todo relativamente uniforme) a partir de sua diferença comum, resultando na construção de uma identidade.

Esse conceito, bastante discutido por inúmeros teóricos como Hall e Bauman, dentre outros, vem por sua vez sendo muito questionado nos dias atuais, como aponta Hall (2006) que acredita estarmos vivendo um momento de “crise da identidade”.

O autor começa a explicar essa crise a partir de uma fragmentação cada vez maior que as identidades vêm sofrendo, o que pode ser explicado em parte pela maior quantidade de informação disponível bem como pela fluidez da informação e dos meios de comunicação, resultando num intercâmbio cultural capaz de promover a criação de um cidadão global, e de incorporar elementos de diversas identidades antes restritas em seu nicho geográfico, mas que com o advento da globalização conseguem ganhar espaço e serem agregadas por cada vez mais sujeitos que se identificam com ela.

Logicamente, dada as mudanças ocorridas na sociedade atual, é preciso que o conceito de identidade seja revisto com o objetivo de podermos verificar a sua possível reinvenção ou mesmo sua extinção, como aponta a linha de pensamento conhecida como *Queer*. Essa teoria

¹² A adoção do termo *desigual*, em detrimento do termo *diferente* vem reforçar a ideia das diferenças que resultam na formação de hierarquias nas quais algumas apresentam dominância em relação às demais.

vem sendo defendida por teóricos/as como a Judith Butler (2003), que tendem a acreditar nessa extinção como sendo uma tendência futura, dada a fluidez cada vez maior dos indivíduos que perpassam por grupos cada vez mais distintos, tornando cada vez mais difícil sua classificação. Em virtude disso, dentre outras questões, as identidades seriam abolidas, e cada sujeito seria único, sem marcas definidoras impostas pelo que entendemos como identidade.

Desse modo, no intuito de entender as mudanças pelas quais o conceito de identidade vem sofrendo, Hall (2006) trás três concepções de identidade que refletem períodos pelos quais a sociedade passou/passa.

Na primeira concepção, a do “sujeito do Iluminismo”, Hall (2006:10) define como sendo:

(...) uma concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo.

Esse sujeito ocorria em uma época, na qual a globalização ainda não fazia parte de forma tão intensa da realidade do sujeito como ocorre nos dias atuais. Essa noção de sujeito do Iluminismo passa também a ideia de uma identidade definida pelo critério biológico, dada sua noção de imutabilidade, ou seja, nascia com o sujeito e seu exterior refletia esse interior imutável e, de certo modo “puro” perante os agentes externos. Esse sujeito reflete a construção da época, onde o Estado possuía uma força e um papel diferente do que tem atualmente. O Estado Nação, por sua vez, refletia (pelo menos no discurso) a identidade de seu povo, o que foi de extrema importância em um período em que esse Estado ainda “jovem” precisava se estabilizar, podendo ser visto através dos discursos dos líderes que buscavam legitimar seu poder sobre um grupo. Podemos ainda refletir sobre esse sujeito do iluminismo como sendo composto por uma identidade que teria sido criada para ele e esperada pelo todo social que fosse manifestada por esse indivíduo. Essa identidade, portanto, seria de certo modo imposta e garantida pelo perfil centralizador de sociedade existente nesse período da história, no contexto Europeu.

No entanto ao longo do tempo começou a ser percebido que esse sujeito não era uno e imutável, ou pelo menos deixara de ser, dado seu trânsito cada vez maior por outras culturas, por outros meios, capazes de fazê-lo mudar, nascendo assim o que Hall (2006) define como “sujeito sociológico”.

Nesse sujeito sociológico é permitida a noção de uma relação dialética entre o sujeito e o meio. Nele é possível ainda pensar sua formação a partir do meio em que vive, numa relação inversa à do sujeito do Iluminismo. Dessa forma o sujeito sociológico constrói sua identidade a partir do meio externo, podendo ela ser encarada como uma reação a esse meio, ou seja, construída a partir dele mas não sendo imposta por ele. Desse modo Hall (2006:11) coloca o sujeito sociológico como:

(...) refletindo a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para sujeitos e valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava.

Nessa concepção de sujeito, podemos nos remeter ao sujeito que temos hoje, fragmentado, composto por várias identidades que vão se agregando e formando o indivíduo. Começa-se ainda a pensar em possíveis conflitos que podem ocorrer entre essas diversas identidades que compõem o indivíduo. Em outro momento, Hall (2000:110) nos mostra que “toda identidade tem necessidade daquilo que lhe falta” ratificando assim a ideia de construção de sujeito a partir da(s) identidade(s).

O autor faz ainda um importante acréscimo sobre essa ideia ao dizer que essa necessidade existe “mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado” (HALL, 2000:110) , o que explica em parte a existência de identidades que sofrem silenciamento por parte do perfil dominante da sociedade como é possível ver em alguns grupos identitários como negros, homossexuais, bem como demais grupos identitários que lutam por reconhecimento e visibilidade.

No entanto é importante pensar no caráter múltiplo de uma identidade pela qual, conforme aponta Hall (2000) o sujeito pode ser comparado a uma “colcha de retalhos”, em que cada “retalho” representaria uma identidade que compõe esse sujeito, ou seja, sua(s) identidade(s) pessoal(is). Nesse sentido Bauman (2005) reforça essa percepção ao colocar a formação identitária do sujeito como sendo um “quebra cabeça incompleto”. Nesse “quebra cabeça” se encontram as múltiplas identidades das quais jamais se saberá quantas serão, mas que juntas formam a biografia do sujeito.

Essa questão é percebida facilmente através de um exemplo que Bauman (2005) nos dá citando uma queixa de sua amiga Agnes Heller ao afirmar estar “sobrecarregada de identidades” uma vez que é mulher, húngara, judia, norte-americana e filósofa, e que pode ser percebida também em Butler (2003) ao explicar que quando “alguém diz que é mulher, isso certamente não é tudo que esse alguém é”. Desse modo o exemplo de Bauman nos leva a

perceber que cada uma dessas adjetivações dada a Agnes Heller reflete um pouco do que ela é, ou seja, seriam os “retalhos” de sua identidade.

Como uma evolução desse sujeito sociológico, Hall (2006) apresenta o sujeito pós-moderno. Nesse sujeito “a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. (p.13)

A identidade desse sujeito é formada, portanto, historicamente e não biologicamente, se aproximando assim da visão de Bauman (2005) que coloca a identidade como sendo uma convenção cultural. Para esse autor, a identidade é o horizonte em direção ao qual nós nos empenhamos e pelo qual nos avaliamos, censuramos e corrigimos nossos movimentos, afirmando ainda ser “uma convenção socialmente necessária” (BAUMAN, 2005:13).

Desse modo, tendo a identidade como construída socialmente, Bauman (2005) a coloca como algo que precisa ser inventado, e não descoberto, ratificando a proposição do sujeito sociológico de Hall (2006) formado a partir do meio externo.

Partindo dessa proposição, podemos pensar na identidade como posterior à memória, dado que a “invenção” dessa identidade em grande parte se daria a partir da memória coletiva dos sujeitos que irão compor esse grupo e assim, construir sua identidade coletiva.

É importante ainda pensarmos nas formas como exteriorizamos nossa(s) identidade(s), ou seja, como ela(s) toma(m) forma. Nesse sentido Woodward (2000) coloca a importância do campo simbólico, bem como do caráter relacional da identidade. Para a autora, as “identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD, 2000:8).

Entender ainda esse caráter relacional da identidade complementa a ideia sociocultural desse conceito assumindo que precisamos conhecer o outro para nos definir a partir das semelhanças e diferenças expressas através do campo simbólico adotado por cada indivíduo e identidade assumida.

Para exemplificar essa questão relacional da identidade, Woodward (2000) usa como exemplo dois grupos de identidades nacionais: sérvios e croatas. Nesse exemplo a autora se remete à antiga Iugoslávia, mostrando um relato em que sérvios e croatas se definem pelas diferenças e, principalmente, pela negação de qualquer similaridade entre eles. Desse modo ser sérvio significava não ser croata e assim a autora segue mostrando exemplos de como essa diferença é marcada, como o uso de objetos por parte de um grupo que não seriam utilizados por outros.

Esse exemplo nos leva novamente a pensar no papel que essa identidade nacional vem exercendo atualmente, visto que, como dito anteriormente, os Estados Nação vem perdendo esse papel, antes tão forte, de agregar os sujeitos em uma identidade comum, visto o caráter fluido que as fronteiras vêm tomando, refletindo no multiculturalismo que têm se implantando em escala global. Muito disso ocorre também devido às facilidades de transporte e comunicação, permitindo o fluxo de pessoas e informações bem como a reunião desses semelhantes, fazendo assim com que as identidades ganhem força. É importante destacarmos que, associado a isso, temos o papel fundamental das migrações, facilitadas desde então, o que permitiu a troca cada vez maior entre as diferentes culturas, promovendo dessa forma sua hibrididade, refletindo nas mudanças das identidades que até então eram “estabilizadas”, resultando na crise citada por Hall (2006).

No entanto mesmo se tratando de um exemplo ligado às identidades “em crise” (identidades nacionais), é interessante perceber através dele como Woodward (2000) explica o caráter relacional dessa identidade, partindo do princípio básico que ser croata implica em não ser sérvio. Esse exemplo pode ainda ser extrapolado para outras realidades e também ser contestado visto que vivemos um período, como apontam os teóricos *queer*, entre eles Judith Butles, Guacira Louro, Beatriz Preciado, dentre outras, onde as identidades estariam desaparecendo. Segundo essa corrente o sujeito pode manifestar características de inúmeras identidades sem ser definido por nenhuma destas, não havendo assim uma barreira intransponível que impeça o trânsito livre desse sujeito através dessas identidades. Para os *queers* portanto, é importante desvincular a homossexualidade do sujeito, fazendo com que o termo defina um comportamento mas não o sujeito como um todo.

Observada essa “crise” da identidade, é possível pensarmos num retorno a identidade individual, em contraponto a identidade coletiva. Sendo assim, portanto, podemos pensar na identidade como sendo oposta à diversidade e à diferença, como aponta Ricoeur (2007). O autor discute a relação entre identidade-consciência-si, aproximando-se do sujeito do iluminismo proposto por Hall, porém sem encerrá-lo numa essência imutável, mas sim evocando um caráter reflexivo de que esse sujeito é ele mesmo e não outro. Logo, para Ricoeur (2007) a identidade se encontra no momento em que se distinguem as diferenças. O problema está posto no instante em que vivemos numa sociedade cada vez mais plural, da qual as diferenças aparecem em maior número e essa distinção se torna cada vez mais difícil, levando o sujeito muitas vezes a se perder em meio a tantas diferenças e, ao mesmo tempo, havendo um apelo por uma busca por igualdade, fazendo esse fluxo entre identidades (coletivas) mais intenso.

No entanto esse livre fluxo entre identidades nos leva a crer na tendência a acreditar que elas estariam desaparecendo, ao mesmo tempo em que esbarramos na existência e uso, cada vez maiores, de ferramentas capazes de incrementar os campos simbólicos utilizados pelas diferentes identidades, tornando-as uma espécie de “guarda roupas” onde o sujeito pode vestir uma identidade e posteriormente vestir outra que até então seria capaz de excluí-lo das demais, o que talvez possa representar um período onde estaríamos vivenciando uma transição de modelos identitários.

Desse modo o que vemos atualmente é, como no exemplo de Bauman (2005), uma sobrecarga de identidades em que, muitas vezes uma ou mais identidades impedem o sujeito de manifestar outras e, ao mesmo tempo, faz com que essas identidades percam força política, dado o seu caráter transitório por parte de alguns sujeitos.

Diariamente circula-se por diversos grupos, cada um com suas características identitárias, no entanto cada grupo pelo qual se circula irá muitas vezes refletir parte da identidade individual de seus componentes, dependendo do grau de envolvimento que cada um possui com o grupo.

Nesse sentido, de forma mais ampla, do mesmo modo que Agnes Heller se apresenta “sobrecarregada de identidades”, uma pessoa que se define, por exemplo, como sendo brasileira, carioca, negra, e homossexual, de acordo com cada um desses fatores, se inclui em determinados grupos sociais com interesses comuns, apresentando semelhanças, características e gostos específicos que muitas vezes podem entrar em conflito com outros grupos, dada essa “sobrecarga”. Identificar-se com cada perfil citado indica também partilhar da memória desse grupo e reconstruí-la diariamente, enquanto sujeito desse conjunto.

A partir do momento que uma pessoa se diz brasileira, por exemplo, está se identificando com a cultura desse país, ao mesmo tempo em que ao se definir como negra, não somente se insere em um contexto ligado a cor de sua pele, mas também a um grupo ligado através de um histórico de luta contra o racismo e busca por igualdade, comprometida por anos de escravidão. Desse modo vemos que em alguns casos pode existir uma exclusão desnecessária, devido a preconceitos. É possível observar essa exclusão também a partir do momento que alguém se identifica como homossexual, revelando portanto que possui uma orientação – identidade afetivo-sexual – diferente da compartilhada pela maioria das pessoas, o que a princípio não justificaria uma exclusão, porém não sendo isso o que se vê no dia a dia. Esses indivíduos em muitos casos podem se encaixar no que Bauman (2005) chama de *subclasse*, onde a partir daí “qualquer outra identidade que você possa ambicionar ou lutar para obter lhe é negada a priori” (p.46), ou seja, havendo exclusão desse indivíduo de outros

grupos, o que prejudica sua inserção, por exemplo, em determinadas religiões, no mercado de trabalho, entre outros locais e grupos.

Tal questão nos leva a refletir até que ponto a não inserção do sujeito em determinada identidade interfere também na memória coletiva desse grupo, levando em consideração o que motivaria essa não inserção. Tal exclusão pode nos levar a um momento de intersecção entre as memórias de dois grupos mutuamente excludentes. A investigação dessa memória coletiva de grupos excludentes pode nos levar inclusive a entender possíveis conflitos e buscar soluções.

Por receio, insegurança ou para se preservar de possíveis constrangimentos, uma pessoa pode ocultar uma determinada identidade para poder exercer certos papéis sociais, ou mesmo para poder participar de um determinado grupo.

Nisso influem razões que variam desde a cultura de dominação em relação a certas posturas até preconceitos explícitos, que não aceitam que uma pessoa com uma determinada identidade frequente um grupo. Isso pode ser exemplificado quando um sujeito não assume sua homossexualidade com receio da reação da sociedade, visto que sua frequência em determinados grupos poderá se tornar restrita por conta dessa afirmação de conduta.

Desse modo, Butler (2004) nos mostra que quando alguém afirma sua homossexualidade, essa mensagem não chega ao interlocutor como uma simples descrição do sujeito, mas de seus atos enquanto homossexual, da sua prática. Acredita-se que este, quando revela sua orientação sexual, “realiza o [ato] que descreve” pois “constituem o enunciado como conduta homossexual” (p.180). A autora nos revela ainda que a afirmação “sou homossexual” pode ser interpretada por aquele que recebe a mensagem como uma afirmação de desejo sexual ou mesmo de agressão por parte dele para com o seu interlocutor. Tal afirmação da autora explica, em parte, o desconforto que alguns homens heterossexuais possuem ao lidar como homossexuais assumidos, muito também por medo de serem associados a essa conduta, ou talvez medo daquilo que, para ele, o desejaria. Logo é importante refletir sobre o ato de “acusar” alguém de ser homossexual, pois essa “acusação” seria uma tentativa de imprimir ao sujeito uma conduta que, pode não ser realizada por ele ou mesmo temida por ele.

Sendo assim devemos pensar também no que de fato é ser homossexual em detrimento do que a sociedade entende por ser homossexual, visto que ao entendermos a homossexualidade como uma identidade, inúmeros são os traços necessários para que possamos definir alguém, não sendo somente o ato sexual em si suficiente para tal. É interessante perceber ainda que dessa forma temos a homossexualidade como uma identidade

que pode ser nomeada (como forma de acusação) mas que tira do sujeito a possibilidade de se nomear, dadas as formas de interpretação que essa auto nomeação sofre.

Visto isso é possível perceber que algumas identidades podem ser caracterizadas como minoritárias dentro de um padrão dominante de sociedade, muitas delas sofrendo com a discriminação ou mesmo com a pressão por parte do poder equalizador que a sociedade dominante exerce ao definir padrões sociais. Nesse sentido, ao surgirem grupos que divergem desse padrão dominante ocorrem muitas vezes essa exclusão. Porém é importante ressaltar que nem todas as minorias são alvo dessa exclusão, como nos mostra Silva (2004) ao dividi-las em quatro tipos: pluralísticas, assimilacionistas, separatistas e militantes.

De acordo com essa divisão, é interessante focar nesse momento no tipo assimilacionista, por ser o que mais se aproxima de nosso objeto de estudo. Segundo Silva (2004) a assimilação envolve dois grupos, sendo que a emergência e absorção da minoria depende dos interesses do grupo dominante bem como depende também dos interesses da minoria em serem absorvidos. No entanto esse poder de assimilação dependerá também da reação do grupo minoritário em querer fazer parte desse todo ou em manter sua diferença em relação a ele, resultando em muitos casos num acirramento de conflitos entre esses grupos.

Com o passar do tempo pode-se verificar que cada vez mais tem aumentado o número de grupos que sofrem com o preconceito - muito por conta dessa luta pela não assimilação - bem como as formas de atuação desses grupos, sendo cada vez mais valorizados os discursos que falam em respeito às diferenças e à diversidade, promovido por esses mesmos movimentos sociais e políticos que defendem tais interesses. Tais grupos atuam, portanto, para que cada vez mais se diminua a discriminação e a intolerância, entre outros problemas sofridos por essas pessoas, e nesse sentido o reforço da identidade coletiva surge como uma importante ferramenta defensiva desses grupos.

Em meio a esse contexto, temos uma pluralidade cada vez maior de grupos que, ao encontrarem semelhanças em meio a tantas diferenças, se reúnem a partir de suas memórias e vivências, formando identidades coletivas.

2.3. Identidade, estigma e homofobia

Após falarmos um pouco sobre alguns elementos referentes à memória e à construção identitária, será tratada a partir de agora da relação identidade/estigma, presente em determinados grupos, como os homossexuais, a partir da prática da homofobia.

Desse modo, não é possível tratar da formação de identidade(s) homossexual(is) sem pensarmos na influência que o preconceito e o estigma contra a prática homoafetiva exercem sobre esses indivíduos.

Partindo disso, é importante entendermos como se dá a homofobia e sua construção na sociedade observando como ela vem se manifestando, bem como que consequências ela traz, para então sermos capazes de pensar em formas de combatê-la.

Nesse sentido devemos analisar a sociedade como um todo e pensar a partir de como os indivíduos se organizam, formando grupos com identidade própria, formada a partir de sua(s) diferença(s). No entanto, muitas vezes tais diferenças são utilizadas para definir hierarquias entre esses indivíduos.

Para tratar especificamente da formação de hierarquias a partir das diferenças entre os indivíduos, podemos utilizar o exemplo de Elias (2000) ao analisar uma pequena comunidade conhecida como Winston Parva, onde se estabelece uma separação entre indivíduos caracterizados pelo autor como *estabelecidos* e *outsiders* – entendendo os estabelecidos como grupo dominante, e outsiders como aquele grupo à margem da sociedade dominante.

Essa distinção citada por Elias (2000) é uma, dentre inúmeros casos de relações estabelecidos/outsiders dos quais, nesse exemplo em específico, essa separação que os sujeitos realizaram se baseou no tempo de habitação dos indivíduos da aldeia que, devido a sua antiguidade reagiu à chegada de “forasteiros” segregando-os e imprimindo a esses moradores um estigma de “outsiders”. Tal segregação resultou inclusive numa separação espacial entre aldeia (estabelecidos) e loteamento (outsiders).

Inúmeros exemplos são dados por Elias (2000) dessa dialógica – estabelecidos e outsiders – baseadas na ideia de que um grupo estigmatiza outro conseguindo desse modo afirmar sua superioridade em relação a esse outro. Logo, para entendermos essa relação, é importante relacionarmos a isso algumas considerações sobre as formas de estigmatização.

Tendo em vista que o estigma pode ser visto, segundo Goffman (2008:7) como a “situação do indivíduo que está inabilitado para situação plena”, temos este então como algo construído a partir de uma ou mais diferenças em relação ao todo social, sendo importante perceber que esse termo se refere a diferenças consideradas negativas, ou seja, que tornam o sujeito estigmatizado como um indivíduo a parte desse todo.

No entanto é importante levar em consideração que inúmeras são as formas de estigma em nossa sociedade. De modo geral, o termo estigma, segundo Goffman (2008:13) é “usado em referência a um atributo profundamente depreciativo”. No entanto, o autor complementa dizendo que “é preciso, na realidade, uma linguagem de relações e não de atributos” (p.13).

Sendo assim o autor enquadra o estigma a partir de uma visão social, visto ainda como “um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” onde é preciso que a sociedade enxergue determinado atributo como degradante para assim ele ser encarado como estigma. Essa visão relativiza o conceito, visto que dependendo da cultura e da sociedade, uma diferença pode ser encarada em um momento como um estigma, em outro como uma virtude ou simplesmente ser neutra. A própria relação homem/homem pode ser observada nesse contexto, visto que na Grécia Antiga a mesma era aceita e até mesmo incentivada, enquanto atualmente tal comportamento é visto como um estigma. Embora tal conceito possa ser relativizado pela cultura, Goffman (2008:13) afirma que “há importantes atributos que em quase toda a nossa sociedade levam ao descrédito”.

Para facilitar o entendimento dessa questão, podemos encarar a identidade através da distinção entre *identidade social virtual* e *identidade social real*. Nessa separação temos como identidade social virtual aquela que imputamos ao indivíduo, podendo “ser encarada como uma imputação feita por um retrospecto em potencial” (GOFFMAN, 2008:12). Na identidade social virtual o estigma não é necessariamente aparente, mas subjetivo, criado a partir de traços imputados ao sujeito, independente de sua concordância ou real manifestação de tais características, como no caso dos moradores do loteamento de Winston Parva, citado anteriormente.

Por conseguinte, a identidade social real é caracterizada a partir de “atributos que ele [o sujeito], na realidade, prova possuir” (p. 12). Desse modo, a identidade social real estaria associada a uma característica que o indivíduo manifesta de forma visível e não que fora criada a ele.

Com isso podemos analisar de modo diferenciado os diversos tipos de estigmas que ocorrem em nossa sociedade, onde nem sempre ocorre uma convergência entre identidade social virtual e a identidade social real, ou seja, com indivíduos que são definidos negativamente por características que a ele são impostas sem que ele as manifeste de fato ou as enxergue em si próprio.

Partindo disso, Goffman (2008) faz ainda uma distinção dos sujeitos estigmatizados entre *desacreditado* e *desacreditável*. Tal distinção está associada diretamente à visibilidade do estigma do sujeito perante a sociedade visto que, no primeiro caso o estigmatizado assume “que sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente” enquanto no segundo caso ela não seria nem conhecida pelos presentes nem imediatamente perceptível a eles.

Logo, o autor reforça a ideia de perceptibilidade, como algo além da simples visão, colocando assim o estigma como relacionado a:

(...) um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana [e que] possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. (GOFFMAN, 2008:14)

Nessa definição podemos fazer uma associação direta à noção trabalhada por Bauman (2005) em relação aos conflitos que determinada identidade possa gerar na expressão de outras. No entanto é importante fazer uma distinção visto que não necessariamente um estigma estaria associado a uma identidade coletiva, bem como nem toda a identidade resultaria em estigma.

Desse modo é possível perceber que determinados grupos segregados socialmente podem vir a utilizar de seu estigma como forma de luta, formando assim grupos que construirão em torno de seu estigma uma identidade, para então lutar por respeito e espaço na sociedade que os oprime.

Para facilitar a compreensão dos diferentes tipos de estigmas, Goffman (2008) os separa em três tipos distintos: 1) ligados a deformidades físicas; 2) ligados a “culpas de caráter individual” e; 3) estigmas tribais de raça, nação e religião.

Nesse sentido temos como analisar de forma separada os diferentes tipos de estigmas e associá-los ao seu caráter de perceptibilidade, entendendo suas estratégias de (re)ação perante a sociedade.

Nesse momento enfocaremos o segundo tipo citado pelo autor, por esse estar relacionado diretamente ao grupo que foi proposto como objeto de estudo do presente trabalho – os homossexuais.

Para Goffman (2008:14), esse segundo tipo de estigma é definido como sendo:

(...) as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, *homossexualismo*, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical.

Nesse grupo definido por Goffman (2008) é interessante perceber o caráter subjetivo que define tais indivíduos como estigmatizados. Os indivíduos pertencentes a esse grupo onde o estigma é posto como causado por “culpas de caráter individual” subentende que o indivíduo é responsável (culpado) pelo seu estigma, diferentemente do que ocorre nos demais

grupos, onde o sujeito seria portador de uma característica que resulta em estigma de forma “alheia a sua vontade”. No caso da homossexualidade é possível perceber que essa culpa é oriunda de aspectos ligados à moralidade. Nesse contexto, Butler (2004:184) afirma que:

Esta transformação da homossexualidade em sentimento de culpa e, em consequência, na base do sentimento social, se dá quando há um medo ao castigo dos pais que se generaliza como terror a perder o amor do próximo.

Desse modo a autora mostra como a religião interfere na transformação da homossexualidade em um estigma nos moldes citados por Goffman, onde o sujeito é responsabilizado por esse estigma. Nesse perfil de estigmatizado há uma noção de que o indivíduo tem autonomia para mudar sua condição de estigmatizado no momento em que se acredita que há por parte dele uma “escolha” em viver tal modelo de vida condenada socialmente.

Ainda nesse contexto temos o uso do termo homossexualismo, substituído nos dias atuais por homossexualidade. Tal substituição se deve ao fato do primeiro refletir uma visão do homossexual como aquele que porta um transtorno, uma inversão, alguém que subverte a moral social, o que por sua vez coloca em questão a culpabilidade desse indivíduo em relação ao seu estigma, visto que esse “transtorno” poderia se dar alheio a sua vontade. Tal visão tem sido alvo de inúmeras críticas oriundas do movimento LGBTT, que defende a ideia da homossexualidade como algo de cunho comportamental, inerente à natureza humana, logo não devendo ser questionada ou “corrigida”. Entretanto ainda nos dias atuais é possível perceber que a homossexualidade é encarada por alguns grupos como sendo algo comparado a uma enfermidade. Butler (2004), nesse sentido ressalta ainda que a própria verbalização da homossexualidade seria perturbador, explicando que nesse caso, na sua verbalização você “contrairia a palavra – e o desejo – exatamente do mesmo modo em que se diz que se contrai uma enfermidade” (p.190).

Por sua vez, um caráter referente ao sujeito portador de um estigma que pode ser levado em consideração é a visão do todo em relação a ele como alguém que não é completamente humano, ou digno para tal. Sobre isso, Goffman (2008:14) explica que:

(...) construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social.

Com isso o autor nos ajuda a entender a constante busca por uma causa da homossexualidade bem como as tentativas em vão de tentar revertê-la, dado que ela ainda é vista por muitos como um problema.

Do mesmo modo é importante, no caso da segregação de homossexuais, pensarmos na distinção entre preconceito individual e estigmatização grupal que pode nos levar a refletir sobre o estágio atual da homofobia. Segundo Elias (2000:23) “é comum não se distinguir a estigmatização grupal e o preconceito individual e não relacioná-los entre si”.

Cabe então pensar se na homofobia existiria uma associação entre ambos partindo do que Elias (2000:23) nos mostra ao relatar que, de acordo com a sua pesquisa, “viam-se membros de um grupo estigmatizando os de outros, não por suas qualidades individuais como pessoas, mas por eles pertencerem a um grupo coletivamente considerado diferente e inferior ao próprio grupo”.

Essa associação pode ser percebida se pensarmos nas relações entre homens heterossexuais, em que determinadas atitudes realizadas por estes que poderiam ser tidas como características homossexuais não são alvo de discriminação, enquanto indivíduos homossexuais sofrem discriminações, em muitos casos, somente por assumir a homossexualidade independente de adotar qualificações e/ou posturas tidas como próprias desse perfil de indivíduo. Podemos tomar como exemplo alguns cumprimentos realizados entre jogadores de futebol, onde um jogador dá tapas nas nádegas de seu colega de time quando ocorre uma substituição em campo, sem serem considerados homossexuais por isso. Tais exemplos nos levam a crer que a homofobia dos dias atuais esteja intimamente associada a um processo de estigmatização grupal, gerada pela identidade associada e não pelos atos em si. Tal questão vem se acirrando devido ao processo cada vez maior de luta por visibilidade por parte de grupos militantes a causa LGBTT.

A partir de meados da década de 1980, início de 1990, com o advento do HIV/AIDS – doença que atingiu em grande parte os homossexuais no início de sua epidemia – vem se consolidando no Brasil uma militância LGBTT, cada vez mais atuante, buscando através da visibilidade um maior respeito e desmistificação da sua realidade, reprimida em parte até os dias atuais, apesar da aceitação maior em algumas sociedades. Tal forma de reivindicação aliada a existência de grupos acolhedores são de grande ajuda para que muitos homossexuais entendam sua condição e o estigma associado a ela. Sendo assim “é interessante considerar-se a fase de experiência durante a qual ele [o sujeito estigmatizado] aprende que é portador de um estigma, porque é provável que nesse momento ele estabeleça uma nova relação com os estigmatizados” (GOFFMAN, 2008:45).

Desse modo o sujeito passa a conhecer pessoas iguais a ele, se insere em um grupo e percebe - quando há - uma identidade coletiva a qual ele se encaixa, ajudando, no caso de indivíduos estigmatizados a entender e enfrentar tal situação.

Durante muitos anos e ainda hoje, em algumas situações, a homossexualidade é escondida por parte dos indivíduos pertencentes a esse grupo em muitos casos como forma de se proteger e, para com isso poderem exercer suas demais identidades, fugindo do estigma que ela representa. Butler (2004:193) nos mostra, nesse contexto, que a renúncia pública da homossexualidade poderia compensar a “ameaça pública de um ato público de autodefinição homossexual”. No entanto a autora questiona que o sujeito que outrora afirma sua homossexualidade, mas posteriormente nega, estaria por sua vez negando seus atos, mas não estaria negando seu desejo. Com isso cria-se o chamado “armário”, onde o indivíduo nega a sua homossexualidade, se trancando metaforicamente nesse armário. Tal negação portanto, segundo Butler (2004:183) “se converte em um requisito para a constituição da masculinidade” como é possível perceber nas políticas militares, como a norte americana, conhecida como a política do “*Don't Ask, Don't Tell*” (Não pergunte, não diga). Segundo essa política, o militar *gay* norte americano em hipótese alguma deve expor sua homossexualidade, sob risco de sofrer perseguição dentre outras sanções.

Desse modo Goffman (2008) nos explica que muitos sujeitos portadores de estigmas lançam mão dos chamados pelo autor de *desidentificadores*, ou seja, de signos que seriam usados para mascarar uma imagem, dando assim uma aparência “positiva” a esse indivíduo.

Com isso os desidentificadores são usados com frequência pelos homossexuais que se mantem no chamado “armário”, ou seja, que não revelam publicamente sua homossexualidade. Mas não só esses indivíduos utilizam desses signos, como também aqueles que, mesmo assumidos, em determinados momentos que venham a sofrer alguma ameaça por conta da exposição de sua orientação sexual.

Podem ser exemplo de desidentificadores as ditas “relações de fachada”¹³ para passar uma “conduta heteronormativa” em ambientes familiares e/ou de trabalho, ou mesmo o não uso de determinados adereços, vestimentas e estilos de cabelo bem como alterações no modo de se portar do indivíduo. É interessante notar ainda que a homofobia, diferentemente de outros estigmas como os ligados a cor da pele por exemplo, se manifestam inclusive – e em muitos casos primeiramente – nos locais de cuidado, como o lar, os templos religiosos, locais

¹³ Podem ser chamadas de “relações de fachada” aquelas em que os sujeitos envolvidos não possuem uma relação conjugal de fato, sendo um acordo entre os dois membros do casal a fim de, no caso dela ocorrer entre um homem homossexual e uma mulher, por exemplo, transmitir para a sociedade a ideia de que esse homem não é homossexual.

vistos como de acolhimento mas que, em relação ao homossexual, aparecem em muitos casos como principais locais onde esse sujeito é estigmatizado.

Dessa forma é importante que analisemos o estigma ligado à homossexualidade bem como à homofobia e suas formas de ocorrência para que seja possível mitigar seus efeitos.

Analisando a homofobia, por exemplo, é possível perceber uma proximidade entre ela e a misoginia, observando que as duas formas de discriminação se dá com sujeitos que devido ao seu gênero e/ou comportamento sexual quebram com o padrão masculino heteronormativo. No caso da homossexualidade, aqueles que apresentam um estereótipo ligado ao feminino sofrem mais discriminação que os ditos “discretos”, ou seja, aqueles que apresentam traços maiores de virilidade.

Isso pode ser explicado de duas formas: maior visibilidade do estigma e, de certo modo, perceptibilidade que o homossexual dito “afeminado” apresenta, sendo maior alvo de ataques e ligação com estereótipos divulgados na televisão, em programas de humor, por exemplo e/ou; sua ligação mais explícita com o feminino, quebrando com o padrão masculino dominante. Através disso é possível entender, como dito anteriormente, a maior segregação que travestis e transexuais sofrem em nossa sociedade, sendo as maiores vítimas de agressões e assassinatos – conforme dados divulgados em pesquisas¹⁴ realizadas pelo CLAM/IMS/UERJ em Paradas LGBT. Muito disso se deve pela sua maior vulnerabilidade, visto que travestis e transexuais não conseguem lançar mão da maior parte dos desidentificadores da mesma forma que outros indivíduos LGBTTs, visto que os traços responsáveis pelo seu estigma são mais aparentes, o que justifica a luta pela adoção do nome social (nome adotado para fazer referência ao seu gênero construído) em seus documentos oficiais, o que minimizaria alguns danos ligados ao seu estigma.

Historicamente o feminino aparece em posição inferior ao masculino, ou mesmo de submissão, que pode ser percebida de inúmeras formas como através da fala, de algumas ações e mesmo nas relações de trabalho nas quais, ainda hoje a mulher em média apresenta remuneração menor que a do homem, apesar de já possuir mais anos de estudo, segundo o IBGE (PNAD¹⁵, 2008). Em muitos casos, na iniciativa privada, mulheres que ocupam mesmo cargo/função, recebem remuneração menor que os homens.

¹⁴ O CLAM, Centro LatinoAmericano em Sexualidade e Direitos Humanos realizou – a Pesquisa “Política, Direitos, Violência e Homossexualidade” (CLAM/CESEC). Realizada em 2008 na 7ª Parada do Orgulho LGBT de Belém do Pará – e anteriormente feita nas Paradas do Rio de Janeiro (2003 e 2004), Buenos Aires (2004 e 2005), Porto Alegre (2005), São Paulo (2005), Recife (2006), Santiago do Chile (2007), Bogotá (2007), Cidade do México (2007) e Belém do Pará (2008) – informação retirada em <http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=5855&sid=7#>, acessado em 03/12/2011.

¹⁵ Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio.

Aliado a isso podemos observar uma relação direta entre grande parte dos xingamentos existentes na língua portuguesa com o feminino, visto que muitos destes fazem alusão à prática passiva/feminina de sexo como forma de desqualificar o sujeito a ser depreciado pela ofensa, logo, existindo uma aceitação de que tal denominação seja depreciativa socialmente, conforme nos mostra Elias (2000:27):

Seu poder de ferir [xingamento com base no estigma] depende da consciência que tenham o usuário e o destinatário de que a humilhação almejada do seu emprego tem o aval de um poderoso grupo estabelecido, em relação ao qual o do destinatário é um grupo outsider, com menores fontes de poder.

Em relação à oposição (ou submissão) feminilidade/virilidade, podemos observá-la ao analisarmos um quadro exposto por Misse (2007) – Ver quadro 1 abaixo – que compara atributos de feminilidade e atributos de virilidade, podendo ser percebido que na maior parte dos atributos a mulher (ou o feminino) é posta como frágil, dependente, enquanto o masculino é tido como forte, protetor.

O que muitas vezes pode ser encarado como sinônimo de proteção, da visão da mulher como alguém que necessite ser cuidada, protegida, pode ao mesmo tempo esconder uma visão sexista desta como incapaz de viver independente, ou seja, submissa. Dentre os pares de atributos referentes respectivamente ao feminino e ao masculino, Misse (2007) aponta os seguintes: suave/rude, frágil/forte, protegida/protetor, masoquista/sádico, passiva/ativo, dentre outros.

Quadro 1 – Atributos da Feminilidade e da Virilidade

Quadro 1: Atributos da Feminilidade e da Virilidade	
Feminilidade	Virilidade
Doce, suave	Duro, rude
Sentimental	Frio
Afetiva, intuitiva	Intelectual, racional
Superficial	Profundo
Improvisadora, impulsiva	Planificador
Frágil	Forte
Liberal	Autoritário
Dependente	Independente
Protegida (Covarde)	Protetor (Valente)
Tímida	Agressivo
Recatada, prudente	Audaz
Volúvel, instável	Constante, estável
Sedutora (conquistada)	Conquistador
Pode chorar, insegura	Bonita/Feio?
Monogâmica	Homem não chora, seguro
Virgem	Poligâmico
Fiel	<i>Expert</i>
Sacrificada, abnegada	Infiel
Masoquista	Cômodo
Passiva	Sádico
	Ativo

Fonte: Misse, 2007:26

Partindo disso podemos dizer que se criou um estigma acerca do feminino, visto que essa visão faz com que mulheres sejam vistas como incapazes, dada sua presumida fragilidade, para determinadas ações e determinados cargos até então ditos como masculinos, como ligados à construção civil, ou aqueles que exijam racionalidade e poder de decisão, por exemplo.

Nesse contexto Butler (2004:200) questiona que a homossexualidade feminina seria um risco, visto que “significaria questionar o eixo heterossexual que assegura a subordinação de gênero”. Nessa visão poderíamos enxergar as lésbicas como aquelas que questionam sua colocação enquanto subordinadas em relação ao masculino, negando parte de sua feminilidade que as coloca enquanto frágil perante a sociedade.

Mas não é só na relação homem/mulher que esse estigma do feminino se manifesta. Se levamos essa questão para o campo do gênero (distinto do sexo biológico sendo assim, uma esfera ligada à construção social), temos um estigma ligado a todas as manifestações do feminino, como no caso de grande parte dos homossexuais.

No entanto, conforme nos mostra Misse (2007), essa questão se agrava no homossexual passivo, por esse carregar um estigma maior de ter exercido sobre ele a dominação de um homem por outro homem.

Nesse sentido Fry (1982) aponta para algumas diferenças que existiam/existem na relação entre homens definida pelo autor como “relação hierárquica”. Nessa relação supunha-se a existência de um ativo, definido como o “homem” – o bofe – se relacionando com uma “bicha”, ou seja, o passivo. Nesse contexto o homem não tinha sua virilidade questionada por exercer o papel ativo, ficando o ônus do estigma para o passivo (a bicha).

Hoje, vivemos uma nova fase (embora ainda se reproduza em alguns locais e contextos o modelo hierárquico) onde é possível perceber uma relação igualitária entre os indivíduos. No entanto mesmo com essa visão, ainda existe um estigma em relação à prática passiva do sexo, podendo ser vista como uma herança dessa relação hierárquica que durante muitos anos predominou em nossa sociedade ou mesmo pela ligação que a sociedade em geral faz da homossexualidade com a prática passiva do sexo, sendo vista assim uma relação direta entre orientação e prática sexual.

Mesmo entre grupos homossexuais é possível perceber certa discriminação contra passivos e/ou afeminados, muitos afirmando em discurso não gostarem de se relacionar com esse perfil de homossexual ou mesmo rechaçarem estes com comentários pejorativos, o que cria internamente uma espécie de escala onde haveria perfis de homossexual mais estigmatizados que outros.

É possível perceber com isso que alguns homossexuais omitem ou mesmo neguem a prática passiva como forma de fugir do estigma a ela ligado, construindo assim uma imagem de virilidade que seria questionada pelo ato passivo. Isto se deve visto que a virilidade é, muitas vezes, um requisito até mesmo para o indivíduo se tornar mais desejável pelo grupo. Desse modo podemos dizer que a afirmação da prática ativa pode ser considerada uma espécie de desidentificador.

Visto isso é possível verificar como ocorrem algumas das formas de associação entre identidade e estigma a partir da homossexualidade para como essa base, ao adentrar no campo, podermos aprofundar nosso olhar nos diferentes perfis de homossexual existentes.

3. LUGARES E DINÂMICAS

Não precisas que ninguém te diga quem tu és ou o que és.
Tu és aquilo que és!

John Lennon

Quando estudamos identidades, estamos tratando de manifestações sociais que ocorrem no espaço – mais especificamente o espaço geográfico. Essas manifestações ocorrem em associação não somente aos elementos naturais que são muitas vezes apropriados pelos grupos humanos e ressignificados por eles mas também aos elementos construídos pelo homem. A partir dessa associação devemos pensar as identidades como um (re)arranjo entre elementos naturais e culturais, onde esses são adaptados fazendo com que tenham uma simbologia única para esse grupo.

Levando em consideração que as manifestações identitárias têm como palco espaço geográfico, é importante o entendimento desse, bem como das formas pelas quais ele é (re)apropriado pelos grupos humanos, visto que essa apropriação pode ser feita de diversas formas, variando desde a sua utilização no campo das ideias (do planejamento), até o seu uso como meio de sobrevivência. Nesse momento veremos especificamente como podem ser construídos laços de afetividade com o espaço.

Observando atentamente o nosso entorno, principalmente em ambientes urbanos, percebermos as diferenciações que o espaço geográfico sofre, sendo cada uma delas oriunda de particularidades que nos refletem o quão diversa é a relação do homem com o seu espaço e como esse retrata a diversidade humana. Ao verificarmos as diversas relações dos homens com o seu meio será possível perceber que um mesmo espaço pode ter significações diferentes dependendo do grupo que o ocupa, e também que esse espaço pode ser ao mesmo tempo coabitado por grupos distintos ou mesmo apresentar ocupação cíclica, com revezamento de grupos, transformando-o constantemente.

Trabalhar o espaço e suas formas de significação, portanto, é uma tarefa importante nesse momento visto que a presente pesquisa teve como palco alguns espaços de sociabilidade homoafetivos presentes na cidade do Rio de Janeiro. A escolha por espaços de sociabilidade já estabelecidos facilitou o contato com esse perfil de indivíduo e revelou como esse grupo é capaz de se manifestar espacialmente. Essa escolha, dado a certa estabilidade e até mesmo tempo de existência desses lugares permitiu a análise da relação de pertencimento dos atores

com o espaço, visto que o fator tempo surge como requisito para criação e fortalecimento de laços entre os homens, refletindo também nos laços dos homens com seus espaços. É possível, contudo, numa análise preliminar perceber o quão importante é para o homossexual a existência de espaços de sociabilidade, dado que a manifestação de atos que exponham sua orientação homoafetiva como beijos entre pessoas do mesmo sexo ou mesmo um andar de mãos dadas em locais que não sejam considerados *friendly*¹⁶, podem ser motivo de reprovação ou mesmo de agressão contra aqueles que expuseram sua condição.

Sendo assim, o passo seguinte desse estudo foi entender como o espaço pode ser ressignificado para assim observarmos como se dá a relação de grupos homossexuais com os espaços de sociabilidade homoafetivos que são abordados nesse estudo.

3.1. O espaço como base

No senso comum podemos usar o termo *espaço* para diversos fins. Esse uso varia desde a noção de propriedade, à referência a locais vazios e até mesmo a noção de Universo, o que reflete o caráter amplo desse conceito. Desse modo utilizamos no nosso dia a dia expressões como “meu espaço”, “tem espaço na casa”, “espaço sideral” dentre outras. Tais expressões remetem a situações distintas, mas possuem um elo em comum, um conceito.

No entanto definir esse conceito vem se mostrando uma tarefa bastante árdua, merecendo a atenção de pesquisadores, podendo ser destacados Milton Santos e Yi Fu Tuan.

Observando o espaço enquanto conceito geográfico, percebemos que este se apresenta como um fixo refletindo um cruzamento de móveis visto que sofre interferência daqueles que o ocupam, de seus fluxos. Desse modo percebemos que o espaço:

É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. (CERTEAU, 2009:184)

Com isso vemos que o espaço é fruto de relações que ali se dão - e por elas produzido - o que o torna mutável dependendo dos atores nele atuam, fazendo com que cada espaço seja único, visto que os atores se diferem. Desse modo é de suma importância, para se entender fenômenos ocorridos no espaço, que estudemos não só as características naturais desse espaço

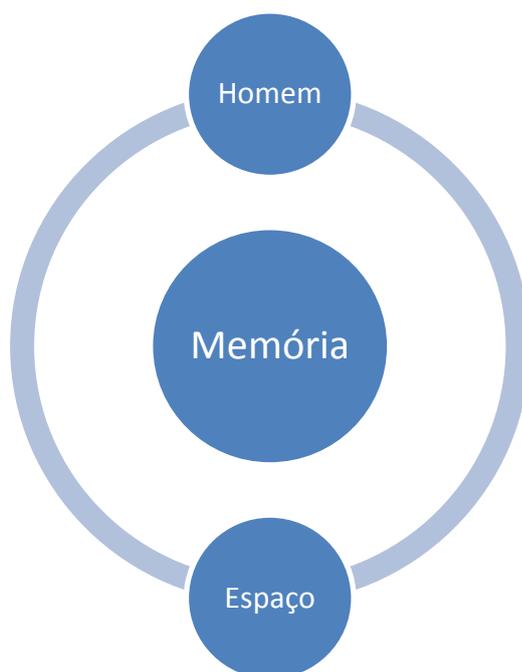
¹⁶ Friendly é um termo usado para definir locais onde, embora o espaço não seja propriamente voltado ao público LGBT, esses são bem aceitos pelo público que o frequenta.

como também os atores que ali vivem, pois estes atuam modificando e dando significados aos elementos que ali se encontram, ou mesmo trazendo elementos novos para ele.

Percebemos ainda que as diversas formas como o espaço se apresenta, conforme mostra Santos (2002) dificulta a tarefa de dar unidade a esse conceito visto ainda que sua “tendência é mudar com o processo histórico, uma vez que o espaço geográfico é também um espaço social” (p.151). Com isso temos o espaço como sendo uma matriz para ações, logo mutável de acordo com seu uso. Desse modo podemos assumir que existe uma relação dialética entre homem – espaço, onde a memória aparece como elemento capaz de interferir nessa modificação, dado o caráter histórico de sua formação. Para Santos (2002) esse “espaço como categoria histórica é a própria significação dos objetos, do seu conteúdo e das relações entre eles que muda com a história” (p.152). Ainda relacionando à formação do espaço de modo temporal temos este sendo:

(...) um entremeado de fluxos e processos, que coexistem espaço-temporalmente e tendem a se tornar hegemônicos em determinados momentos e espaços, condicionados e propiciados pelas circunstâncias e práticas sociais (LIMONAD, 2004, p. 53)

Temos assim apresentado um caráter fluido desse espaço que se molda a partir de seus atores, que por sua vez sofrem interferência da memória em suas ações, formando uma espécie de efeito *looping*, fazendo com que esse processo seja contínuo e evolutivo, como mostra o esquema abaixo.



Desse modo se tomarmos o espaço como categoria concreta, esbarraremos na multiplicidade de formas que este pode assumir dependendo dos atores nele presente. Tomando como exemplo os espaços onde ocorre a sociabilidade homoafetiva, vemos casos de espaços que assumem tal característica em determinados momentos do dia, pela atuação desses atores, sendo desfeito – ou perdendo suas características – após a saída destes. Podemos citar como exemplo prático um dos espaços utilizados para esse estudo, o trecho de praia em frente à Rua Farne de Amoedo¹⁷, onde ele toma características de “espaço gay” no momento em que começam a chegar os comerciantes locais, seguidos dos banhistas sendo então montadas barracas que ostentam signos de uma subcultura¹⁸ LGBT como a bandeira do arco íris, se mantendo até o momento em que esses banhistas e comerciantes se vão. Para aqueles que conhecem o local permanece a memória daqueles signos mesmo após sua retirada, ao fim do dia, fazendo com que em períodos como o carnaval, por exemplo, sejam realizadas pequenas festas com presença maciça do público LGBT nesse trecho de praia mesmo sem a presença desses signos (geralmente no período noturno). No entanto para aqueles que não conhecem o local, no momento em que os atores se vão, tal espaço perde as características. Dessa forma o espaço atua no indivíduo que ali está modificando e imprimindo a ele suas características para que esse sujeito se reconstrua e mantenha relações que deixarão marcas e/ou lembranças.

Todavia podemos ainda pensar o espaço como um conceito geral, onde dele seja possível extrair novos conceitos, dependendo do uso dado a esse espaço. Nesse sentido Santos (2002:153) define espaço como:

(...) um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual.

Com isso Milton Santos completa explicando o motivo da evolução espacial não se fazer de forma idêntica em todos os lugares e nos coloca o espaço como uma categoria base capaz de se modificar dando origem a diferentes estruturas que se formam dependendo do

¹⁷ A Rua Farne de Amoedo é localizada no bairro de Ipanema, área bastante valorizada do município do Rio de Janeiro. Conforme nos mostra o mapa (Nº), a rua se encontra entre as ruas Teixeira de Melo e Vinícius de Moraes, região muito frequentada por boêmios nas décadas de 1960.

¹⁸ O termo subcultura vem se referir a uma subdivisão cultural expressa inserida em outra cultura de caráter dominante.

processo e dos atores que nele interferem. Essa desigualdade na aceleração pode ser percebida de diversas formas no espaço, variando desde a aceleração provocada por um viés econômico, ambiental, político até social. Podemos encarar espaços onde o desenvolvimento de estruturas urbanas tenha tido uma aceleração maior que outros ou mesmo locais onde há maior preservação do meio ambiente (APAs e APPs¹⁹, por exemplo). Esses últimos apresentam desenvolvimento urbano e econômico diferenciado daqueles locais onde a exploração de seus recursos é feita sem controle. No campo simbólico podemos encarar espaços de sociabilidade homoafetivos como aqueles em que o desenvolvimento da tolerância se deu de forma diferenciada em relação ao seu entorno, e porque não dizer acelerada – tomando como base as agendas positivas – no caso de acreditarmos no desenvolvimento dessa tolerância como algo a ser alcançado pela sociedade. Ainda levando em consideração os espaços de sociabilidade homoafetivos, percebemos que seu desenvolvimento se dá a partir de um embate com outros atores que veem de forma negativa esses espaços, fazendo com que sua criação em determinados locais fique comprometida.

Logo, locais onde há presença de grupos intolerantes a manifestações homoafetivas provoca um afastamento desses indivíduos ou faz com que estes recorram a artifícios que garantam sua presença – desidentificadores – como o uso de símbolos reconhecidos somente por membros desse grupo, facilitando assim sua interação. Tais artifícios são necessários na medida em que não há uma ação eficaz de órgãos de segurança pública para proteger esses indivíduos, ou as medidas existentes não são eficazes.

Vale ressaltar ainda que, vistos sob outro prisma, podemos encarar os espaços de sociabilidade homoafetivos como um produto de uma sociedade segregadora, visto que, não havendo discriminação contra LGBTTs, não seria necessária a existência desses espaços.

3.2. Desdobramentos do espaço: a construção do lugar

Após essa breve exposição sobre o conceito de espaço e tomando como premissa a ideia dele servir de base para a construção de relações e novos conceitos, faremos nesse momento uma análise conceitual sobre a apropriação do espaço feita de forma simbólica, sob o prisma dos espaços de sociabilidade homoafetivos.

¹⁹ APA – Área de Proteção Ambiental; APP – Área de Proteção Permanente.

Dentre as formas de ocupação do espaço, podemos delimitar dois conceitos conhecidos pelos geógrafos, sendo estes o território e o lugar (este último de maior interesse para o presente estudo).

O primeiro deles aparece como sendo uma relação em que o sujeito ocupa e imprime a esse espaço uma relação de poder. Podemos definir ainda de forma mais ampla o território, como formado a partir do espaço ou sobre ele, sendo possível entendê-lo da seguinte forma:

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator territorializa o espaço. (RAFFESTIN, 1993:143)

Sendo assim temos, para a construção de um território, a necessidade de um poder sendo exercido por parte dos atores que o dominam e por sua vez reconhecido pelo grupo, bem como por aqueles que não fazem parte dele. Dessa forma o território surge como algo concreto, delimitado, independente de suas fronteiras serem concretas/físicas ou simbólicas.

Tendo esse conceito como base para contraponto, partiremos para o segundo, derivado do espaço e de particular interesse para a presente pesquisa – o conceito de lugar. Construído em grande parte no campo simbólico, afetivo, o lugar apresenta como premissas para a sua formação a noção de pertencimento do indivíduo em relação àquele espaço. Sendo assim o lugar pode ser encarado como um espaço construído a partir das experiências nele vividas, compartilhadas.

Os lugares se constroem a partir do momento em que passamos a conhecer melhor aquele espaço, dando a ele um valor e, para isso temos que levar em consideração o tempo e a memória dessas experiências vividas para assim dotarmos a esse espaço um valor capaz de fazer com que o mesmo se torne um lugar. Entretanto inúmeros fatores contribuem para a formação de lugares, sendo a cultura o principal deles.

No que tange a memória como elemento formador da construção dos lugares, Tuan (1983) mostra que os lugares são construídos a partir das trocas íntimas que acontecem em um espaço. Desse modo, essas trocas ficam gravadas e são lembradas no momento em que o indivíduo retorna a esse local, produzindo nele sensações de satisfação por ali estar. Sendo assim, elementos como decoração, tipo de luminosidade ou mesmo um aroma ambiente formam um conjunto de sensações capazes de fazer com que o indivíduo se sinta confortável naquele espaço e que este o remeta a lembranças de momentos bons/prazerosos vividos naquele contexto, fazendo assim com que aquele espaço seja considerado para ele um lugar.

Tal contexto pode ser entendido através do trecho em que Tuan (1983:160) coloca o lar como um exemplo de lugar:

(...) a memória tece as alegrias mais intensas e nos mantém à sua mercê através de ninharias, algum som, o tom de uma voz, o odor de piche e de algas marinhas no cais. (...) Este certamente é o significado de lar – um lugar em que cada dia é multiplicado por todos os dias anteriores.

Nesse contexto a cultura faz com que a sociedade crie valores e necessidades que devem por sua vez ser saciados pelos indivíduos que nela vivem. Temos, segundo Tuan (1983) os lugares como espaços de segurança, onde nele nossas necessidades – materiais ou não – são satisfeitas. O autor enfoca entretanto as necessidades biológicas, mas podemos incluir ainda necessidades sociais como o estar junto de seu semelhante, necessidades afetivas e mesmo a necessidade de expor sua personalidade, sua identidade. Logo, é possível pensarmos nos lugares como sendo formados sob a mediação do tempo e da cultura que irão moldar as experiências vividas no espaço em questão, fazendo com que o mesmo adquira um significado.

Diferentemente do território, onde suas fronteiras, mesmo as simbólicas, são de mais fácil visualização, os lugares são individualizados, variam de acordo com o sujeito/grupo que o vivencia. Um lugar pode ser tanto um espaço utilizado para satisfazermos necessidades básicas (como a alimentação, descanso), até aquele espaço onde demos o primeiro beijo, por exemplo, visto que em ambos os casos estamos associando a esse espaço vivido um significado. Desse modo temos o que Tuan (1983:152) define como lugares íntimos, sendo esses os “lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato”.

Podemos dizer que alguns espaços vão sendo modificados na intenção de se tornarem um lugar para aqueles que o ocupam, enquanto outros simplesmente se tornam por ações que ali ocorreram.

Alguns lugares, nessa visão, podem ser criados independente da vontade do sujeito, visto que uma experiência vivida pelo sujeito de forma espontânea, sem que ele planejasse pode fazer com que determinado espaço se torne, a partir dela, um lugar para aquele que ali vivenciou tal experiência. Para Tuan (1983:156) “cada troca íntima acontece em um local, o qual participa da qualidade do encontro. Os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato”. Logo, os lugares são subjetivos, tidos e/ou sentidos de forma única por cada indivíduo. Sendo assim o lugar é o modo como

sentimos determinados espaços, visto que eles são espaços que, quando lembrados nos remetem sensações, produzindo satisfação por lembranças de fatos ali vividos.

Entretanto, ao observamos alguns outros espaços, percebemos que há a tentativa (algumas com sucesso) em se transformar espaços em lugares. Para isso os sujeitos lançam mão de artefatos que podem tornar aprazíveis a existência dele ou mesmo de outros indivíduos naquele espaço. Tal questão pode ser percebida com clareza ao tomarmos como exemplo os quartos de hotel, criados para proporcionar conforto e bons momentos para aqueles que o ocupam. Para tanto os hotéis investem em decoração e objetos que promovam conforto àqueles que ali se hospedem, tentando tornar esse espaço como sendo um local íntimo para os que ali ocupem, independente do tempo da estadia. Outros estabelecimentos comerciais também lançam mão dessa estratégia para atrair frequentadores, visto que estes, ao se sentirem bem e terem uma boa experiência de vivência naquele espaço, possivelmente voltarão para vivenciá-la outras vezes. Essa medida garante, em grande parte, o sucesso daquele estabelecimento.

Ao pensarmos nos espaços de sociabilidade homoafetivos, é possível vermos que se formam de ambos os modos (espontâneo e induzido). Alguns locais como praças de alimentação de shopping, parques ou mesmo trechos de praia que se tornaram espaços de sociabilidade para gays e lésbicas, não foram criados com esse intuito, mas se tornaram para aqueles que ali circulam devido às relações que se deram naqueles espaços.

Quando circulamos em espaços homosociais, percebemos em muitas falas a sensação de acolhimento, no sentido de naquele espaço o indivíduo poder ser quem ele é. Em espaços comerciais voltados a esse público é possível perceber elementos como bandeiras do arco íris ou, em espaços mais novos – e/ou de menor tolerância à prática – são utilizados símbolos mais sutis, visto que muitos homossexuais preferem não expor de forma clara sua homossexualidade. No decorrer do trabalho será possível observar os elementos adotados pelos espaços escolhidos nesse estudo como tentativa de transformá-los em lugares para aqueles que os frequentam.

Vale ressaltar ainda que o fato de determinado espaço ser tido como território de determinado grupo, não exclui a possibilidade de ele ser um lugar para o mesmo, visto que tais conceitos não são excludentes. É possível perceber ainda a ocorrência de uma relação até mesmo mutualística entre os dois conceitos no caso dos espaços homoafetivos visto que a transformação de determinado espaço em um território LGBT garante, dada a relação de poder e controle sobre aquele espaço, a segurança necessária para o indivíduo expor sua

sexualidade e interagir com os demais. Dessa forma serão trocadas experiências que poderão fazer com que esse território seja tido por seus frequentadores como um lugar.

Por fim cabe fazermos uma análise sobre os espaços tradicionalmente tidos como lugares, dado o propósito de acolhimento e proteção que são esperados neles e trazê-los para o contexto do sujeito LGBT. Tomando como exemplo espaços como o lar, a escola ou mesmo os templos religiosos, temos estes como locais de referência para o acolhimento, descanso, entre outros. Como nos mostra Tuan (1983:159) “a casa como lugar está cheia de objetos comuns. Nós os conhecemos através do uso”. Tuan (1983:160) afirma ainda que:

O lar é um lugar íntimo. Pensamos na casa como lar e lugar, mas as imagens atraentes do passado são evocadas não tanto pela totalidade do prédio, que somente pode ser visto, como pelos seus elementos e mobiliário, que podem ser tocados e também cheirados: o sótão e a adega, a lareira e a janela do terraço, os cantos escondidos, uma banquetta, um espelho dourado, uma concha lascada. “Nas coisas menores e mais familiares”, diz Freya Stark, “a memória tece as alegrias mais intensas e nos mantém à sua mercê através das ninharias (...)

Logo a vivência torna o espaço da casa como um lar, conseqüentemente, um lugar. Na escola tal vivência também se dá no contato diário, na socialização com colegas de mesma idade, muitas vezes induzido e mediados pelos professores ao exporem trabalhos dos alunos, ditando regras de convívio e auxiliando-os em seus processos de socialização fazendo com que eles se sintam parte daquele espaço.

Entretanto cabe refletirmos sobre se a vivência nesses espaços seria, para todos os presentes, acolhedora. Mesmo o lar, seria este acolhedor (um lugar) para todos que ali vivem?

Esse questionamento se justifica no momento em que, para muitos LGBTs, a vivência em alguns desses espaços pode não torná-los um lugar em virtude de problemas associados a sua identidade sexual. Para esses indivíduos a socialização se dá, em muitos casos de forma diferente, visto que sofrem discriminação por conta da sua sexualidade diferir da norma comum da sociedade. Tal discriminação, no entanto, muitas vezes se inicia nesses espaços tradicionalmente vistos como espaços de acolhimento, dentre eles o lar, a escola ou mesmo os templos de algumas religiões.

Quando o indivíduo LGBT sofre algum tipo de rejeição ou mesmo agressões de seus pais por conta de sua sexualidade (ou por outros motivos), o lar perde em muito sua função de acolhimento, tornando-se um espaço de sofrimento para esse sujeito. Muitos homossexuais ainda hoje são agredidos ou mesmo expulsos de suas casas por seus pais, quando estes descobrem a homossexualidade dos filhos.

Nas escolas atualmente tem se falado com frequência sobre questões relacionadas ao *bullying*²⁰, visto que este é motivo de traumas para muitos jovens, atrapalhando seu desenvolvimento e muitas vezes o afastando dos estudos. Inúmeros são os tipos de *bullying*, variando desde aqueles de cunho racial, até os que são motivados por diferenças de gênero, aparência, peso e/ou orientação sexual – o *bullying* homofóbico. Vale ressaltar que o *bullying* com motivação homofóbica não é sofrido exclusivamente por indivíduos homossexuais, mas também por aqueles que, embora heterossexuais, não manifestam atitudes “esperadas” por um sujeito heterossexual na sociedade, visto que esta tem um padrão construído de “homem” que faz com que aqueles que não o seguem, tenham sua sexualidade questionada. Logo, na escola, meninos mais tímidos, tidos como “delicados”, dentre outras características não relacionadas com o universo masculino podem sofrer com o *bullying* homofóbico. Com isso percebemos que, para muitos homossexuais, a escola também não se constitui um lugar.

Como um último exemplo, dentre muitos outros, podemos citar alguns espaços religiosos, basicamente aqueles relacionados a religiões nas quais a prática homossexual é condenada, considerada pecado, sugerindo assim que o homossexual é um sujeito pecador por suas práticas e, impondo muitas vezes que estes devam se redimir e deixar de cometer tais atos para alcançar o perdão divino. É possível observarmos nesse contexto, com relativa frequência a fala de bispos e pastores de religiões cristãs neopentecostais condenando a homossexualidade, muitos inclusive o fazem com extrema agressividade. Tal posição tem sido vista como um risco visto que podem incitar a sociedade a cometer práticas violentas contra homossexuais, já que essas religiões vêm alcançando um extenso domínio da mídia escrita e televisiva, bem como se inserindo também no campo político, a partir da eleição de deputados e senadores oriundos dessas religiões e comprometidos com tais agendas. Essa inserção política vem impedindo a criação de uma agenda positiva²¹ ligada aos Direitos Humanos e às liberdades individuais sob a égide da defesa da “família tradicional”. Dentre pontos dessa agenda positiva temos a proposta de legalização da União Civil entre pessoas de mesmo sexo e a criminalização da homofobia, esta última que afeta diretamente práticas de alguns bispos e pastores. Uma das reivindicações dos líderes de algumas religiões é que estes não sejam impedidos de condenar abertamente as práticas homoafetivas, bem como terem o direito de retirar homossexuais de seus templos caso esses manifestem tais práticas em seu

²⁰ Segundo Maldonado (2011) o *bullying* é um fenômeno amplo e complexo que provoca sofrimento nos que são atingidos por esse tipo de agressão, realizada de forma sistemática e repetitiva, realizada por uma pessoa ou grupo que tem mais poder, com a intenção de magoar, aterrorizar, intimidar, etc, uma pessoa ou um grupo com menos poder.

²¹ Agenda Positiva é uma expressão que atualmente tem sido usada para definir conjuntos de ações vistas como essenciais para determinados grupos ou temas, a fim de desenvolvê-los.

interior. Entretanto é importante ressaltar que existem igrejas/religiões vistas como inclusivas, dado que aceitam e acolhem indivíduos homossexuais sem que estes tenham que negar tal prática, como é possível perceber nas religiões de matriz africana como a Umbanda e o Candomblé. Logo vemos que dependendo da igreja/religião, o templo religioso pode se tornar ou deixar de ser um lugar para o homossexual.

Visto isso, a partir de agora adentraremos em alguns espaços homoafetivos a fim de observar a construção de identidade(s) homoafetiva(s) e como estes sujeitos transformam esses espaços em lugares. Observaremos ainda como se dá essa transformação e a interação nesses espaços para, com isso, entendermos um pouco do processo de socialização homoafetiva.

4. METODOLOGIA DO ESTUDO

Em meio ao objetivismo científico, às fórmulas numéricas contrastantes e à metodologia sistemática, há meu coração que sustenta uma vida carregada de subjetivismos.

Ana Carolina

A partir de agora será descrito o modo como esse estudo foi pensado e realizado, detalhando sua metodologia, questões éticas envolvidas e critérios de análise que foram utilizados. Serão descritas também as etapas do estudo e o recorte espacial escolhido.

Partindo da hipótese de que o grupo escolhido apresenta inúmeras variações tanto de perfil quanto de comportamento e que estas influenciam em suas preferências por determinados locais de sociabilidade, foi necessário que escolhas fossem feitas a fim de evitar análises superficiais, garantindo um entendimento global de uma parcela desse grupo bem como de seu comportamento, visto que este não é claramente compreendido pela sociedade, sendo cercado de tabus e mitos.

Percebendo ainda que o objeto de estudo é representado por um grupo social, uma comunidade (ou parte dela), é possível esclarecer que, por esse motivo, está sendo feita uma pesquisa de cunho etnográfico da qual se espera através dela entender a dinâmica de vivência e socialização dos indivíduos de orientação e/ou práticas homoafetivas nos lugares escolhidos para campo.

A presente pesquisa, por sua vez, se valeu de uma perspectiva indutiva, visto que seu objetivo principal não era a elucidação de hipóteses, pois essas seriam lançadas pelo próprio campo. Desse modo a entrada no campo se deu sob a proposta de entender e vivenciar esse grupo, onde junto a ele fossem levantados temas e estabelecidos padrões a partir dessa vivência. Nesse sentido a intenção da pesquisa é relatar essas experiências, observando os temas recorrentes nos espaços pesquisados e descobrindo assim possíveis símbolos que dão significado ao que as pessoas pensam e fazem nesses locais.

Tal objetivo se tornaria enviesado com o uso de uma metodologia de cunho quantitativo, pois a aplicação de questionários, por exemplo, tiraria a espontaneidade do sujeito pesquisado no momento em que seria obrigado a ter uma relação direta/formal com o pesquisador. Desse modo as sondagens feitas em campo foram realizadas a partir de observações e diálogos não estruturados, além de conversas informais com frequentadores dos

espaços em questão a fim de entender melhor a dinâmica observada e/ou tirar dúvidas levantadas no próprio campo.

Com o objetivo de entender da forma mais detalhada possível o comportamento e a dinâmica do grupo estudado, foi adotado o papel de observador participante interno, segundo categoria definida por Lapassade (2005), visto que a entrada se dá em um campo do qual sou visto como ator. Pode-se dizer ainda que tal postura pode ser definida como sendo de um participante completo (Angrosino, 2009), dado que estive imerso na comunidade.

Vale ressaltar que me valho de ser membro de parte dessa população pesquisada, o que me torna um sujeito totalmente envolvido (Angrosino, 2009:75) fazendo com que eu passe despercebido no cenário em grande parte da pesquisa e facilitando meu envolvimento com as pessoas e suas atitudes. Esse envolvimento garante, em grande parte, a espontaneidade das ações dos atores em campo além de facilitar minha entrada nele enquanto observador, fazendo com que a dinâmica não fosse alterada (exceto na casa noturna, como será explicado posteriormente, visto que o perfil dos frequentadores desse local difere em parte do meu perfil enquanto sujeito).

Entendendo por sua vez que essa postura seja passível de críticas quanto a necessidade de distanciamento entre pesquisador e objeto de estudo, cabe refletirmos sobre essa neutralidade científica, visto que o pesquisador, mesmo quando não inserido na comunidade pesquisada, avalia de acordo com seu arcabouço teórico adquirido e ponto de vista da observação. É importante destacar ainda que essa imparcialidade tão buscada pode ser questionada desde a escolha por determinado objeto de pesquisa em detrimento de outros. Entretanto, é importante afirmar que o foco final será uma descrição dos cenários pesquisados com base na observação, associada à literatura previamente selecionada visando tornar a descrição o menos subjetiva possível buscando assim que a relação pesquisador/objeto de estudo no período da pesquisa chegue próximo à imparcialidade.

Desse modo foi feito um amplo levantamento bibliográfico, trabalhado nos capítulos anteriores, capaz de fornecer uma base para a entrada em campo, facilitando o entendimento tanto do sujeito pesquisado quanto do meio em que ele está inserido. É importante ainda ressaltar o caráter interdisciplinar desse estudo visto que o tema da homossexualidade nesse estudo vem sendo tratado com o apoio de diversos campos disciplinares, entre eles a Memória Social, a Geografia, a Psicologia, a Sociologia, dentre outros que ao longo da pesquisa foram postos em diálogo com o objetivo de dar conta da complexidade que o tema apresenta.

Nesse sentido foi feita a revisão de algumas pesquisas já realizadas, ligando as áreas supracitadas, a fim de explicar essas questões que estão cada vez mais associadas à

constituição desse grupo e sua participação na sociedade. Pretende-se com isso trazer algumas contribuições ao tema, servindo de base para futuros pesquisadores que tenham interesse nessa questão e ajudando na ampliação/revisão dessa bibliografia já existente.

A invisibilidade da homossexualidade, bem como a inibição que sua prática sofre no espaço público foi um desafio que fez com que, além de motivar em parte o interesse pelo desenvolvimento desta pesquisa, fosse necessária a ida aos seus espaços de convivência, para assim ser possível o encontro com o objeto de estudo. Por conta disso e de alguns espaços serem públicos e com população inconstante, tornou-se necessária a observação participante como técnica escolhida para coleta de informações.

Tal método permite por sua vez um entendimento da dinâmica dos espaços pesquisados, bem como do campo simbólico e dos tipos de linguagem utilizados pelos sujeitos observados pois, segundo Lapassade (2005) esse método “parte de uma realidade social para tentar extrair, por meio de encontros entre pesquisadores e os atores sociais, um funcionamento de sociedade” (p.87).

A escolha da observação participante se deu portanto pela necessidade de compreensão da dinâmica do grupo escolhido como objeto de estudo, pois somente através da vivência de sua realidade seria possível uma análise mais detalhada. Não foram realizadas entrevistas estruturadas visto que nosso objetivo era entender a vivência do grupo e perceber como a memória - seja individual ou coletiva - interferia no comportamento dos indivíduos do grupo, em sua criação como tal, bem como em suas diferentes gerações. Logo era importante garantir a espontaneidade dos sujeitos para entender suas práticas, visto que entrevistas estruturadas poderiam fazer com que algumas práticas, principalmente as ligadas a questões sexuais pudessem ser modificadas por esses sujeitos, muitas vezes guiados por questões morais. Desse modo, os sujeitos presentes durante minhas visitas não sabiam do meu propósito naquele local, exceto aqueles com os quais pude conversar por mais tempo. Sendo assim, por motivos éticos, a identidade de nenhum participante será revelada, nem quaisquer características que possam levar à identificação de algum dos presentes durante as visitas de campo da pesquisa.

É importante destacar ainda que o método utilizado garante que seja alcançada uma visão global do grupo pesquisado, em detrimento de trajetórias de vida individuais, tendo em vista ainda que, em determinados locais, se tornaria inviável a coleta de dados a partir de outros métodos.

Os donos dos estabelecimentos onde foi realizada a pesquisa não foram contatados, visto que a rotina de pesquisa não implicaria em mudanças nas rotinas dos locais, nem

necessitaria informações específicas sobre cada estabelecimento. As informações contidas aqui são oriundas de locais de domínio público como os seus respectivos sites na internet, desse modo não serão divulgados os nomes dos estabelecimentos visitados nessa pesquisa nem detalhes que levem à sua localização exata.

Como observado anteriormente, inúmeros são os tipos de espaços onde ocorre socialização entre LGBTTIQ²², o que fez com que, para que se tornasse viável a realização desse estudo, fosse feita a escolha por três tipos específicos e com características bastante distintas de espaços mas com presença majoritária ou, em um dos casos (a sauna) total, de homens com práticas homoeróticas (homossexuais e demais HSHs).

Os espaços escolhidos foram: um espaço aberto (Rua Farme de Amoedo – Ipanema – e seu trecho de praia), uma casa noturna e uma sauna sem *boys* (sem práticas de prostituição).

A opção por esses três tipos distintos de espaços permite a visualização de perfis diferenciados de sujeito (tendo como traço comum o fato de serem homens que tenham práticas homossexuais e frequentarem aqueles espaços) ou, em alguns casos, perfis distintos de práticas de um mesmo sujeito variando de acordo com o espaço frequentado, admitindo a hipótese de uma mesma pessoa frequentar diferentes tipos de espaços, logo, adaptando suas atitudes de acordo com o espaço frequentado.

A escolha por esses lugares levou em consideração alguns aspectos a serem trabalhados a seguir.

O primeiro deles foi a localização geográfica – Todos na Zona Sul do Rio de Janeiro (ver mapa 03), tendo entre eles um raio de distanciamento de aproximadamente um quilômetro de distância. Tal aproximação possibilita a análise dos indivíduos da região e facilita o deslocamento do pesquisador por esses espaços. A escolha por espaços na Zona Sul se dá também pela maior oferta de locais de entretenimento (não só em relação ao público LGBT) ocorrer nessa área da cidade.

Vale ressaltar que embora os locais apresentem frequência de pessoas oriundas de outras localidades, analisá-las em outros locais fora desse perímetro poderia resultar em mudanças de comportamento devido a fatores locais como maior ou menor índice de violência do bairro, ausência ou presença de outros estabelecimentos de diferentes perfis, maiores dificuldades ou facilidades de locomoção o que implicaria em dificuldade de chegada através de meios coletivos de transporte, o que por si só já seria capaz de modificar o

²² Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersex e Queers.

comportamento do frequentador, ou mesmo alterar o perfil de público observado, por exemplo.

O segundo aspecto considerado na escolha por esses três espaços distintos foram as diferenças entre as finalidades pelas quais esses três espaços são procurados, como a busca por sexo (por parceiros afetivos/sexuais), a liberdade de manifestação de sua identidade ou somente para observação, o que implica em mudanças comportamentais nos diferentes espaços, sendo a observação dessas o objetivo principal dessa pesquisa.

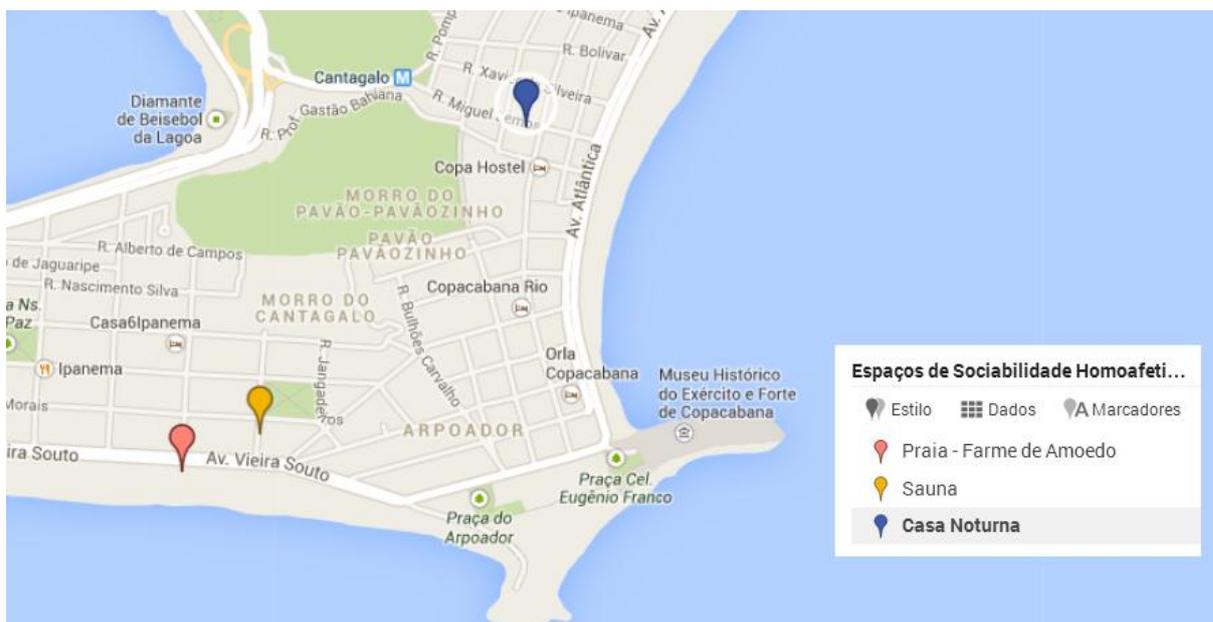
Por fim é importante destaca que a escolha da casa noturna localizada em Copacabana²³, em específico deu-se pela frequência majoritária de homens idosos, o que facilita a análise do comportamento desse perfil de homossexual mais difícil de ser encontrado, bem como a observação, nesse caso em específico, do papel da memória em seus comportamentos e daqueles que partilham do mesmo espaço.

Há também que ser destacado o fato dessa casa noturna ter sido inaugurada nos anos de 1950, portanto uma das poucas que sobreviveu às transformações e reterritorializações comumente sofridas pelos espaços de convivência de homossexuais em geral. Como exemplo desse processo temos os exemplos das boates e cinemas pornôs que foram transformados em igrejas evangélicas, podendo citar as casas noturnas que haviam na Galeria Alasca, encontrada na avenida Nossa Senhora de Copacabana, no posto VI do bairro de Copacabana – Rio de Janeiro.

Tratando-se ainda da casa noturna escolhida nesse estudo, cabe ressaltar que a dificuldade em se encontrar o público homoafetivo idoso decorre, muitas das vezes, devido ao duplo estigma que concerne a esse grupo: serem gays e serem idosos, visto que, inclusive entre os gays, é possível perceber a ocorrência de discriminação contra aqueles que apresentam idade considerada avançada, havendo inclusive designações específicas e pejorativas para estes como o termo “cacura”, por exemplo. Por outro lado, esses homens maduros/idosos muitas vezes são alvo dos jovens que vivem da prostituição (idosos de relativo poder aquisitivo são o alvo preferencial). Geralmente esses locais são frequentados também por homens que fazem sexo com homens na intenção de encontrar quem se disponha a pagar pelos seus “serviços” sexuais e por homens mais jovens que tem como objeto de desejo homens mais velhos.

²³ Bairro localizado na Zona Sul do município do Rio de Janeiro. Bairro vizinho a Ipanema.

MAPA 03: Recorte espacial do estudo²⁴



Fonte: Google Maps. Adaptado por Rafael Chaves, 2013

A entrada do pesquisador no campo se deu de forma distinta nos espaços escolhidos, dadas às especificidades de cada local, no entanto ela foi facilitada/possibilitada pelo simples fato de me apresentar enquanto homem (visto que a frequência é majoritariamente/exclusivamente masculina nos espaços pesquisados) e nos casos específicos da casa noturna e da sauna esse ingresso se deu ainda pelo pagamento de entrada, realizado por todos os frequentadores. No caso do espaço da Farme de Amoedo não é realizada cobrança, no entanto a permanência dependia de condições climáticas já que em dias de chuva a frequência de espaços como a praia é bastante baixa ou mesmo nula.

Antes da entrada efetiva no campo foram realizadas pesquisas sobre os locais escolhidos, tendo sido feito um levantamento de informações sobre estes locais em seus websites (a casa noturna e a sauna possuem sites próprios disponíveis para consulta) bem como sites de guias gays²⁵, que são opções normalmente usadas por turistas e frequentadores em geral. Foi possível ainda contar com a ajuda de pessoas conhecidas que frequentavam tais espaços a fim de recolher dicas a cerca destes, como melhores dias e horários para ida, por exemplo.

²⁴ O Mapa 03 revela o recorte espacial da pesquisa. O recorte se constitui da divisa entre os bairros de Copacabana e Ipanema (ambos na Zona Sul do Rio de Janeiro), numa localidade conhecida como Arpoador. Os pontos marcados nos ajudam a situar os espaços, no entanto vale ressaltar que não exprimem com exatidão a localização devido à margem de erro do instrumento usado para medição.

²⁵ Existe uma série de guias online onde é possível pesquisar locais para visitas como saunas, boates entre outros. Temos como exemplos: <http://www.rioguiainicial.com.br/lgbt>, <http://www.baladagls.com/rio-de-janeiro/>, <http://www.guiaglbts.com.br/index.php>, entre outros.

As ferramentas para coleta de dados foram diversificadas devido a certas particularidades que os espaços apresentavam. No caso do espaço aberto pôde ser utilizado diário de campo (caderno para notas) concomitante à visita, no entanto na sauna e na casa noturna foi inviável seu uso, pois além de chamar a atenção dos demais frequentadores, seu simples porte se tornava um empecilho para o andamento e até mesmo permanência no campo. No entanto o uso do diário não foi abolido, mas seu preenchimento se dava logo após cada dia de observação nesses espaços.

Na casa noturna pôde ser utilizado o celular como alternativa para anotar detalhes do que era absorvido. Neste foi possível digitar de forma discreta, através da ferramenta conhecida como “bloco de notas”, as impressões do campo. Essa ferramenta pôde ser utilizada em locais escuros da boate sem chamar atenção dos demais, visto que é comum o uso de celulares *smartphones* em espaços como esses para compartilhar fotos e mensagens entre amigos, bem como usar aplicativos que facilitam o contato e a busca por parceiros como o já citado *Grindr*, etc. Foi possível perceber, ao acessar esse aplicativo que alguns dos frequentares podiam ser vistos nele, ou seja, a busca por parceiros se dava concomitantemente no campo real e virtual. Na sauna entretanto essa coleta dependeu unicamente da transcrição posterior das percepções, visto que o trânsito naquele espaço era permitido somente com uso de toalhas, sungas ou completamente despido, logo o porte de qualquer outro pertence é implícitamente proibido ou me tornaria um “estranho” naquele espaço.

O telefone celular ainda teve um papel importante pois através dele foram feitos alguns registros fotográficos como fachadas e entorno de alguns espaços da pesquisa, que não foram publicadas nesse trabalho por questões éticas e a fim de garantir o anonimato dos frequentadores.

Após cada dia de campo era produzido um relatório a fim de registrar a vivência e permitir com que a menor quantidade de detalhes observados fosse perdida. Ao longo do tempo era percebido que os locais apresentavam uma dinâmica que não se alterava muito, apresentando certa regularidade que tornava os relatórios de certo modo repetitivos. No momento em que as ações no campo passaram a se tornar corriqueiras foi dado início ao processo de análise e procura por repostas às perguntas levantadas em campo.

Por fim, após um período de aproximadamente dois anos de pesquisas em campo (início em abril de 2012 e término em outubro de 2013), o material coletado foi sistematizado a fim de analisar as percepções extraídas e definir possíveis modelos de sujeitos relativos ao universo dos espaços de convivência homoafetiva.

A análise se deu a partir da releitura das anotações de campo bem como da revisão bibliográfica realizada, aliada à observação dos elementos e ações recorrentes em cada espaço pesquisado, como vestimentas comuns, horários de maior e menor frequência, ações, linguagens e vocabulários comumente usados, mostrando assim que cada espaço possui sua dinâmica e que essa respeita certa regularidade.

5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

A sociabilidade também pode ser considerada como um mútuo aquecimento intelectual dos homens, parecido ao produzido corporalmente quando, em ocasião de frio intenso, eles se juntam bem perto uns dos outros. Mas quem tem bastante calor intelectual em si não precisa de tal agrupamento.

Schopenhauer

Depois de realizado levantamento empírico dos dados, seguido de análise e articulação com os principais conceitos envolvidos nessa pesquisa, chegou a hora de, sob a luz destes, mostrar os resultados do trabalho de campo realizado, conforme metodologia anteriormente descrita. Vale ressaltar que, mais do que expor alguns relatórios de campo, esse é um momento de análise de uma vivência cumulativa que, pode se dizer, começou desde a primeira pesquisa realizada, ainda para confecção de trabalho de conclusão de curso de graduação em Geografia, apresentado em 2007.

Essa pesquisa, como anteriormente mencionado, parte da vivência de pesquisas anteriores, tendo agora sistematizada uma metodologia de campo com observações mais apuradas e recorte espacial delimitado.

Portanto, definido o recorte espacial, nesse momento será feita a descrição dos espaços pesquisados bem como relatadas algumas das visitas realizadas a fim de expor algumas percepções que o campo trouxe. A análise trata alguns pontos recorrentes na dinâmica dos espaços, bem como algumas percepções pessoais a fim de interpretar e articular a vivência realizada com alguns conceitos estudados para ser possível entender o que é vivenciado nesses espaços.

Desse modo cada espaço pesquisado será avaliado de forma separada, mostrando alguns relatos de campo e impressões para, por fim, fazer uma análise geral do estudo, articulando as vivências visto que os espaços, embora aparentemente heterogêneos, não estão isolados, estando assim inseridos em uma rede social, visto que pela proximidade, existe um intercambio de sujeitos entre os espaços pesquisados.

5.1. Sauna

Observando o universo homoafetivo, foi possível perceber forte presença da questão sexual, associada diretamente à suas diversas práticas, inclusive como forma de definição do

indivíduo, fato percebido ao longo do estudo já que que muitos espaços de sociabilidade homoafetivos são marcados pela ocorrência da prática sexual. Saunas, banheiros²⁶, cinemas pornô, *dark rooms* e afins são exemplos de espaços tipicamente homoafetivos onde a ocorrência da prática sexual é muito presente, mesmo quando inseridos em espaços que não foram criados para esse fim.

Observada a importância desse tipo de espaço para parte dessa população, tornou-se urgente incluí-lo na presente pesquisa a fim de verificar como se dá a socialização nesses espaços bem como entender um pouco do indivíduo que o frequenta.

Características Externas

A presente sauna se localiza em Ipanema, bairro nobre do Rio de Janeiro, a uma quadra da praia (nas proximidades do Posto 8), próxima a estação de metrô General Osório e do ponto final de importantes linhas de ônibus como o 485 (Penha - General Osório), 456 (Meier - General Osório) e 457 (Abolição - General Osório) resultando assim em um fácil acesso para um número elevado de indivíduos.

Localizada na rua Teixeira de Melo, caracterizada por ser uma rua de grande movimentação devido a sua proximidade com a praia bem como com a Praça General Osório. Vale ressaltar que em frente à sauna existe um pequeno salão de cabeleireiro e uma boate voltada majoritariamente ao público gay onde nela, durante o dia aos fins de semana, funciona como bazar de roupas. Sua proximidade com a rua Farme de Amoedo (conhecido reduto homossexual do bairro de Ipanema) ajuda a fortalecer a circulação de indivíduos homoafetivos nesse polígono e também, por sua vez, se aproveita desse território já formado para angariar e fidelizar clientes.

Trata-se de um sobrado de fachada discreta, pintado na cor branca, tendo como entrada uma porta giratória de vidro fosco, impedindo que seu interior seja visualizado. Esse perfil de entrada visa conferir certo anonimato aos seus ingressantes, impedindo-os de serem visto abertamente pelas pessoas que passam pela rua, que é bastante movimentada especialmente pelas pessoas que retornam da praia.

Durante a noite a iluminação é bastante discreta, provavelmente para não evidenciar a sauna, que não dispõe de letreiros luminosos, nem de fachadas em lugares de visibilidade. No entanto, há apenas uma forma de identificação da casa realizada através de um tapete que fica

²⁶ Banheiro é uma expressão utilizada no meio homossexual para definir a prática de atividades/contatos sexuais entre homens em banheiros públicos.

na porta de entrada, sendo preciso que o sujeito se aproxime da casa para identificá-la. Esse anonimato corrobora a hipótese de que seus frequentadores não entrariam na sauna por uma descoberta casual e sim pelo fato de já disporem de informações e recomendações a seu respeito.

O estabelecimento possui um site na internet onde são mostradas fotos de alguns espaços internos da sauna, além de divulgar o cardápio de serviços prestados no local (massagem e depilação, por exemplo) bem como sua respectiva tabela de preços. Nesse site é informado o endereço, telefone para contato e, além disso, é possível ouvir músicas ao fundo (estilo eletrônico).

É disponibilizado ainda um clipe onde são mostradas cenas do Rio de Janeiro, sempre tendo como foco uma ideia de sensualidade do homem carioca. Algumas dessas características revelam assim um viés de atração de turistas (nacionais e internacionais), muito presentes nessa região da cidade e, em particular, nesse estabelecimento. Uma forma de publicidade muito comum nos espaços de convivência homoerótica é a distribuição de filipetas com fotos, anúncios de eventos e informações sobre outras casas do gênero. Assim, uma vez tendo acesso a uma dessas casas facilmente poderão ser encontradas outras, pelos amplos sistemas de divulgação *in locu*.

Essa sauna, como mostrado em seu site, não trabalha com “boys²⁷”, ou seja, não é permitida prostituição. Vale ressaltar que apesar da exploração da prostituição ser crime no Brasil, algumas saunas trabalham com os chamados “boys”, entretanto afirmam que a única relação destas com os garotos de programa seja permitindo que estes cobrem pelos programas, sem receber lucro sobre o valor deste. Dessa maneira o “boy” funcionaria muitas vezes como um atrativo para a sauna, fazendo com que o dono desta lucre com a ida do cliente em busca dos serviços prestados por ele bem como pelo seu respectivo gasto no aluguel dos espaços internos (cabines e produtos por exemplo). No entanto essa questão não será aprofundada nesse trabalho visto que não ocorre na sauna escolhida para pesquisa, valendo ainda destacar que a presença de garotos de programa em determinadas saunas pode fazer com que o perfil de frequentador se modifique em relação àquelas em que não ocorre prostituição.

Características Internas

²⁷ Boy é a denominação mais recente dada no meio gay para definir garotos de programa atuantes em saunas.

O espaço interno da sauna pesquisada é bastante diferenciado, possuindo uma vasta gama de ambientes com características distintas, a fim de atender aos mais diversos gostos. Ao adentrar pelo portão giratório, único meio de entrada para o local, o cliente se depara com uma pequena antessala onde há um balcão com um atendente que entrega uma ficha vermelha e uma chave contendo o número do armário onde deverão ser guardados seus pertences. Nesse local há ainda uma TV de LCD constando informações básicas da sauna como dias e horários de funcionamento, seus principais serviços e preços. Adentrando por esta antessala é possível visualizar o primeiro vestiário e uma cabine ao lado esquerdo onde um funcionário recolhe a ficha dada na entrada. Recolhida a ficha, são entregues duas toalhas, um par de chinelos e um preservativo. Nesse vestiário são encontrados armários numerados, duas cabines com chuveiros e duas com vasos sanitários. Há ainda uma pia contendo produtos para higiene pessoal (enxaguante bucal, desodorante, sabão líquido) e um secador de cabelos. Não há um espaço reservado para troca de roupas, a mesma é feita coletivamente. Pude perceber a troca de roupas coletiva como um ritual de entrada, além de ser um primeiro momento de interação – mesmo que visual – entre os frequentadores.

Saindo do vestiário, ainda no primeiro piso, encontra-se um corredor com poltronas. Nas paredes em frente a elas podem ser visualizadas televisões de LCD 32”, estando as duas próximas ao bar conectadas à Rede Globo (detalhe observado em todas as visitas), enquanto as demais transmitiam clipes musicais. Na extremidade desse corredor há um bar americano que serve bebidas e pequenos lanches, sendo nele realizado o pagamento (quando este é feito com cartão de crédito/débito) no momento da saída. Na outra extremidade, ao fundo do corredor se encontra uma espreguiçadeira e um espaço com uma porta de vidro decorativa. Também próximo ao fim do corredor há uma porta que, quando aberta, leva o cliente a se deparar com um espaço contendo chuveiros – como uma espécie de antessala – seguida de outra porta que dá acesso a uma sauna a vapor. Nesse espaço a visão é diminuída por conta do vapor da sauna e da iluminação baixa e em tom violeta, impossibilitando que sejam observados maiores detalhes dos que ali se encontram. O espaço é totalmente ladrilhado por conta da umidade e sua parede rodeada por um banco único onde os clientes se sentam. Existe ainda um chuveiro em seu interior, ao lado da porta.

Ao subir as escadas de acesso ao segundo piso é possível encontrar à direita um espaço com três computadores ligados à internet para uso livre dos clientes e, à esquerda um corredor com alguns bancos e mais seis espaços distintos: uma pequena academia, duas salas onde são realizadas massagens (serviço cobrado à parte), um pequeno vestiário com armários e pia, um espaço separado com uma porta de vidro onde se encontram chuveiros, um lugar

destinado aos fumantes, definido pela gíria *fumódromo*²⁸ e a porta de entrada para a sauna seca. O espaço da sauna seca é totalmente revestido de madeira, inclusive seus bancos, havendo ainda uma TV de LCD onde são transmitidos filmes pornô gay. A porta de acesso à sauna seca possui uma pequena janela de vidro que possibilita a quem está do lado de fora ver o que ocorre em seu interior.

No corredor desse andar há uma vitrine onde são expostos produtos para venda como DVDs de filmes pornô gay, sandálias e alguns artigos comuns a *sex shops*, como cuecas e consolos em formato de pênis.

O terceiro, e último piso, é o espaço onde ocorre a maior parte das interações sexuais. Esse piso possui uma iluminação mais baixa e, conforme o cliente se desloca para o interior desse corredor a iluminação diminui gradativamente até chegar à escuridão completa numa sala reservada denominada como *dark room*. O *dark room* (espaço comumente visto em algumas boates) nada mais é do que uma sala totalmente escura e sem móveis, onde é possível enxergar no máximo vultos. Esse espaço é usado para prática sexual em grupo e sua conformação propicia interação - via toques - entre os clientes de forma praticamente anônima, dada à escuridão do local.

No entanto, antes de chegar ao espaço do *dark room* existe um corredor com cabines, que possuem uma cama de alvenaria estilo solteiro no interior de cada. Cada cabine apresenta ainda um cesto de lixo e um dispositivo na parede para retirada de papel toalha. No recinto que antecede o corredor com as cabines existe uma dispensa na qual só é permitida a entrada de funcionários, uma sala de vídeo onde são passados filmes pornô gay e um banheiro com dois chuveiros, dois vasos sanitários, uma pia e um espelho. Vale lembrar que em todos os banheiros do estabelecimento há placas indicando ser proibida a prática sexual nesses espaços.

Existe a predominância do tom vermelho nas poltronas e em algumas paredes bem como toda a decoração do estabelecimento leva o cliente a um clima de sensualidade, visto que em todos os espaços são encontrados quadros retratando a nudez masculina, com marcantes sinais de virilidade e erotismo. Esses sinais são vistos através da figura masculina retratada com músculos bem definidos e pelos. Entretanto em nenhum deles há nudez frontal.

Um dado que merece destaque diz respeito à ausência de relógios visíveis no local. Somente é possível ter informações acerca das horas nos computadores presentes no segundo

²⁸ O espaço reservado e aberto para fumantes é uma determinação em cumprimento à lei nº 5.517 de 17 de agosto de 2009 que proíbe a atividade de fumar em ambientes total ou parcialmente fechados de uso coletivo, dentre outras medidas. Logo, pelo perfil do estabelecimento tornar difícil a saída do cliente fumante para espaços públicos então essa sauna reserva um espaço aberto para esse tipo de ação.

piso, o que, aliado ao ambiente fechado e sem entrada de iluminação externa, facilita ao cliente se desligar da rotina exterior, como ocorre em *shoppings*, por exemplo. Essa pode ser uma estratégia da casa com relação aos seus clientes que podem ficar despreocupados e passarem mais tempo no interior do estabelecimento, o que reflete em lucro através do consumo realizado no bar.

5.1.1. Relações interpessoais na sauna

Após algumas visitas a sauna, foi possível perceber que a dinâmica deste espaço apresenta um padrão próprio, tanto de público quanto de comportamento, que será relatado nessa parte do trabalho.

A maior parte das visitas foi realizada aos fins de semana, após perceber que a frequência durante a semana nesta sauna é bastante reduzida. Nos dias úteis a frequência é maior no período noturno (a partir das 19 horas) e com predominância de homens mais velhos e/ou oriundos de outras partes do Brasil ou de outros países, ou seja, de pessoas que estão no Rio de Janeiro de passagem, seja para trabalho ou férias.

De modo geral, a frequência nos dias em que estive presente na sauna é maior de indivíduos com idade aparente entre 25 (vinte e cinco) e 40 (quarenta) anos. Lembrando que só é permitida a entrada de homens. Também podem ser encontrados homens com idade aparente superior, e uma quantidade menor de homens com idade aparente inferior a vinte e cinco anos. Esse perfil de frequentador pode se justificar pelo valor de entrada (em torno de R\$45), visto que muitos rapazes mais novos geralmente não possuem emprego fixo ou se o possuem, recebem baixos salários, dificultando sua ida a determinados locais.

Geralmente os homens chegam desacompanhados ao local, mas também ocorre a ida de duplas/grupos de amigos ou mesmo de casais buscando variar sua vida sexual.

Aos domingos e feriados a sauna apresenta maior número de frequentadores, chegando muitas vezes à sua capacidade máxima, em dias de sol. A concentração maior de público se dá após o pôr do sol (entre 19:00 e 21:00 horas).

Percebendo que a sauna apresenta espaços distintos em seu interior, isso faz com que o comportamento e/ou a distribuição daqueles que a frequentam varie de acordo com os ambientes internos. Essas escolhas se dão de acordo com o perfil do frequentador. A existência de espaços mais escuros, como o *dark room*, por exemplo, facilita que aqueles indivíduos que normalmente não apresentam “sucesso” no flerte, seja por timidez, seja por não possuírem um padrão de beleza tido como padrão pela sociedade em geral, apresentem

mais êxito na busca por parceiros sexuais nesses locais. Esses locais são preferidos também por aqueles que desejam evitar maior exposição perante os outros frequentadores.

Dessa forma foi possível perceber que os homens com idade mais avançada permanecem, em sua maioria, no primeiro piso, geralmente deitados na espreguiçadeira assistindo ao movimento dos outros frequentadores. Esses homens se movimentam basicamente no momento em que desejam buscar por parceiros, fazendo-o na maior parte das vezes nos espaços mais escuros da sauna e de forma mais objetiva (buscando parceiros para o ato sexual).

Foi possível perceber que a “desvantagem” dos homens idosos e/ou “foras de forma” se agrava em locais como a sauna devido à circulação nesta só poder ocorrer sem uso de roupas ou adereços. Logo, tais artefatos que podem aumentar a atratividade na hora do flerte não podem ser utilizados fazendo com que os frequentadores destes locais contem somente com atrativos físicos. Visto que quase não há diálogo entre os frequentadores na sauna, o apelo visual se torna o atrativo principal mas não fundamental para sucesso na conquista por parceiros, dado que existem espaços mais escuros que facilitam a interação anônima sem a “necessidade” de conquista através do visual. É possível perceber que homens com corpos cultivados em academia bem como aqueles com tatuagens e *piercings* atraem mais facilmente a atenção dos demais, fazendo com que estes consigam mais parceiros, independente do espaço interno escolhido.

Outro atributo que é bastante explorado nesse espaço é o tamanho do pênis. Muitos dos frequentadores exploram, quando possível, esse atributo a fim de atrair parceiros, sendo isso feito das mais diversas formas. Aqueles homens mais discretos costumam amarrar a toalha de modo a deixar evidentes as marcas de seu pênis. Outros exibem de forma mais aberta, permanecendo por mais tempo em chuveiros coletivos ou mesmo se masturbando em espaços coletivos como a sala de vídeo, saunas seca e/ou a vapor, atitude que geralmente atrai olhares dos demais. É possível perceber que esse artifício costuma ser bastante eficaz na atração de parceiros, atraindo geralmente aqueles com preferência em serem passivos no ato sexual.

Entretanto, observando mais atentamente à dinâmica desse espaço, foi possível notar que apesar dos “atrativos” e “desvantagens” dos frequentadores, esses fatores interferem pouco, caso o objetivo do indivíduo seja de fato a busca por sexo rápido e impessoal sem maiores exigências em relação ao parceiro pretendido. Esses fatores, na maior parte das vezes, só influenciarão dependendo do modo do flerte ou do tipo de parceiro pretendido, dados que uns são mais “exigentes” que outros em relação aos atributos do parceiro pretendido. Desse modo, quanto mais “atrativos” o indivíduo possua, mais destes conseguirá em um parceiro.

Levando em consideração a abordagem, nos espaços mais claros de circulação (bar, corredores, por exemplo), o flerte se dá basicamente através do olhar.

A partir do padrão observado entre os frequentadores, foi possível classificar a dinâmica como sendo feita entre sujeitos a partir de duas posições: uns em posição fixa - observando e à espera - enquanto outros se movimentam (fluxos), ativando a dinâmica. Existe então uma interação entre fixos e fluxos nos espaços mais claros da sauna, onde estes se aproximam no momento em que há um encontro mais duradouro de olhares, fazendo com que o sujeito “fluxo” paralise por um momento o seu movimento para avaliar se de fato haverá correspondência por parte do sujeito fixo à sua investida. Em caso de dúvida, o sujeito fluxo geralmente se aproxima do fixo aguardando uma negativa ou correspondência mais clara deste, que pode se dar através de um cumprimento com o olhar, sorriso ou verbal (menos comum). Em alguns casos de dúvida ocorre a tentativa de contato corporal, onde o sujeito fluxo tenta se aproximar e tocar de modo discreto o sujeito fixo esperando que este se afaste ou permita que o contato continue, resultando na “conquista” do parceiro. No caso de não ocorrer sucesso na investida, o sujeito fluxo parte em busca de outra investida. Em alguns casos, a investida através de toques corporais pode ocorrer antes que o sujeito fixo perceba a investida no olhar, no entanto esse tipo de investida pode gerar um efeito negativo caso este considere tal ato invasivo.

Entretanto, caso a investida apresente sucesso, geralmente observa-se as seguintes reações: Um pequeno diálogo geralmente visando conhecer o perfil do possível parceiro, como sua origem e preferências sexuais (se este é ativo ou passivo²⁹, por exemplo). Muitas vezes pude perceber um “diálogo gestual” ocorrido à distância, onde um dos sujeitos faz gestos, normalmente indicando sua preferência sexual. Nesses diálogos foi possível notar, por exemplo, que tocar o próprio pênis indica sua preferência pela posição ativa na hora do sexo enquanto um olhar mais fixo para o pênis do parceiro indicaria preferência pela posição passiva daquele que desfere o olhar. Outra reação comum é que ocorram toques simultâneos entre estes sujeitos, evoluindo para beijos que vão culminar na ida do casal recém formado para uma das cabines no terceiro andar para concluir o ato. Por fim foi possível perceber que, após o sucesso na investida pelo olhar, o sujeito fluxo faça um gesto indicando/convidando o sujeito fixo a segui-lo (geralmente a uma das cabines). Este último tipo de contato geralmente

²⁹ Embora haja inúmeras formas de contato sexual, é possível dividir os sujeitos homossexuais quanto a sua preferência sexual entre (1) ativos, sendo aquele que faz sexo penetrando analmente ou oralmente o parceiro; (2) passivos, representados por aqueles que tem preferência por serem penetrados e; (3) versáteis, onde estes não possuem preferência, podendo atuar tanto na relação ativa quanto passivo. Existem ainda, em menor escala, aqueles que preferem o contato sexual não penetrativo, realizado através das preliminares. A esse último tipo de ação damos o nome de *gouinage*.

ocorre quando o sujeito fluxo apresenta uma posição sexual vista como versátil, não importando, portanto a preferência do parceiro escolhido.

As relações sexuais ocorrem exclusivamente no 3º andar (nas cabines e *Dark Room*), não por conter alguma regra específica que proíba o ato nos demais espaços (exceto nas cabines onde se encontram chuveiros e vasos sanitários), mas por normas implícitas, que sugerem a prática em locais fechados, revelando que mesmo em locais onde o sexo é o foco, algumas questões morais não se excluem totalmente. Pode ocorrer a prática de preliminares (toques mais íntimos e sexo oral) nas saunas seca e a vapor, e na sala de vídeo, no entanto caso os parceiros pretendam avançar para a prática penetrativa, essa geralmente é concluída nas cabines.

O terceiro andar, por conta da presença das cabines, possui uma dinâmica à parte, visto que é nele que ocorre a maior parte das interações e práticas sexuais. Por estarem presentes além das cabines, o *dark room*, esse andar é o local preferido daqueles que têm pressa em arrumar parceiros sexuais. Foi possível perceber que no corredor onde estão localizadas as cabines, ocorre o mesmo padrão de interação fixo e fluxos, entretanto percebe-se que os fixos permanecem parados em frentes às cabines, preferencialmente naquelas que ainda estão vazias e com as portas abertas, enquanto os fluxos circulam pelo corredor. A dinâmica consiste em atrair os sujeitos fluxos para acompanhá-los ao interior da cabine. Quanto mais próximo ao *dark room*, mais escuro fica o corredor, e mais concorrida a posição na cabine. A escuridão faz com que muitos indivíduos se sintam mais seguros para buscar parceiros, justificando parte da procura por esses locais para permanência.

No *dark room* predomina a prática de sexo grupal e anônimo, onde os parceiros começam a interagir naquele espaço e, muitas vezes, não se reconhecem fora dele. Parte dos indivíduos aproveita a escuridão desse local e o anonimato que este proporciona para tirar a toalha e agir de forma mais incisiva na tentativa de contato com os demais indivíduos. O ato sexual nesse local se dá normalmente nos cantos, onde um indivíduo passivo se relaciona com vários sujeitos ativos que permanecem ao seu redor se revezando no ato. Nesse espaço também ocorre frequentemente a prática voyeur, que consiste na observação por parte de outros indivíduos que permanecem próximo àqueles que praticam o ato, ouvindo os sons emitidos, observando os vultos e interagindo com outros que estejam na mesma situação, geralmente por meio do toque nos órgãos genitais (masturbação mútua). Nesse espaço é bastante perceptível o papel da memória na construção do erotismo, visto que em um espaço ausente de iluminação, os demais sentidos farão com que sejam ativadas lembranças resultando na excitação sexual daqueles que ali estão presentes.

Em conversas informais com alguns frequentadores da sauna, foi possível perceber que o intuito principal dos ali presentes é a busca por parceiros sexuais, embora muitos não exponham isso abertamente. Vale ressaltar que maior parte destes revelou ter relações com mais de um parceiro a cada visita à sauna. Àqueles que atuam de forma predominantemente ativa costumam não ejacular com todos os parceiros, e não o fazem de forma proposital a fim de poder interagir com o máximo número de parceiros possível, dado que após o orgasmo pode ocorrer perda de energia sexual para novas relações. Desse modo, quando um dos parceiros chega ao orgasmo, segundo esses relatos, os parceiros se separam a fim daquele que não o teve, busque outro parceiro.

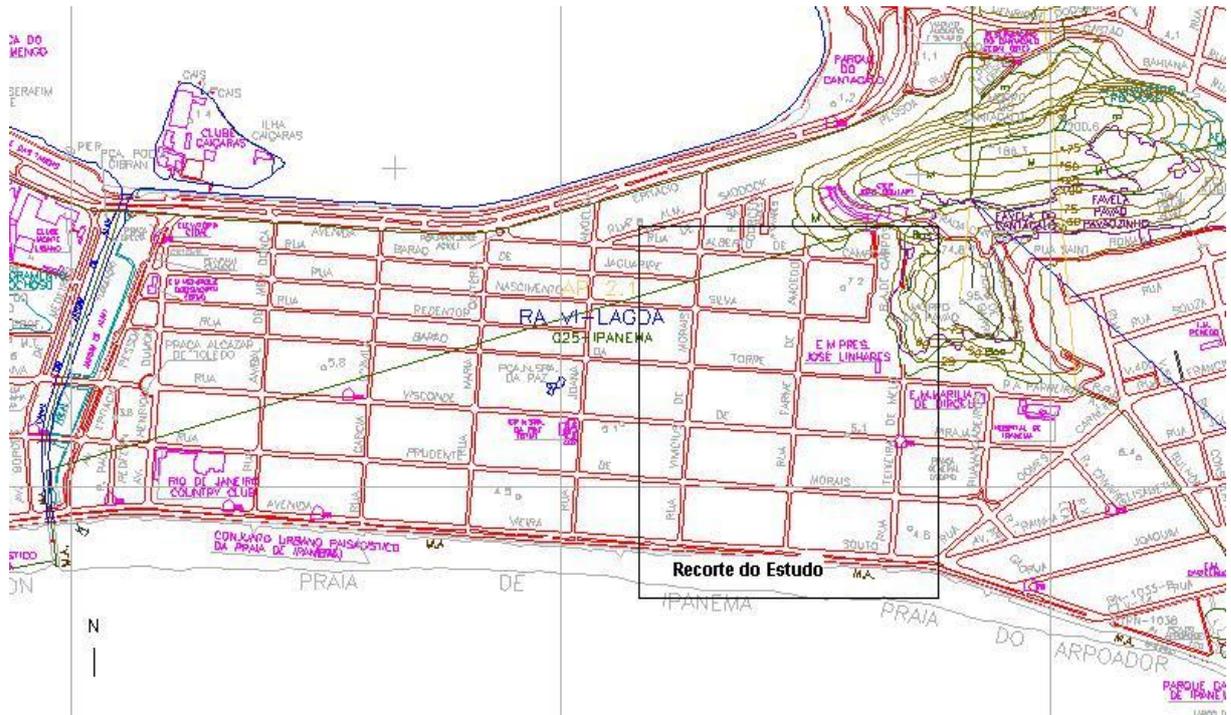
Percebe-se portanto que, ao contrário de outros espaços onde há maior contato afetivo, na sauna predomina a busca por sexo “recreativo” e anônimo, embora não se possa generalizar tal questão.

5.2. Praia

Dentre a gama de espaços pelos quais homossexuais (e outros grupos) podem utilizar para sua socialização, temos um conjunto destes que podemos classificar como espaços abertos. Em geral são espaços públicos, podendo ou não ter limites físicos definidos. É possível citar como exemplos desses espaços os parques, algumas ruas, e trechos de praias.

Para o presente estudo foi escolhido como espaço aberto um trecho de praia bastante conhecido do público homossexual situado entre os postos 8 (oito) e 9 (nove) de Ipanema – Rio de Janeiro. Ele se localiza mais especificamente entre a rua Farne de Amoedo e Teixeira de Melo. (Ver Mapa Abaixo)

Mapa 04: Área de estudo no bairro de Ipanema, Rio de Janeiro



Fonte: Armazém de Dados – IPP (modificado pelo autor)

Nesse trecho de areia se encontram três barracas de apoio – Barraca da Sonia, Barraca do Nelio e Barraca da Vania. No local também são encontradas bandeiras do arco íris, colocadas pelos próprios comerciantes das barracas, como é possível ver na imagem abaixo:

FOTO 2: imagem trecho de praia



Fonte: Rafael Chaves, 2013

Como é possível observar no mapa anterior, o trecho de praia da Farma de Amoedo se encontra bastante próximo à sauna escolhida para esse estudo, demonstrando que esse local da praia também recebe influência dos aparatos públicos e de transporte que desembocam nessa região, o que, aliado ao fato de sua frequência não resultar em gastos extras (valor para entrada, por exemplo), torna esse lugar um espaço democrático, resultando assim em maior diversidade de público.

Ao longo da pesquisa pude perceber que o espaço sofre influência direta do clima e da sazonalidade, oscilando entre épocas de maior e de menor movimento, embora suas características de público não modifiquem consideravelmente com as temporadas (verão, inverno, etc.).

O trecho de praia em questão passou recentemente por algumas modificações visto que, como é possível observar na foto, estão sendo implantadas áreas de recuperação da flora costeira. No entanto tal fato não alterou a rotina local, exceto no que tange a abertura de acesso à areia, agora restrita a algumas entradas onde ficam localizados vendedores de

artesanato e atendentes das barracas de apoio oferecendo cadeiras e guarda-sol para todos que adentram a praia.

Desde o início do estudo foi possível perceber que ocorre no espaço da praia escolhido para pesquisa uma organização espaço-temporal diferenciada por conta das redes de relações caracterizadas pela alternância de atores dominando o espaço. Tal fenômeno pode ser caracterizado na Geografia como uma Territorialidade Cíclica (Souza, 2000), já que os usuários territorializam esse espaço em momentos distintos, se revezando com outros atores. De acordo com o período do dia é possível perceber a presença marcada de forma distinta por atores de perfis diferenciados controlando esse espaço. No entanto a alteração mais visível se dá em torno de onze horas da manhã, quando a presença maior de mães com crianças e senhoras de mais idade dão espaço para homens, sozinhos ou em duplas/grupos, em sua maioria homossexuais. Nesse momento também surgem mulheres lésbicas ou heterossexuais que vão para acompanhar grupos de amigos.

Embora não haja fronteiras físicas, é possível perceber uma fronteira simbólica que delimita esse espaço. É possível perceber que a concentração de homossexuais se dá entre uma barraca com dizeres cristãos e um local onde antes havia uma saída de águas pluviais e “línguas negras³⁰”, hoje desativada. A partir desses limites é possível perceber um esvaziamento dos espaços de areia até que possam ser observados adiante outros grupos com características distintas ao escolhido para este estudo.

5.2.1. Breve histórico da região

A fim de entendermos melhor o contexto em que está situada a região da Farme de Amoedo e sua aceitação no entorno, devemos vasculhar a história do seu bairro (Ipanema), tido por sua vez como um bairro que vivenciou capítulos que o marcaram como sendo um local de vanguarda, no que tange a liberdade sexual, revelando-se um berço de artistas que até hoje se encontram na memória da nossa sociedade.

Ipanema foi um bairro que já nasceu com forte concentração de renda e seu surgimento e desenvolvimento se deram também por investimentos de seus primeiros moradores que possuíam grande influência política e econômica na época – final do século XIX, início do século XX – facilitando a implantação de benefícios que valorizassem o local, como os bondes.

³⁰ O termo é utilizado, em linguagem popular, para definir águas residuais sem tratamento e qualquer tipo de esgoto que deságue em rios, mares e lagos.

Nas décadas de 1960 e 1970 Ipanema vive sua fase áurea, “exportando personagens, moda, artistas, posicionamentos políticos e modos de vida” (Caderno H, Jornal do Brasil, p.4), também podendo se dizer que o bairro era um “lugar onde não faltaram musas, modismos, acontecimentos e polêmica” (Veja Rio, 2004, N° 26, p.12), o que de certa forma continua acontecendo nos dias atuais, com menos destaque talvez pela emergência de novas centralidades ao longo do país.

Ipanema foi palco privilegiado de algumas situações que marcaram a vida tanto dos moradores locais, como do país, na quebra de tabus e lançamento de tendências. Nele, figuras como Leila Diniz ficaram nacionalmente conhecidas. Leila marcou época, na década de 1960, ao aparecer grávida (com uma gravidez fora do casamento – algo impensável para a época) de biquíni nas areias de Ipanema, se tornando um ícone para o movimento feminista atual, visto que para as feministas da época ela era vista como alguém que estaria a serviço dos homens. Seu ato seria imitado posteriormente por outras mulheres, até se tornar algo normal, que não provocasse mais choque na população.

Destaco também como personagem de vanguarda do bairro, o jornalista e político Fernando Gabeira, que marcou época aparecendo na praia vestindo uma tanga de crochê e tomando limonada. Além dele houve também o pioneirismo de um grupo de mulheres fazendo topless, rodeadas de repórteres e curiosos nas areias do bairro. (VALLE, 2005)

Berço do Cinema Novo e de artistas como Tom Jobim e Vinicius de Moraes, Ipanema se vê hoje dentro de uma APAC (Área de Proteção do Ambiente Cultural)³¹ visando assim preservar parte de seu patrimônio histórico. O presente bairro com isso se destaca como local onde nasceram costumes e comportamentos que questionaram padrões tradicionais de conduta.

Com isso, voltando os olhos para a formação do território LGBT da Farma de Amoedo, devemos nos remontar às décadas de 1970 e 1980, quando em frente à Rua Farma de Amoedo havia um píer com umas dunas que, pela ação dos ventos, se formaram ao seu redor, também chamadas de “dunas do barato”. Esse nome se deu pois alguns frequentadores aproveitavam a barreira visual proporcionada pelas dunas para lançar mão do uso de drogas no local, onde era possível encontrar jovens, considerados “mais liberais”, entre eles homossexuais. Esse era um local onde “tudo” era permitido, não havendo discriminação entre

³¹ Em 2003 foi criada em Ipanema uma Área de Proteção do Ambiente Cultural – APAC. Segundo a prefeitura as APACs são adotadas como forma de contribuir para a formação da memória de uma cidade moderna. A criação de APACs implicaria em mostrar que o olhar do Patrimônio Cultural não está focado apenas nos prédios e monumentos notáveis de nossa história, mas também na preservação de conjuntos urbanos representativos das diversas fases de ocupação de nossa cidade. (SECRETARIA MUNICIPAL DAS CULTURAS, <http://www.rio.rj.gov.br/culturas>).

os frequentadores das dunas. Esse histórico do local pode ter contribuído para que hoje esse trecho de areia seja considerado território de diversidade. Abaixo uma foto do antigo píer:

FOTO 3 – píer construído em Ipanema, 1972



Fonte: Site Saudades do Rio (Disponível em <http://www.pierdeipanema.com.br>)

Hoje não existe mais o píer, no entanto permanece naquele espaço a memória de um local onde algumas “transgressões” a ordem social foram/são vistas e de certo modo permitidas/toleradas por aqueles que ali convivem, como será possível perceber na análise que será feita das relações que hoje ali se dão.

5.2.2. Impressões das relações na praia

Dentre os espaços pesquisados, este foi o que ofereceu maior dificuldade para sua observação e consequente interpretação. Dentre os motivos que justificam essa dificuldade, ressalto o fato de ser um espaço aberto onde o pesquisador fica a mercê de fatores climáticos bem como sazonais, demandando maior disponibilidade de tempo para observá-lo no maior número de momentos possíveis.

No entanto, por pesquisar esse espaço desde 2007, foi possível observá-lo em épocas distintas e notando-se que, nos dias atuais, vem sendo possível perceber diversas mudanças que ocorreram desde o início dos estudos no local.

Sua principal diferença em relação aos demais espaços pesquisados nesse estudo é a diversidade de atores que transitam por ele, o que é facilitado pelo fato de ser aberto, sem regras impostas por um proprietário. Entretanto o fato de ser aberto não significa que não existam regras neste espaço, mas estas permanecem implícitas e são ratificadas de modo coletivo obedecendo de certo modo algumas leis comuns de convivência social, adequadas à multiplicidade de atores que ali atuam.

A diferença física desse local se reflete diretamente no seu perfil de frequentador, permitindo que este seja mais plural. Tal pluralidade é vista pela presença desde mulheres, até jovens abaixo de 18 (dezoito) anos e em alguns momentos travestis e transexuais (em menor parte). Os atores acima citados não são observados nos demais espaços pesquisados, por não apresentarem o perfil (ou permissão) para estarem neles.

É possível perceber maior concentração de pessoas nesse espaço no período do verão, devido ao calor característico da cidade ser mais intenso nessa época do ano bem como por se tratar de um período de férias escolares no Brasil (aumentando a presença de jovens e turistas oriundos de outros Estados), no entanto o espaço não perde suas características gerais de público nos demais períodos dado que as características climáticas da região garantem a frequência nesse tipo de espaço nas mais diversas épocas do ano. Entre novembro e março há também concentração intensa de turistas homossexuais estrangeiros, que procuram esse espaço devido aos aparatos de serviços prestados, aliados às festas de fim de ano e Carnaval, bem como à fama que o local possui como espaço de sociabilidade homoafetivo.

Quanto maior a concentração de pessoas, maiores são as manifestações de afeto entre os frequentadores desse espaço, bem como outras formas de exposição, como o *topless*³² praticado por mulheres e transexuais femininas. Credito essa maior exposição ao número elevado de indivíduos LGBT, e/ou simpatizantes à causa juntos nesse espaço, o que faz com que estes se sintam mais protegidos e à vontade entre seus pares para expor sua identidade.

No período compreendido entre o fim do Carnaval e novembro, o movimento é menor, no entanto o espaço não perde suas características de espaço homoafetivo. É possível perceber nesse período ainda, principalmente em dias úteis, que a frequência é predominantemente de turistas estrangeiros, em grande parte europeus, visto que o principal período de férias na

³² Nome dado ao ato de tirar a parte de cima do biquíni – expondo os seios – durante o banho de sol.

Europa se dá entre os meses de julho e agosto (verão no hemisfério norte). A grande procura por esse espaço se dá também devido à propaganda feita em muitos sites de turismo GLS, bem como pelo seu fácil acesso,

Desse modo, analisar a dinâmica dos indivíduos nesse espaço nos remete à teoria elaborada por Seamon (1980) batizada por ele de balé do lugar e que explica essa dinâmica das interações sociais e as coreografias do cotidiano, gerando centralidades. Com isso podemos dizer que o conjunto de práticas de determinado grupo em um espaço-tempo pode ser consideradas ações relacionadas a um balé do lugar.

Contudo, a partir das observações realizadas ao longo da pesquisa, foi percebido que o trecho de praia da Farma de Amoedo passa por dois momentos distintos de balé do lugar. O primeiro deles se dá no início da manhã, do amanhecer até aproximadamente 11 (onze) horas da manhã, onde a presença maior é de mulheres com filhos e senhoras idosas, embora nesse momento já existam alguns homens com características ligadas homoafetividade (essas características serão tratadas mais a frente). Nesse momento predominam práticas relacionadas ao perfil predominante de sujeitos que ali estão - sem relação direta com a homoafetividade - caracterizada principalmente pela performance associada à presença de crianças e idosos heterossexuais. É possível perceber nesse período que poucas ações são relacionadas à homoafetividade, embora as bandeiras do arco íris já estejam presentes, indicando o perfil de público que predomina a maior parte do dia naquele local. É interessante notar que dificilmente essas mães com filhos e senhoras idosas estão acompanhadas por homens, o que pode ser reflexo das características *gayfriendly* daquele espaço, evitado por muitos homens heterossexuais que temem ter sua imagem associada à homossexualidade, enquanto as mulheres heterossexuais apresentariam maior tolerância à esse perfil de sujeito, compartilhando com estes o espaço.

O segundo balé do lugar começa em torno das 11 (onze) horas da manhã e dura até o fim dia, com o pôr do sol, sendo esse período o foco das observações nesse espaço. Nesse segundo balé pode-se perceber uma série de ações ligadas à predominância de sujeitos com características homoafetivas, o que será relatado nesse momento.

A partir dessa hora é possível observar a chegada cada vez maior de homens, e a saída das mulheres com crianças e senhoras idosas. É importante salientar que essa rotatividade de público estaria mais associada à intolerância ao sol por parte desse público, do que à presença dos homossexuais, visto que poucos conflitos são associados à mistura de perfis nesse espaço durante esse período de transição entre grupos.

Percebe-se portanto nesse momento a chegada de homens desacompanhados ou em pares/grupos, ou mesmo o encontro de amigos naquele espaço. É possível perceber que muitos encontros se dão ao acaso, dado o caráter de centralidade desse espaço em reunir pessoas de um mesmo perfil. Muitos que ali estão, vão a fim de encontrar amigos ou mesmo fazer novas amizades/paqueras.

Em alguns momentos, ao conversar com frequentadores do local, foi possível perceber que existe a sensação de pertencimento destes em relação àquele local, sendo isso muito marcante em suas falas. Em diversos momentos são usadas expressões como “nosso local/lugar da praia”. Grande parcela destes indivíduos são frequentadores usuais deste trecho da praia, conhecendo e sendo conhecidos pelos atendentes das barracas, o que aumenta a sensação de segurança do frequentador em relação àquele espaço.

Vale ressaltar que o trecho de praia toma seu caráter homoafetivo a partir das ações que ocorrem nele bem como pelas características de seus frequentadores, existindo, portanto, sinais que expressam o caráter *gayfriendly* desse local. O principal símbolo é a presença das bandeiras coloridas, fazendo menção ao arco íris, comumente usadas para designar locais voltados ao público homossexual. No entanto é possível serem observados outros sinais que remetem à homossexualidade como o uso de copos descartáveis com propagandas de sites de relacionamento/encontros gays, sendo os mais comuns o Disponível.com e o ManHunt.

Antes da padronização feita pela prefeitura dos guarda-sóis disponibilizados para aluguel na praia, eram utilizados nesse local guarda-sóis com a propaganda da boate Le Boy. No entanto vemos que, mesmo com a perda de alguns sinais, a memória coletiva permite que esse espaço seja por muitos, conhecido como homoafetivo, visto que seus signos ainda presentes, associados à memória das experiências vividas, ou vividas por tabela permitem essa constatação.

Mais do que os símbolos, cada vez menos evidentes, são as ações dos frequentadores e a transferência de memória daqueles que conhecem a região aos demais que mantêm as características desse espaço. Apesar da maior diversidade de atores, é possível perceber nestes, atos ligados a uma “subcultura homossexual”.

Basta circular durante algum tempo por entre os frequentadores e será possível notar a diferença destes em relação a grupos presentes em outros trechos de praia, sendo o modo de falar e se portar umas das mais evidentes. É notório que muitos que ali estão se diferenciam pelas gírias utilizadas, características do público gay. Grande parte destas não são utilizadas e/ou mesmo desconhecidas por outros grupos. Outra diferença se dá nas vestimentas. Mesmo sendo a praia um local onde a vestimenta é bastante reduzida, é possível perceber que existem

modelos predominantes de sungas (mais coloridas e/ou cavadas) que somente podem ser vistos naquele trecho de praia. Marcas corporais específicas também podem ser vistas em membros desse grupo como alguns tipos específicos de tatuagens e *piercings*. Exemplos disso são as tatuagens em forma de estrela nos ombros e costas, bem como aquelas em formato de asas nas costas, vistas com certa frequência ali. É importante ressaltar que embora seja comum vermos esse tipo de tatuagem em homossexuais frequentadores da Farme de Amoedo, não é possível afirmar que todos que possuem esse tipo de marca sejam homossexuais.

É possível perceber ainda o uso comercial desse espaço, o que é visto através da adaptação desses comerciantes ao público que ali está. Muitos bares do entorno se especializaram para atender ao público gay, bem como os ambulantes que ali atuam utilizam muitas vezes de meios como a sensualidade para atrair clientes. É notório esse apelo nos vendedores de açaí, geralmente rapazes novos com corpos trabalhados em academia e “perfil heterossexual” que se aproximam dos possíveis clientes para oferecer o produto de um modo que faz este acreditar que poderá ter algum contato além da simples compra do açaí. No entanto não é possível perceber a ocorrência de algum contato, que se resume em brincadeiras e piadas entre vendedor e cliente.

O espaço é muito utilizado também, principalmente nos fins de semana com sol, para divulgação de festas, bem como de estabelecimentos e serviços voltados ao público LGBT, motivada pela frequência maciça e concentrada desse perfil de público no local nesses dias. Essa divulgação é feita na maior parte das vezes através da distribuição de *flyers*. Em um dia de campo foi possível contabilizar uma média de 8 (oito) a 10 (dez) *flyers* recebidos.

Ao longo dos anos, vem diminuindo o uso desse espaço para flertes, bem como a ocorrência de atos ditos “exagerados”, como contatos mais íntimos (beijos e “sarros” entre homens), talvez pela maior tolerância, fazendo com que estes sujeitos não precisem recorrer a este espaço para cometer tais atos, visto que existem atualmente mais opções para tal.

Vale ressaltar que ainda ocorrem flertes entre frequentadores, principalmente entre aqueles que estão desacompanhados e observam nos demais homens desacompanhados possíveis parceiros. Contudo, em muitos momentos o flerte tradicional deu lugar ao flerte virtual realizado através da popularização dos aplicativos desenvolvidos para *smartphones* e que tem como objetivo o encontro de parceiros. Esses aplicativos apresentam como vantagem o fato de exibir foto, bem como mostrar a distância que o indivíduo está em relação a você, além de permitir o envio de mensagens/fotos dentre outras funcionalidades. Essa ferramenta facilitou e tornou mais seguro o flerte, visto que fora do mundo virtual existe o risco do indivíduo homossexual flertar com indivíduos não-gays, podendo resultar inclusive em

agressões. O aplicativo pode ainda diminuir a chance de rejeição em um contato pessoal. O risco de agressões é menor em espaços tipicamente homoafetivos como a Farma de Amoedo, entretanto esse histórico de discriminações faz com que muitos adotem postura mais reservada em espaços abertos, mesmo quando estes são majoritariamente frequentados por homossexuais.

Desse modo é possível perceber que o trecho de praia hoje é mais utilizado para o encontro entre amigos e exposição aos demais, visto que grande parte da interação se dá através de ferramentas virtuais ou após o banho de sol entre aqueles que se dirigem aos bares do entorno.

5.3. Boate

O terceiro, e último espaço escolhido para a realização desse estudo, é um modelo de espaço fechado bastante comum no que tange o entretenimento, conhecido como boate ou casa noturna.

A boate escolhida localiza-se no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, mais especificamente na Rua Miguel Lemos, na altura do Posto 5 (cinco) do bairro. O espaço está localizado em um subsolo de um prédio e seu acesso se dá através de escadas. Da calçada só é possível visualizar a entrada da boate quando nos aproximamos das grades de ferro que existem no local. No entanto, a iluminação externa é bem fraca como acontece normalmente em diversas entradas de casas noturnas destinadas a homossexuais. Internamente adotam a luz negra para produzir efeitos especiais. Do mesmo modo, os espaços comerciais do entorno (bares e botequins) também utilizam essa estratégia de iluminação pois, ao que tudo indica, os clientes desses locais preferem espaços com esse tipo de iluminação.

O estabelecimento também é de fácil acesso por estar próximo a estação de metrô Cantagalo e contar com a boa estrutura de transporte oferecida para o bairro.

Essa boate é uma das mais antigas da cidade, em funcionamento desde 1964, possuindo hoje um perfil diferenciado em relação às demais boates GLS da cidade.

Por ela se localizar numa espécie de subsolo, não sendo visível para quem transita pela rua, é bastante difícil para um cidadão que não vivencie o circuito LGBT (e mesmo para os que vivenciam) saber que ali existe uma casa com esse perfil.

Durante o dia funcionam no entorno uma lavanderia, uma imobiliária e um salão de beleza, enquanto durante a noite as únicas referências de que ali existe uma boate é uma espécie de estrela inflável e iluminada que fica pendurada na marquise em frente ao local,

além de um banner que fica ora na parte debaixo das escadas, para quem chega próximo à grade que dá acesso ao subsolo, ora preso a esta grade ao lado da escada.

Outra referência de que ali funciona uma casa noturna é o movimento de homens que ficam na porta, bem como nos bares ao seu entorno, principalmente aos fins de semana, entre 23 (vinte e três) horas até aproximadamente as 4 (quatro) horas da manhã.

Próximo ao local existe uma banca de jornal, no mesmo lado da rua e, no lado oposto, dois bares bem simples, estilo “pé sujo” – como são conhecidos esses tipos de bares onde só existe uma bancada e algumas mesas de ferro – quando as possuem. Na maior parte das vezes os frequentadores procuram esses bares exclusivamente para o consumo de bebida alcoólica e o fazem em pé mesmo. Recentemente um desses bares foi reformado, apresentando melhor aparência e atraindo mais frequentadores, o que demonstra que o local inspira investimentos, ou seja, atrai público.

Essa boate tem como característica principal a frequência de um público mais velho, principalmente aos fins de semana, ocorrendo todos os sábados uma festa batizada como “Noite dos Maduros” que, como será relatado, conta com a presença de um público na grande maioria composto por homens da “terceira idade” (60 anos ou mais). O local conta ainda com um website contendo informações sobre sua localização, festas e preços.

Observando o público alvo dessa boate, é interessante por sua vez percebermos a recente adoção do termo “maduro” para caracterização do homossexual masculino idoso, visto que este sofre preconceito por conta de sua idade. Essa discriminação pode ser vista pela denominação que estes recebem pelos homossexuais mais novos, referindo-se a eles pelo termo pejorativo “cacura”. Desse modo o termo “maduro” vem fazer um contraponto ao termo “cacura”, visto que maduro trás a ideia de um homem experiente, prudente, “aquele fruto pronto para ser colhido”, enquanto “cacura” remete a algo ultrapassado, sem serventia.

A boate possui uma única entrada precedida por uma espécie de antessala encontrada ao descer as escadas. Nesse local se encontram uns bancos nos quais os frequentadores podem se sentar para conversar ou mesmo para descansar um pouco antes de entrar na boate. Nesse espaço externo se localiza uma pequena bancada onde é realizada a cobrança da entrada³³ (vinte e cinco reais) e a consequente entrega de dois tickets que podem ser trocados por duas bebidas. O pagamento da entrada só pode ser feito em dinheiro, no entanto para consumir em seu interior é possível ser feito pagamento com cartão.

³³ Esse valor, com a cortesia de troca por bebidas só ocorre na festa que ocorre aos sábados – Noite dos Maduros – pois às sextas, por ser outra festa o valor é diferenciado.

Em respeito à lei que regulamenta as casas noturnas, a casa possui uma saída de emergência que permanece fechada, porém sem estar trancada, para garantir saída segura dos clientes em caso de incidentes em seu interior.

Seu espaço interno é climatizado com decoração que remete a uma espécie de gruta, com suas paredes imitando rochas, uma referência ao nome do local que, por motivos éticos, não será revelado nesse estudo.

Ao entrar na casa o cliente se depara com um bar onde trabalham dois *barmans* e um caixa, além de pequenas poltronas localizadas à direita da porta principal. A boate possui poucos funcionários, sendo estes, com exceção do DJ, idosos, o que torna mais próximo o contato destes com o público.

Em frente ao bar fica a pista de dança que é rodeada por dois espaços: o primeiro um pouco mais escuro e composto por espécie de aquário onde fica o DJ e uma segunda parte mais clara e reservada com mesas e espelhos, muito usada por grupo de amigos que procuram espaço para conversar e curtir a música. A parte próxima ao DJ, por ser mais escura, é ocupada geralmente por aqueles que gostam de flertar sem chamar a atenção dos demais, nessa área existe um pequeno banco acolchoado utilizado por casais que procuram ficar juntos com certa privacidade, garantida pela escuridão do local.

Na parede próxima ao bar há uma bandeira com o nome do estabelecimento e o ano de sua criação – 1964 – indicando com isso ser um local de tradição. Ao lado da bandeira se encontra uma TV de LCD pela qual são passados clipes e filmes com temática LGBT, embora sem som devido à música ambiente. Existem dois banheiros, ambos sem identificação de feminino/masculino, característica comum a muitas casas noturnas voltadas ao público LGBT e que remete a transgressão que estes espaços promovem em relação às normas de gênero dominantes. A ausência de identificação de sexos também se justifica pela presença maciça de homens no local, o que tornaria quase que inutilizável um banheiro voltado unicamente para mulheres. Por fim vale destacar que a decoração é simples, contendo alguns refletores e um globo de espelhos, sendo a iluminação diminuída a partir da meia noite, tornando o clima mais propício para o flerte e a dança.

5.3.1. Relações interpessoais na boate:

O público frequentador desse local, como mencionado anteriormente nesse estudo, apresenta um perfil bastante diferenciado em relação aos presentes nos demais espaços pesquisados, bem como aos que frequentam espaços voltados ao público LGBT em geral.

A pesquisa nesse local em específico fez com que inúmeras questões pudessem ser levantadas a partir da observação das relações que ocorrem nele. A presença majoritária de um público idoso traz a tona inúmeros questionamentos a cerca do ciclo de vida do homossexual e que muitas vezes são postas por aqueles que defendem o estilo de vida e de família tradicional biparental (casal heterossexual com filhos). A maior parte destes questionamentos não pôde ser respondida nesse estudo dada sua complexidade que necessita de maior aprofundamento para tal.

A terceira idade (maiores de 60 anos), bem como a infância (indivíduos até 15 anos), é considerada uma fase em que o indivíduo apresenta ou pode apresentar, de certo modo, dependência para cumprir seus afazeres. Tais indivíduos são vistos pelos demógrafos como sendo dependentes em relação à PEA (População Economicamente Ativa – sujeitos entre 15 a 59 anos). Embora devamos repensar tal índice, é possível perceber que muitos idosos de fato dependem de outras pessoas visto que são acometidos por problemas de saúde relacionados à idade tornando-os incapazes de exercer algumas tarefas básicas. Entretanto vale lembrar que o avanço da medicina bem como a melhoria das condições de vida vem fazendo com que a expectativa de vida do homem aumente, fazendo com que o idoso consiga viver com qualidade por mais anos. Por sua vez, vale ressaltar uma visão antagônica que coloca o idoso, em muitos casos, como aquele que ajuda a sustentar os demais membros de sua família com seus rendimentos oriundos de pensões e aposentadorias, resultado de seus anos de trabalho e contribuição, o que coloca em cheque essa ideia do “idoso dependente”.

Visto isso devemos ressaltar ainda o papel dos filhos e como estes atuam na vida dos seus pais quando estes atingem a idade adulta. Tal circunstância traz, portanto, à tona duas questões: a negação de cada vez mais mulheres em terem filhos e a adoção de crianças por casais homoafetivos, muito dificultada ainda nos dias atuais. Nas duas questões temos a presença dos chamados, na Demografia, de casais de dupla renda sem filhos, ou DINCs (*Double Income, No Child*), que estão se tornando um nicho cada vez mais representativo na sociedade, influenciando inclusive na economia. Isto se dá, tendo em vista que atualmente vivemos uma época na qual, em muitos países desenvolvidos e em desenvolvimento, a fecundidade vem se reduzindo a níveis abaixo da reposição (2,1 filhos por mulher) o que fará com que uma preocupação atualmente mais comum aos homossexuais – quem cuidará deles na maturidade – se estenda aos heterossexuais, visto que é comum se observar o filho como aquele quem dará suporte e apoio aos seus pais quando estes necessitarem de cuidados (embora isso não deva ser tomado como regra).

Esta não é uma preocupação exclusiva do Brasil, visto que o envelhecimento populacional é uma tendência mundial, dado que países europeus já se veem obrigados inclusive a rever suas leis e investimentos relacionados à previdência social por conta desse envelhecimento da população acompanhado de uma redução drástica de suas taxas de fecundidade e consequente redução da PEA em relação ao número de dependentes desta.

Desse modo, o público da boate pesquisada nos faz refletir sobre esse novo perfil de idoso dos dias atuais, que consegue chegar à maturidade com maior qualidade de vida e independente, logo, sendo capaz de realizar não só as tarefas básicas do cotidiano como também buscar por diversão.

No entanto, ao observar o homossexual masculino idoso, devemos levar em consideração ainda a trajetória do seu grupo visto que este passou por algumas particularidades no decorrer de sua história e da construção de sua memória coletiva que influenciam diretamente no seu modo de vida atual.

No que tange à memória, o homossexual idoso de hoje é aquele que viveu inúmeros momentos específicos por conta de sua orientação, desde aquele em que não era possível assumir socialmente sua identidade, sendo reconhecido pelos seus pares como “entendido”; ocorrendo o período onde somente era considerado homossexual aquele sujeito de postura mais afeminada e/ou que assumia a condição passiva na relação sexual; chegando ao período da epidemia do HIV/AIDS, em que grande parte da população afetada pelo vírus era homossexual, o que resultou para o homossexual idoso de hoje na perda de amigos vítimas da doença. Dessa forma esse homossexual que chegou aos dias atuais nos quais a homossexualidade vem ganhando espaço e quebrando inúmeros tabus trazendo consigo marcas de toda essa trajetória.

Durante a pesquisa de campo, em conversa com alguns homossexuais de idade acima de 60 (sessenta) anos de idade, foi possível ouvir o termo “sobreviventes” relacionados ao homossexual com este perfil (idoso). Esse termo vem sendo usado principalmente para fazer referência ao não contágio destes pelo vírus HIV, em um momento em que a comunidade homossexual foi bastante afetada, visto que a doença no início de sua epidemia – década de 1980 e início dos anos 90 – recebera inclusive a alcunha de “câncer gay”, e poucos eram os meios de prevenção por conta do pouco conhecimento que se tinha a cerca do vírus. Com isso, apesar de não existirem pesquisas que tratem dessa questão, é possível presumir que a expectativa de vida do homossexual masculino tenha sido afetada por esse momento da história.

Logo, quando observamos o público da boate pesquisada, estamos nos deparando em muitos casos com a mistura entre os “sobreviventes” dessa epidemia e aqueles que, motivados pela maior aceitação da homossexualidade nos dias atuais, se permitiram assumir e vivenciar, após a maturidade, essa identidade.

Frequentando a boate e o seu entorno nos dias de seu funcionamento, foi possível observar que muitos parecem frequentadores assíduos, pois os rostos variavam pouco durante as visitas, tendo podido perceber que a boate aos sábados apresenta um público cativo. Isso pôde ser constatado também, pois a maior parte deles se conhecia e se cumprimentava, o que indica que aquele local pode ser considerado um ponto central de uma rede de relacionamento e encontros entre homossexuais idosos. Podemos afirmar a ocorrência nesse espaço de um *effective network*, visto que este é, segundo Guimarães (2004:24) “determinado por vínculos de amizade, gerados na descoberta de identidades sociosexuais semelhantes”. Esse *network* se dá visto que é formada uma rede de pessoas com o mesmo perfil e que, juntas, resolvem vivenciar suas experiências, o que muitas vezes lhes é negado em outros espaços. Tal rede se torna importante para minimizar alguns problemas relacionados à solidão – queixa relatadas por muitos idosos, independente da orientação sexual.

Entretanto a boate não possui somente idosos, apesar de serem a grande maioria. Pode se verificar entre os frequentadores ocasionais (não tão assíduos) a presença de homens com idade aparente entre 40 e 50 anos, e uma minoria (menos de 10 por noite) com idade aparente inferior (até 30 anos) que frequentam o lugar pela música ou por apresentarem preferência por homens mais velhos.

Minha interação enquanto pesquisador foi difícil no início da pesquisa. Por fazer parte dessa minoria jovem, pude observar a sensação de ser o “diferente” – o *outlier* – em meio a um grupo, visto que muitas vezes fui olhado com estranhamento e abordado como michê, tendo recebido ofertas principalmente para o pagamento de bebidas e entrada na boate. O estranhamento em adentrar um universo bastante diferente daquele que participo no meu cotidiano foi grande, mas ao longo das visitas este foi se rompendo e permitindo a vivência daquele espaço e socialização com o grupo que ali frequentava. Em diversas visitas fui abordado por alguns dos poucos sujeitos de idade próxima a minha (em torno de 30 anos) que ali estavam e estes todas as vezes me abordaram perguntando se eu conhecia aquele espaço e sabia que o público dele era composto por homossexuais idosos. Nessas abordagens foi interessante perceber a visão enraizada da sociedade que define papéis e espaços nos quais os indivíduos devem, segundo esta, estar/ocupar de acordo com seu perfil. Para a sociedade o idoso muitas vezes é visto como aquele incapaz de realizar as mínimas atividades do

cotidiano, restando para ele o espaço do lar, logo, aquele idoso que frequenta locais diferentes desses ou tidos como locais de frequência para jovens é visto com estranhamento. Esse preconceito é notório ao observar a presença de homossexuais mais velhos em boates diferentes da pesquisada. Estes não só são vistos com estranhamento como são discriminados e muitas vezes ridicularizados por outros frequentadores, o que inibe a presença deles nesses espaços, o que não ocorre na boate onde a pesquisa foi realizada, visto que são maioria e formam um grupo/rede de conhecimento e apoio.

Conhecendo-os mais detalhadamente é possível classificá-los como um subgrupo dentro do grupo homossexual – batizado de maduros – por apresentarem características próprias/comuns percebidas em grande parte dos que ali frequentam. A primeira delas é a forma de vestimenta, caracterizada basicamente por camisas sociais ou polo, diferente dos brilhos e grifes normalmente vistas entre os mais jovens. Outra característica marcante é o uso de barbas/bigodes, vistas na maioria dos frequentadores. Estas são características que ressaltam virilidade e pode ser explicada por conta da vivência desse grupo em períodos onde a homossexualidade não era revelada, logo, mesmo nos dias atuais, esta memória influenciaria no comportamento destes sujeitos. Desse modo é importante destacar que poucos eram os frequentadores que apresentavam características afeminadas naquele local.

A dinâmica no espaço se dava da seguinte forma: no centro da pista de dança se encontravam aqueles que queriam dançar e/ou estavam acompanhados, geralmente por parceiros conhecidos anteriormente a ida à boate; ao redor da pista ficavam os homens desacompanhados e a minoria mais jovem, geralmente aqueles que estavam em busca de novos parceiros. Foi possível perceber que o flerte ocorre na maioria das vezes nesses locais mais reservados ou próximo ao balcão do bar e se dá pelo olhar. Vale lembrar que essa última característica de flerte se diferencia pouco de como ocorre entre os homossexuais mais jovens, podendo ser vista como uma forma de abordagem comum aos homossexuais.

É importante ressaltar que a maior parte dos pares formados entre os frequentadores do local se dava entre homens de mesmo perfil (idoso), sendo visto poucos pares formados por idoso – jovem. Isso pode demonstrar, dentre outras características, um medo de extorsão dos quais muitos deles são expostos, vistos que esse grupo é o alvo principal para aplicação de golpes como o “Boa Noite Cinderela”³⁴.

³⁴ O “Boa Noite Cinderela” é um golpe comumente aplicado em frequentadores de casas noturnas. Esse golpe geralmente é aplicado em pessoas desacompanhadas e consiste em aproveitar um momento de distração da vítima para colocar um tipo específico de droga em sua bebida fazendo com que ela perca parte dos sentidos. Nesse momento o golpista acompanha a vítima até sua residência e aproveita o efeito da droga para roubar pertences da vítima e/ou cometer abusos sexuais.

Os homossexuais mais velhos são o alvo principal desse tipo de golpe por geralmente morarem sozinhos, possuírem bens e terem uma condição estável de vida, reflexo de um perfil de sujeito com renda própria e sem filhos – que representariam um gasto extra – portanto a ausência destes permite um padrão de vida melhor. Desse modo esses sujeitos costumam possuir bens que podem ser facilmente roubados de suas residências, como quadros com alto valor de mercado, aparelhos eletrônicos e/ou dinheiro. Esse “medo” explica também em parte o olhar de estranhamento dos frequentadores usuais daquele espaço em relação aos mais indivíduos novos. Outra possibilidade é a de parte da minoria composta por frequentadores mais jovens serem de fato michês, o que faz com que aqueles idosos que não desejem somente uma noite de sexo, ou não tenham interesse em pagar por isso escolham outros indivíduos para o flerte.

A formação de pares entre sujeitos de mesmo perfil, como os formados nesse espaço proporciona que ambos se entendam e partilhem dessa fase com seus desafios e vantagens juntos. Para muitos idosos essa é vista como uma fase de perdas, variado desde a perda de parte das capacidades motoras e da juventude, bem como fazendo com que se sintam menos atraentes em relação aos mais jovens. Isso pôde ser percebido em uma abordagem que foi direcionada a mim, onde o homem me interpelou dizendo que “se eu procurava alguém bonito como eu, que aquele não era o lugar”. Interpretei o termo “bonito” como referência à juventude, concluindo que para ele, como para outros mais, a maturidade traria uma perda da beleza associada à juventude. Muitos procuram compensar essa “perda” com o oferecimento de bens materiais, bens estes que são fruto da maturidade, dos anos de trabalho e estudo pelos quais os mais jovens ainda deverão passar. Isso pôde ser visto a partir do momento em que grande parte da abordagem destes se dava com o oferecimento de bebidas, bem como outras vantagens materiais. Ao contrário dos mais jovens que muitas vezes procuravam flertar e conseguir parceiros sem diálogos, os mais velhos usam deste (após um primeiro momento de flertes pelo olhar) para conquistar parceiros. O diálogo, bem como o oferecimento de bens materiais seriam formas encontradas por estes para compensar a “perda da beleza” associada à juventude na tentativa de conseguir um parceiro mais jovem. No entanto tal situação muda quando observamos dois indivíduos de mesmo perfil.

Desse modo, casais formados por sujeitos idosos podem ser encarados como igualitários no que tange a possíveis formações de hierarquias constituídas a partir da diferença de idade como: maior poder material X dependência financeira; vitalidade e força X perda de tônus. Muitos são os artifícios utilizados nos dias atuais para compensar a perda da

energia sexual, tornando cada vez mais populares medicamentos que atuam na recuperação da ereção masculina.

Esse espaço de interação e sociabilidade também justifica sua importância visto que muitos idosos não têm acesso – ou não buscam ter – às ferramentas usadas comumente pelos mais jovens, como a internet, seja ela através dos computadores ou dos celulares, o que facilita encontros através de ferramentas como aplicativos e salas de bate papo ou mesmo sites de relacionamento.

Outra característica desse espaço, e da interação que ocorre nele que cabe reflexão é a sua estrutura enquanto boate com músicas atuais, em grande maioria eletrônica, tocadas comumente em outras casas noturnas ocupadas em sua maioria por jovens. Fazendo um contraponto aos famosos “bailes da Terceira Idade” frequentados por idosos heterossexuais, onde são tocadas músicas comuns à época em que estes eram jovens – décadas de 1940, 1950 e 1960 – os idosos que procuram pela boate pesquisada esperam ouvir as músicas da atualidade e viver a atualidade.

Numa tentativa de interpretação da realidade vivida nessa boate, é possível levantar a hipótese de que, ao contrário dos idosos heterossexuais que procuram os “Bailes da Terceira Idade” em busca de reviver momentos da juventude, com suas memórias e recordações de tempos bons de sua juventude, os idosos homossexuais buscam viver hoje a juventude que não puderam viver por conta do preconceito maior existente durante a época de sua juventude. Desse modo esses idosos vivem os dias atuais e procuram se divertir com o que os dias atuais lhes oferecem e não com as lembranças de sua juventude, que muitas vezes pode lhes remeter a momentos ruins associados ao cerceamento de sua identidade. Sendo assim, a boate em questão se torna uma, senão a única, alternativa de conviver com seus semelhantes a época atual, sem serem discriminados e/ou ridicularizados pelos mais jovens que têm a oportunidade de viver durante a juventude o que muitos desses idosos não puderam viver – sua sexualidade de forma livre. Desse modo o espaço se torna um espaço onde são trocadas memórias de épocas distintas vividas por eles e repassadas seja através de relatos, seja por meio de seus modos de ação, fazendo com que frequentadores de outras faixas etárias percebam tais diferenças e as ressignifiquem.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando pensamos, fazemo-lo com o fim de julgar ou chegar a uma conclusão; quando sentimos, é para atribuir um valor pessoal a qualquer coisa que fazemos.

Carl Jung

Esse momento final do trabalho será dedicado a fazer uma breve retrospectiva do que foi visto, analisando de forma global o que foi observado durante o campo, retomando alguns pontos considerados chaves, além de buscar intercessões de perfis entre os espaços pesquisados e colocar algumas questões que não puderam ser respondidas para servir de ponto de partida para estudos futuros.

Após esse longo período de estudos e convivência com a população pesquisada foi possível perceber que existem mais perguntas a serem feitas do que respostas propriamente ditas, fazendo com esse espaço seja reservado não para conclusões a cerca do tema, mas para reflexões sobre ele.

Muitas dessas reflexões se dão por conta da fluidez do tema e conseqüente mutabilidade do perfil dessa população em relação ao contexto social, tornando qualquer conclusão fechada sem efeito em um curto espaço de tempo.

Não é possível concluir esse estudo sem retomar algumas percepções obtidas quando iniciei minhas pesquisas no campo dos Estudos de Gênero, mais especificamente da Homossexualidade – em 2007 – época em que esse tipo de estudo ainda era bastante insipiente no universo acadêmico brasileiro. Ao longo desses sete anos foi possível perceber inúmeros grupos de estudo surgindo bem como o surgimento de uma militância LGBT alcançando meios políticos para reivindicar suas pautas, o que até então era feito somente através de Paradas LGBT. O ano de 2008 foi marcado pela primeira Conferência Nacional LGBT dando início à formação dessa organização política.

Tais mudanças no cenário político, aliadas a maior visibilidade que a temática vem ganhando na mídia e adentrando espaços que até então não podiam ser utilizados para trabalhar esse tema, como as escolas, trouxeram como resultado novos perfis de sujeito homossexual, cada vez mais livre para viver fora do “ghetto” e consciente dos seus direitos reconhecidos e daqueles que considerem importantes para o serem, fazendo disso bandeira de reivindicação.

Como reflexo da invisibilidade, era possível perceber que os espaços LGBTs em 2007 tinham como características fachadas discretas e público bastante segmentado, ou seja, em sua maioria homossexual. Espaços como a Farma de Amoedo eram raros e concorridos dadas as poucas opções de locais para interação LGBT na cidade. Atualmente temos cada vez mais espaços considerados mistos e casais LGBT conseguem se manifestar afetivamente em uma gama maior de locais sem serem incomodados. No Rio de Janeiro, em específico, as boates vêm dando lugar a festas em locais conhecidos do grande público, o que antes não era possível devido ao risco que era para o homossexual sair de locais de grande circulação acompanhados por seus pares.

Foi possível perceber ainda que novos perfis de sujeitos homossexuais surgiram, reiterando a hipótese de mutabilidade do grupo perante o meio. Tal mutabilidade se justifica nas tentativas de adequações a que estes são impostas. A vivência em contato com esse grupo, contudo nos ajuda a perceber que por mais que tentemos classificar os indivíduos, mais difícil se torna sua classificação, visto que cada ser é único e composto por inúmeras identidades que interagem entre si e fazem com que estas se ressignifiquem constantemente.

Logo, mesmo definindo como objeto de estudo os homens com práticas homoeróticas, foi possível perceber que estes são bastante diversos entre si, e se subdividem nos mais diversos grupos com características bastante distintas. Exemplos disso são as tribos que podem ser vistas nos espaços homosociais como as Barbies (homossexuais com corpos trabalhados em academias), os Ursos (Homossexuais que tem como característica principal a presença abundante de pelos corporais e geralmente considerados acima do peso), os Maduros, os Twinks (homossexuais com idade mais jovem) dentre inúmeros outros tipos que foram observados. Recentemente vemos ainda grupos de jovens definidos como G0ys, ou seja, que tem contatos íntimos entre si, porém se diferindo dos HSHs por não haver a prática de sexo anal, não se considerando gays, o que nos remete a uma categoria sexual intermediária.

Contudo, mesmo havendo essas inúmeras subdivisões, é importante ressaltar que o Rio de Janeiro não apresenta uma vasta gama de opções de espaços separados por segmento, ao contrário de São Paulo onde é comum a existência de casas noturnas específicas para cada perfil. Logo, o Rio de Janeiro surge como uma cidade onde a mistura de perfis é uma realidade e isso pôde ser percebido ao longo do estudo.

Entretanto, embora tenha havido maior perda de vínculo do sujeito não-heteronormativo em relação ao “ghetto”, não devemos deixar de encarar a Farma de Amoedo aparece como um importante lugar onde é, ainda nos dias atuais, construída e vivida a

memória coletiva do grupo LGBT. Não somente pelo seu tempo de existência como pela gama de perfis que esse espaço atrai, permitindo o contato de jovens com outros jovens, mas também com indivíduos mais velhos e, até mesmo oriundos de outras localidades. Acima de qualquer outro espaço, a Farma de Amoedo e seu trecho de praia aparecem como um local de aprendizagem para aqueles que estão descobrindo fazer parte dessa identidade. Nesse ponto gostaria de alinhar o termo aprendizagem com a memória, visto que o contato com esses mais diversos perfis faz com que cada frequentador se reconstrua enquanto sujeito e membro dessa identidade coletiva. A troca de vivências bem como a descoberta de desafios comuns faz com que esse espaço se torne um importante elo de fortalecimento dessa identidade, enquanto identidade coletiva.

Entretanto, estando a Farma de Amoedo como centro físico de uma rede, existem ramificações, que se ligam aos demais espaços existentes na cidade, aonde cada subgrupo irá se encontrar e partilhar de suas particularidades. No entanto, mais do que segmentos, o que não é visto tão fortemente no Rio de Janeiro, os espaços vão se subdividindo de acordo com o foco de cada um e não com o perfil, como era a hipótese inicial desse estudo.

No entanto, temos ainda exceções à regra como foi possível perceber na boate pesquisada nesse estudo, visto que, embora sua proposta seja de inclusão ao convidar “Maduros e seus admiradores”, foi possível perceber um exemplo de local de forte segmentação, visto que seu público é bastante homogêneo e majoritariamente idoso.

A vivência nesse local em específico, além de enriquecedora, trouxe a tona inúmeros questionamentos que somente poderão ser respondidos em estudos futuros que visem aprofundar tal questão. Dentre esses questionamentos é importante destacar quem são seus pontos de apoio (amigos, familiares) e como seria a relação destes com suas famílias? Quais serão suas perspectivas futuras? Teriam esses idosos vivenciado sua juventude dentro ou fora do armário e como eles percebem os jovens gays de hoje em relação aos jovens que foram? Pesquisas que tenham como foco esse perfil de indivíduo poderão trazer respostas para essas perguntas.

Desse modo, ao longo dos anos de estudo foi percebido que, embora haja locais como a boate em questão, as opções de acordo com segmento não são tão diversas e as poucas existentes se concentram geralmente no eixo Centro – Zona Sul, tornando a rede mais hermética. Com isso vemos que espaços como as saunas e as boates atendem a um desejo momentâneo, seja o da busca por parceiros sexuais, seja pelo desejo de estar junto com o semelhante ou mesmo a tentativa de busca por parceiros afetivos fora do mundo virtual, visto que este vem contribuindo para que os espaços de sociabilidade venham perdendo parte de

sua função. Logo, a ida a um determinado espaço, como foi observado na pesquisa, não exclui a frequência em outros, visto que a ausência de segmentação de público torna os espaços mais inclusivos e diversificados.

A vivência nesses diversos espaços mostrou também a capacidade do indivíduo em se adequar às regras, que se alteram dependendo do espaço e da sua função. Isso pode ser visto no momento em que grupos que conversam e gesticulam livremente em espaços abertos como a praia, ao adentrarem na sauna, apresentam comportamento bastante diferente, se adequando às regras desse novo ambiente, muitas vezes partilhado pelos mesmos indivíduos que estavam presentes na praia. Vale observar que o não cumprimento dessas regras bem como o desconhecimento dos signos pode fazer com que estes sujeitos sejam rechaçados pelos seus pares, não alcançando seu objetivo no local. Com isso a memória surge como elo capaz de ensinar aos indivíduos como se portar, seja através da memória vivida efetivamente, seja pela vivida por tabela e transmitida pelos seus pares.

Desse modo vem sendo gestada uma nova geração de sujeitos, com perfis distintos daqueles que hoje vivem a maturidade, visto que os jovens de hoje se recriam a partir da memória vivida pelos mais velhos, permitindo-os, em alguns casos, avançar sem cometer os erros de seus antecessores. Mas acima disso, essa nova geração chega com menos amarras que as suas antecessoras e de certo modo deve isso a elas, além de contar com uma gama de identidades que torna cada vez mais difícil a sua definição – como enfocam os Teóricos *Queer*. Mas devemos nos perguntar ainda para que, ou para quem serviria essa necessidade de definição dos sujeitos? Partiria do sujeito definido essa demanda por uma definição?

Vale ainda observar, no que tange as mudanças de comportamento da população LGBT – ou não-heteronormativa³⁵ – trás, como foi visto, não só uma multiplicidade de perfis de sujeito como – através dos queers e g0ys – novas formas de exercer a sexualidade, antes encerrada nos padrões hetero, homo e bissexuais. Será essa a geração que conseguirá quebrar com o padrão binário de gênero?

Talvez ainda não seja essa, porém a observação dessa nova geração e seus atos dirão se, de fato, as identidades serão abolidas. Somente o tempo, capaz de moldar as pessoas a partir de suas memórias, dirá se haverá a necessidade de espaços como a Farme de Amoedo para a socialização LGBT, visto que estes só se justificam pela necessidade de exclusão em relação aos demais para assim exporem com segurança sua(s) identidade(s). Espera-se que

³⁵ O uso do termo não-heteronormativo visa tornar mais abrangente o universo de indivíduos visto que inúmeras outras definições que não se inserem na sigla LGBT foram percebidas durante o estudo.

esses espaços se tornem mais porosos e se justifiquem somente pelo gosto de cada um e não por uma necessidade de ter um espaço para se manifestar.

Por fim, após vivenciar a realidade desse grupo, espero que o futuro “maduro” homossexual que hoje vivencia sua juventude, não seja reconhecido como um sobrevivente, mas sim como aquele que soube/conseguiu lidar e se libertar das amarras de um passado que impediu seus antecessores de viverem livremente sua sexualidade, para que este pudesse vivê-la livremente e com seus direitos reconhecidos.

ANEXOS

1. Notas de Campo

Nesse momento serão transcritas algumas notas realizadas durante as visitas de campo nos espaços escolhidos. A opção por publicar essas notas em detrimento das demais se deu por acreditar que estas dão conta de retratar os espaços pesquisados, bem como o que foi vivido pelo pesquisador durante o período da pesquisa. A escolha se deu ainda a partir de ações vivenciadas em específico nesses dias que se destacaram entre o conjunto de visitas realizadas. As demais notas omitidas reproduzem grande parte do conteúdo das notas aqui presentes, visto que a dinâmica nos espaços respeitaram um padrão e se tornaram recorrentes.

1.1. Espaço: Sauna

Dia: 28 de abril de 2013

Hora de Chegada: 17:00 hs

Hora de Saída: 22:00 hs

Pesquisador: Rafael Chaves

Cheguei desacompanhado ao local, em torno das 17 horas com o intuito de acompanhar o movimento pós-praia pois havia sido um domingo de sol. Ao adentrar pela porta giratória me deparei com uma pequena antessala onde havia um balcão com um atendente, uma TV de led pela qual era possível visualizar os serviços oferecidos no local com os respectivos preços e um quadro que retrata uma cena de nudez masculina, porém sem mostrar o órgão genital. Dirigi-me ao balcão e o atendente prontamente, sem verbalizar, me entregou uma chave presa a um elástico (a chave era de número 135) e uma ficha vermelha. Segui intuitivamente pela única porta que havia, chegando a um vestiário onde nele existia um pequeno almoxarifado com outro atendente que me pediu a ficha e perguntou quanto eu calçava. Após responder ele me entregou duas toalhas de banho, um par de chinelos e um preservativo. Após isso o atendente me indicou que meu armário se localizava no segundo piso. Nesse primeiro vestiário do primeiro piso havia uns homens se despindo, duas cabines

com chuveiro e duas com vasos sanitários, além de armários numerados e uma pia com secador e gel para cabelo. Vale lembrar que não são permitidas mulheres nesse estabelecimento. Perguntei para o atendente como era feito caso fossem necessários mais preservativos, ele disse que poderiam ser pegos no bar.

Fui em direção ao vestiário do segundo piso para me trocar, visto que naquele espaço só andavam vestidos os funcionários e frequentadores que estivessem chegando ou saindo do local. O vestiário do segundo piso é menor, contendo só armários e uma pia com espelho. Um homem estava se despindo e guardando suas roupas e, ao entrar, fiz o mesmo, colocando todos os meus pertences dentro do armário, pois embora não existisse nenhuma descrição afirmando que não era permitido o uso de roupas, todos os frequentadores só andavam pelo local portando chinelo, a toalha enrolada a cintura e a chave do armário presa ao braço ou ao tornozelo. O uso da toalha variava pois alguns usavam ela enrolada respeitando a largura da toalhas, outros dobravam ela ao meio antes de enrolar ela na cintura, deixando mais partes do corpo à mostra. Tentei sondar para saber se era um tipo de código sobre a possível preferência sexual (ativo ou passivo), mas não foi possível perceber com clareza isso. Após me trocar, desci para o primeiro piso para observar o movimento.

No primeiro piso, quando o frequentador sai do vestiário, se depara com uma espécie de corredor dividido em dois ambientes: à esquerda tem um bar com dois atendentes, poltronas e duas TVs de led na parede e uma escada de acesso ao segundo piso; à direita são encontradas mais poltronas, uma espreguiçadeira, outra TV de led passando clipes musicais e um espaço fechado com uma porta de vidro transparente onde havia uma decoração com objetos que parecem roldanas industriais. Além disso, existia uma porta que dá acesso a uma sauna à vapor. No entanto essa porta, antes de chegar à sauna propriamente dita, dá acesso a uma espécie de antessala com chuveiros. Parei no bar, pedi uma água e o atendente perguntou o número do meu armário (contido no elástico que prendia a chave), e anotou o consumo, pois o pagamento da entrada com o consumo era feito na saída. Peguei a água e me sentei em uma das poltronas no segundo ambiente, perto da porta que dava entrada para a sauna à vapor, para que pudesse ter uma visão completa do ambiente. Nesse ambiente algumas pessoas se sentavam próximas ao bar para ver televisão, ou conversar próximo ao bar. Mas o fluxo maior era de passagem para a sauna, o vestiário ou em direção ao segundo piso. Pude perceber que os homens que transitavam aproveitam o trajeto para visualizar os que, como eu, estavam sentados. Em alguns momentos, percebi alguns olhares em minha direção, mas procurava desviar o olhar para inibir a aproximação, o que geralmente funcionava. Na poltrona em que me sentei era possível ver os chuveiros da antessala da sauna

à vapor, no momento em que a porta se abria. Notei que em vários momentos havia homens que ficavam embaixo do chuveiro por um longo tempo, alguns apresentando ereção, o que pude perceber que indicava uma forma de convite sexual aos que por ali passavam. Percebi que em determinados momentos saíam deste local grupos, alguns apresentando ereção, o que indicava que poderia ter havido contato sexual ou que este iria ocorrer. Vale destacar que não foram observados diálogos entre os indivíduos nesses casos. Resolvi entrar nesse espaço para entender essa dinâmica.

Ao passar pela porta que dava acesso aos chuveiros, existia outra porta que leva o frequentador para a sauna à vapor, propriamente dita. Nesse local a visão era reduzida por conta do vapor e da baixa iluminação, que era feita por pequenas lâmpadas de tom violeta. O local era todo de ladrilho com um banco único que circundava a sala, além de um chuveiro. Quando ali adentrei se encontravam três homens e eu. Sentei-me em um dos cantos, de modo a observar toda a sala. Um dos homens se masturbava enquanto os outros continuavam em seus lugares. Fiquei aproximadamente dez minutos e resolvi sair para observar o segundo piso, visto que o calor e o vapor começavam a me incomodar. Ao sair resolvi me molhar nos chuveiros por conta do calor da sauna e pelo ambiente fora dela ser climatizado. Nesse momento um homem que aparentava possuir uns cinquenta anos se banhava, com pênis ereto. Como havia três chuveiros, me banhei em outro, percebendo que o homem acompanhava todos os meus movimentos com o olhar, no entanto não houve nenhuma aproximação. Fui para o segundo piso e, nesse pude observar um espaço com computadores ligados a internet, uma pequena academia, duas salas onde eram oferecidos serviços de massagem (tântrica e tailandesa, segundo diz a homepage do estabelecimento), o vestiário (onde estavam meus pertences), uma sauna seca, chuveiros e um fumódromo. Resolvi entrar na sauna seca, que era revestida de madeira, com um banco único que circundava o ambiente. Nela havia uma TV que passavam filmes pornô *gays*. Dentro havia uma média de cinco homens que se entreolhavam e assistiam ao filme. Alguns apertavam seus pênis por cima da toalha enquanto outros abriam a toalha e se masturbavam. Em determinados momentos alguns homens entravam somente para observar e saíam, talvez por não encontrar nenhum homem que fizesse o seu perfil. A aproximação era feita pelo olhar, em nenhum momento eram ouvidas vozes. Durante o tempo em que fiquei na sauna seca, percebi olhares em minha direção como que me encarando, mas procurava desviar o olhar e não fazer gestos que pudessem ser entendidos como “convite” a aproximação. Um deles (aparentando trinta anos) se sentou ao meu lado após me encarar e ficou olhando diretamente para o meu rosto, mas permaneci imóvel até que ele saiu. Ocorreram mais duas aproximações nas quais, em uma destas, o

sujeito se sentou ao meu lado e ficou me olhando, no entanto esse, como tentativa de ser notado, passou levemente a sua mão na minha perna. O terceiro que se sentou ao meu lado se masturbava enquanto me encarava, mas não houve nenhum toque. Nesses momentos eu procurava olhar o filme que passava, tentando passar uma imagem de estar alheio ao acontecia na sala.

Após isso saí da sauna seca, tomando outra ducha, tendo sido observado por um rapaz de aproximadamente 25 (vinte e cinco) anos, que depois soube não ser brasileiro, pois após a ducha ele se aproximou e disse: “*sorry*”. Essa foi a primeira aproximação verbal que ocorrera naquele espaço. Resolvi então me sentar em uma das poltronas do segundo andar. Ela ficava posicionada bem no meio do pavimento, em frente à mini academia. Havia outra poltrona próxima, a escada de acesso ao terceiro pavimento ficava à sua direita e os computadores com acesso a internet à sua esquerda. Esse pavimento também possuía uma decoração baseada em fotos de homens despidos, porém sem mostrar os órgãos genitais. Havia também em uma das paredes uma espécie de vitrine onde eram expostos produtos de sex shop como DVDs eróticos *gays*, sungas, consolos e afins. Nesse corredor transitavam pessoas que iam/vinham do terceiro pavimento ou que se dirigiam à sauna seca e/ou vestiário. Pude observar as salas de massagens, compostas por um colchão de casal e uma bancada com toalhas. Na outra poltrona durante uma grande parte do tempo que estive naquele local, se encontrava um homem que aparentava ter aproximadamente 40 (quarenta) anos que, como eu, observava o movimento. Nesse momento encontrei um colega de trabalho descendo do segundo piso, o cumprimentei e ele se sentou ao meu lado. Ele trabalha como interprete e me relatou que estava naquela semana acompanhando um grupo de repórteres europeus em um documentário que estaria sendo feito no Rio de Janeiro. No meio de nossa conversa ele contou o motivo de sua estada na sauna, revelando que um dos repórteres contratou seus serviços para ser interprete em sua ida à sauna por um valor acima da média pela hora. Meu colega contou que o estrangeiro era um homem de “meia idade” (aproximadamente cinquenta anos) que, nos momentos em que pedia sua intervenção para se aproximar de alguém na sauna, era para se certificar de que o individuo procurado fosse ativo e brasileiro. Embora não fosse pré requisito, era desejável que tivesse situação financeira inferior a dele. Apesar de não ter emitido opinião até então, meu colega afirmou que isso se trataria de uma tentativa de exercer de alguma forma uma espécie de “poder de sedução” com as armas que ele ainda teria (sua origem europeia e poder econômico). Não tive contato com o europeu, pois segundo meu colega ele estava acompanhado dentro de uma das cabines. Enquanto conversávamos, observamos juntos o movimento de pessoas transitando, alguns passavam direto, outros

olhavam ora para mim, ora para ele, como que nos encarando de modo a esperar para verem se o olhar seria retribuído.

Após um tempo conversando ele disse que ia ver se o europeu já teria saído da cabine e conseqüentemente precisaria de sua ajuda e eu me direcionei junto a ele ao terceiro (e último) piso do estabelecimento. Nesse piso ocorre a maior parte das interações sexuais. Nele a luz é mais baixa (luz esta que vai diminuindo conforme adentramos pelo pavimento). Nesse andar existe um banheiro com quatro cabines (duas com chuveiros e duas com vasos sanitários) e, nas portas de vidro existe um comunicado com uma foto que indica ser proibido fazer sexo naquelas cabines, provavelmente para não impedir que pessoas que de fato necessitem usar os espaços para seus “verdadeiros fins” sejam impedidas. Além do banheiro há uma porta com uma despensa onde são guardados os produtos de limpeza (com acesso somente aos funcionários). Nesse pavimento existe ainda uma pequena sala aberta (no lugar da porta existe uma cortina preta transparente) onde são passados filmes pornô *gay* e um longo corredor com cabines onde ocorre a prática sexual. Essas cabines são compostas por uma espécie de maca (cama) de solteiro, uma lata de lixo e um reservatório contendo papel toalha. Por fim o corredor desemboca em uma porta que dá acesso ao *dark room*³⁶.

Em um primeiro momento me sentei em um canto da pequena sala onde ficavam passando os filmes eróticos e pude perceber que ela serve como vitrine para aqueles que passavam em direção às cabines e/ou ao *dark room*. Muitos desses ao passarem olhavam para dentro da sala ou paravam na sua entrada para ver parte do filme e olhar para aqueles que ali estivessem. Em outros momentos percebi que alguns frequentadores usavam aquele espaço para atrair parceiros pois durante o momento em que ali estavam, se masturbavam podendo ser espiados por outros frequentadores. Durante o momento em que permaneci naquela sala percebi a movimentação de pessoas que entravam para ver quem ali estava. Um desses resolveu entrar e se sentar próximo a mim. Após um tempo o rapaz começou a puxar assunto comigo, perguntando de onde eu era, pois este era oriundo de São Paulo e estava no Rio a trabalho. No decorrer da conversa falei que estava naquele espaço realizando uma pesquisa e o mesmo afirmava que o sexo não era sua prioridade e sim a interação, alegando estar sozinho no hotel e queria conhecer pessoas, conversar. Pude perceber que a maior parte das cenas dos filmes projetados naquela sala eram *barebacking* (sem o uso de preservativo).

³⁶ Dark Room é o nome dado a um espaço, geralmente um quarto ou corredor escuro usado para práticas sexuais. Esse tipo de espaço é encontrado em algumas saunas e casas noturnas voltadas ao público LGBT. A escuridão favorece a prática sexual dada a ausência de repressão ao ato bem como impossibilidade de identificação dos presentes.

Após a conversa resolvi me dirigir ao *dark room* para ver como funcionava a dinâmica daquele espaço. No momento da entrada é praticamente impossível de se enxergar devido a escuridão, no entanto com o passar do tempo a visão se adapta à ausência quase total de luz permitindo com que seja possível perceber, embora com dificuldade, o que ali ocorre. Nesse local as abordagens são mais incisivas, porém sem verbalizações. Muitos frequentadores aproveitam o anonimato da escuridão para passar a mão naqueles a quem eles desejassem. O oposto também ocorre visto que alguns deixavam seus órgãos sexuais a mostra, na maior parte das vezes eretos para atrair parceiros e conseqüentemente fossem tocados. A maior parte das interações se resumia na prática do sexo oral, no entanto pude notar que quando um casal começava alguma forma de contato sexual, este atraía a presença e, em muitos casos a participação dos demais. A frequência daquele espaço era feita em grande parte por homens mais velhos e/ou acima do peso.

Ao me retirar do *dark room*, percebi que muitos frequentadores ficavam no corredor, posicionados em frente às portas. Resolvi me posicionar em frente a uma delas e acompanhar o que acontecia. Foi possível notar que aqueles que passavam por aquele corredor, caso atraíssem aos que ali estavam, era feito um contato, normalmente através de um toque na cintura, nas mãos ou nádegas. Muitos dos frequentadores que ficavam em frente as portas ficavam apertando os próprios pênis, como forma de atrair aqueles que passavam. O inverso também ocorria por parte daqueles que estavam pelo corredor de passagem, caso se interessassem por alguém que estivesse parado em frente a uma das cabines. No entanto o contato era feito basicamente na base dos olhares. Percebi que quando havia desejo mútuo, um dos frequentadores olhava para dentro da cabine e entrava, sendo prontamente seguido por aquele que o desejava. Os únicos sons que são ouvidos nesse espaço (bem como no *dark room*) são os gerados pela prática sexual daqueles que estavam dentro das cabines. Embora pequenas, em alguns casos ocorria a entrada de mais de duas pessoas nas cabines, para a prática do sexo grupal.

Em torno de 22 horas fui me arrumar para ir embora, devolvendo as toalhas e chinelos no mesmo local de onde os retirei e me dirigindo ao balcão para realizar o pagamento, me retirando por uma porta que havia ao lado.

Impressões

Esse espaço me chamou atenção por conter muitos detalhes que parecem levar o frequentador a viver em um ambiente que parece paralelo à realidade fora dele.

O primeiro detalhe que considero importante destacar é a ausência de relógios, tirando do frequentador a noção de tempo. Esse detalhe, aliado ao clima de erotismo construído a partir das imagens usadas na decoração bem como da visão dos demais frequentadores despidos (usando somente toalhas) faz com que a memória nos leve a (re)construir sensações a partir dos estímulos visuais que nos são impressos.

A valorização do corpo se apresenta como algo bastante forte nesse espaço, visto que ele está a mostra, sendo o indivíduo impedido de usar de outros artifícios como roupas e acessórios. Foi interessante perceber nesse sentido o relato do interprete do estrangeiro e suas técnicas de atração, como a valorização de sua origem europeia. Em um primeiro contato com aquele ambiente não foi possível afirmar que tal técnica fosse fundamental no processo de conquista, por se tratarem, na maior parte dos casos de contatos estritamente sexuais. Tal hipótese pode ser comprovada pela ausência de diálogos entre os frequentadores, fazendo com que a linguagem corporal seja a predominante.

Mesmo em um espaço onde o status social não apareça como elemento segregador (talvez pelo próprio valor da entrada já promover essa segregação), visto que marcadores como roupas e acessórios não são utilizados, temos no corpo marcadores de segregação. Podemos considerar a idade, o peso e a presença de pêlos no corpo como sendo marcadores de segregação, ou mesmo de estigma, fazendo com que estes indivíduos recorram a subespaços como o *dark room*. A escuridão desse espaço aumenta a chance de sucesso na conquista, mesmo que esta se resuma à chance desse indivíduo ter um contato sexual.

A questão da prevenção à DSTs foi algo que pareceu pouco presente naquele espaço onde a multiplicidade de parceiros é algo corrente. Isso pôde ser percebido visto que só era dado um preservativo na entrada (embora pudessem ser pegos outros no bar, não observei nenhum frequentador fazê-lo) bem como pela ausência de avisos que incentivem ao sexo seguro, ocorrendo em contrapartida a transmissão de filmes *barebacking*. No entanto não é possível afirmar que não ocorresse a prevenção a DSTs por parte dos frequentadores.

Dia: 26 de maio de 2013

Hora de Chegada: 15:30 hs

Hora de Saída: 21:00 hs

Pesquisador: Rafael Chaves

Após um período de aproximadamente um mês sem idas a essa sauna, retorno para mais uma vez observar a dinâmica desse local. Nesse dia, por já conhecer o espaço, procurei circular mais por ele ao invés de permanecer parado nos locais como fiz da última vez em que estive lá. Essa estratégia facilitou a observação do estabelecimento de forma mais global pois pude circular pelos diversos ambientes em um curto espaço de tempo, ajudando a perceber sua dinâmica em momentos distintos, visto que a dinâmica do local se altera conforme as horas passam. Dessa forma, relatarei como fora minha experiência em cada ambiente nesse dia.

Cheguei ao local pouco após sua abertura, em torno de 15h30min. Os funcionários ainda não estavam em seus devidos postos de trabalho, um dos atendentes inclusive permanecia no primeiro piso assistindo ao jogo que era transmitido em uma das televisões ali presentes.

Minha entrada ocorreu da mesma forma que da vez anterior, tendo me sido entregue a chave do armário número 07, o que indicava que eu seria um dos 10 (dez) primeiros clientes a chegar ao local. Ainda era dia claro e a rua estava movimentada, principalmente pelo movimento de saída da praia e de um bazar que ocorre em um estabelecimento em frente à sauna. Aos domingos ocorre ainda uma feira bastante movimentada na Praça General Osorio, o que aumenta o fluxo de pessoas nos seus arredores. Vale destacar que o local onde ocorre o bazar funciona como boate GLS no período noturno, de quarta a sábado, o que pode indicar ali a formação de uma microterritorialidade homossexual, visto que o quarteirão composto pelas ruas Teixeira de Melo e Farne de Amoedo apresentam uma vasta gama de estabelecimentos e locais de sociabilidade homoafetivos, atraindo esse público para a região e ao mesmo tempo promovendo a abertura de novos estabelecimentos que visem esse nicho de mercado.

Após deixar meus pertences no armário, que dessa vez se localizava no vestiário do primeiro piso, andei pela sauna, passando por todos os seus espaços. De fato havia aproximadamente 10 (dez) pessoas no local e essas se espalharam isoladamente pelos espaços, como que a espera dos frequentadores que estariam por vir.

Após esse “giro” pelo ambiente me sentei no primeiro piso para assistir parte do jogo que era transmitido. Embora não goste de futebol, usei tal estratégia para justificar minha permanência na sala *lounge* (primeiro piso próximo ao bar) que facilitaria a observação de quem entrasse, pois permaneci em frente à porta por onde obrigatoriamente todos que adentram a sauna deveriam passar.

Conforme o tempo passava os frequentadores chegavam aos poucos. No primeiro piso, próximo ao bar há uma parte de vidro branco fosco que permite a entrada da iluminação natural, o que me fez notar que o número de frequentadores só começaria a aumentar no momento em que o sol se pôs. A ausência da luz do dia e consequentemente diminuição de movimento na rua facilitaria o anonimato de quem iria para aquele local.

Enquanto permaneci assistindo o jogo, observava a entrada de outros frequentadores e percebi que outros faziam o mesmo que eu, ou seja, se sentavam para assisti-lo.

Uma situação que me chamou muito a atenção foi a entrada de um deficiente visual. Esse frequentador circulava pelo espaço como os demais, de toalha, porém utilizando uma bengala que o auxiliava em sua circulação. Por achar interessante a presença dele em um espaço onde o visual aparece como de suma importância, visto que a fala é quase inexistente, procurei observar os seus passos. Pude perceber que ele era cliente recorrente daquele espaço, pois em um momento em que não conseguia achar a escada ele pergunta da seguinte forma a um funcionário que foi ajudá-lo: “aqui não havia uma escada?”, demonstrando seu conhecimento sobre aquele espaço. Não o segui, até mesmo para não chamar a atenção dos demais frequentadores para a minha curiosidade, no entanto, quando circulei novamente pelos ambientes da sauna, o encontrei no *dark Room*. Nesse momento percebi mais uma vez o caráter inclusivo desse ambiente. O *dark room*, por se tratar de um quarto escuro, onde só é possível se observar vultos e o reflexo das toalhas (por serem brancas) se torna um local de atração daqueles indivíduos que não apresentam um perfil construído pela sociedade como “desejável”, seja por uma idade elevada, excesso ou baixo peso, entre outros. O frequentador deficiente visual que ali estava apresentava um perfil de sujeito nos moldes ditos “desejáveis”, pois seu corpo indicava que ele frequentava academia, apresentando músculos definidos. Desse modo, no *dark room*, a ausência de luz o colocava em igualdade aos demais frequentadores que ali estavam, aumentando sua chance de sucesso na conquista, visto que tal tipo de deficiência pode ser considerada como um estigma, afastando muitas vezes outros sujeitos que, por preconceito, não se relacionam com esses indivíduos. Confesso que tive uma preocupação em relação a possíveis casos de outros sujeitos se aproveitarem da deficiência do rapaz para práticas de sexo sem segurança, dentre outras situações, visto que no *dark room* as abordagens são mais incisivas e, em alguns casos até mais “agressivas”, aproveitando-se do anonimato que a escuridão proporciona. Estive outras vezes no *dark room* para ver como se dava a dinâmica e, em momentos de pico (em torno de 19 horas) era praticamente impossível permanecer naquele ambiente sem ser tocado, independente de minha vontade, visto que não havia espaço para fuga de tais abordagens, dada a quantidade de pessoas naquele recinto. Das

vezes que entrei nesse ambiente, procurava ficar próximo a porta ou em frente a ela, pois os cantos eram usados para práticas sexuais, normalmente em grupo. No entanto era comum alguém se aproximar de mim em busca de algum contato sexual. Normalmente a aproximação se dava através do toque, seja nas nádegas, ou no pênis. Possivelmente o local escolhido para toque indicaria a atividade sexual desejada (busca por parceiros ativos ou passivos). Procurava mudar minha localização no *dark room* nos momentos em que ocorriam tais abordagens mas geralmente ocorriam novas tentativas o que em determinados momentos fazia com que eu tivesse que me retirar para voltar posteriormente aquele local. Era comum nesse local os frequentadores tirarem as toalhas, mantendo os órgãos sexuais livres para toque, uma estratégia que reforça o tato como sentido principal.

Procurei nessa visita entrar mais vezes no ambiente da sauna à vapor pois, embora o calor daquele espaço me incomode um pouco, queria entender o porque da existência daquele local. Achei interessante perceber que, embora aquele estabelecimento recebesse o nome comum de sauna, o espaço onde se encontra a sauna à vapor (que apelidaria todo o estabelecimento) foi o que eu menos percebi interação entre os frequentadores. Mesmo nos horários de pico, esse ambiente era ocupado por frequentadores que quase não interagiam entre si, nem mesmo por olhares, visto que o vapor da sauna e a iluminação baixa e de tom violeta impedia uma visão nítida dos demais homens que ali se encontravam. A grande maioria permanecia sentada olhando para o chão ou para o teto, utilizando o espaço para relaxamento. Normalmente ocorria uma rotatividade visto que os frequentadores entravam, permaneciam por um tempo e saíam para tomar uma ducha e visitar outros ambientes. Em um dos momentos em que estive ali, percebi que o ambiente foi se esvaziando de modo que só restariam eu e mais um rapaz que aparentava ser mais velho (aproximadamente quarenta anos). Nesse momento resolvi permanecer para poder observar se ocorreria alguma abordagem e como ela seria, por só estarem nós dois ali e de fato ocorrera. O homem, no momento em que ficamos sozinhos disse para mim: “senta aqui!” - e bateu com a mão esquerda na parte da bancada em que estava sentado. Fiz que não com a cabeça e ele perguntou: “então porque está me olhando?”. Respondi que estava olhando para o chão (de fato estava) e ele não insistiu e me retirei pouco tempo depois. As interações ocorriam na maior parte das vezes nos chuveiros que ficavam numa espécie de antessala da sauna à vapor. Muitos utilizavam aquele local para expor seus corpos em banhos demorados, muitas vezes apresentando o pênis ereto, ou mesmo para visualizar outros que ali se banhavam. Penso que a distância daquele local em relação às “cabines de relaxamento” (nome mostrado nas placas de

sinalização em referência as cabines utilizadas para prática sexual) fazia com que o espaço do chuveiro da sauna a vapor fosse uma espécie de ritual preliminar para futuro contato sexual.

Em contrapartida a sauna seca, localizada no segundo piso, era um espaço onde ocorriam contatos e abordagens mais explícitas. Acredito que a melhor iluminação e a televisão transmitindo filmes eróticos sejam os responsáveis por tornar aquele espaço mais aberto para tal abordagem. Embora não tenha visto práticas sexuais (no que se refere à penetração), teve um momento em que ao entrar me deparei com um rapaz fazendo sexo oral em outro – a presença de outros frequentadores bem como a minha entrada não foram capazes de inibir a prática. Nesse local, como na maior parte dos demais ambientes, também não ocorriam diálogos. Quando um homem se interessa por outro que ali estivesse, este procurava se sentar ao lado e olhar ou tocar discretamente a perna daquele pelo qual ele apresentava interesse. Alguns indivíduos se masturbavam enquanto assistiam ao filme pornô, talvez como forma de atrair parceiros ou por estar envolvido com o clima sexual que o ambiente propiciava.

Na primeira hora da minha visita, pude observar que durante aproximadamente todo esse tempo, um homem fez uso dos aparelhos de ginástica que se encontravam no segundo piso. Foi a primeira vez que percebi alguém utilizando aqueles recursos, o que pode ser explicado pela dificuldade em se fazer exercícios trajando apenas uma toalha.

Como pude observar em relação à última visita, não fora diferente a dinâmica do terceiro andar, local onde se encontram as cabines, o *dark room* e a sala de vídeo. Nessa visita percebi que poucas pessoas utilizaram da sala de vídeo, entretanto, no horário que considerei como “horário de pico”, em torno de 19 horas, teve um momento em que todas as cabines estavam ocupadas e mesmo assim o corredor permanecera ocupado de pessoas paradas nas portas das mesmas. A rotatividade de casais e de parceiros era grande, principalmente nas cabines próximas ao *dark room*, onde a iluminação era mais baixa. Dificilmente alguém subia para o terceiro andar com um parceiro, esse era conseguido, na maioria dos casos no próprio corredor onde se encontravam as cabines, na sala de vídeo ou no *dark room*. Procurei ficar numa espécie de hall que precedia o corredor, onde se encontrava a escada e entrada para a sala de vídeo. Nesse espaço pude perceber que era o local onde eram realizados os encontros entre amigos/conhecidos que estivessem no estabelecimento. Não foi possível perceber se as pessoas que ali conversavam se conheceram ali, ou já seriam conhecidas. Em um dos casos percebi que a conversa se resumia no relato das práticas sexuais realizadas momentos antes do encontro. Pude perceber a presença de homens que estavam presentes na outra vez em que estive ali, o que pode fazer com que, devido à frequência, sejam formadas redes de

sociabilidade a partir da prática sexual. Chamou-me a atenção a presença de dois homens que aparentavam estar juntos e buscavam por um terceiro parceiro. Esse casal aparentava uma média de 35 anos e andavam juntos e olhando para os demais frequentadores. Em um determinado momento pude perceber que me olhavam e comentavam de modo discreto entre eles, no entanto não fizeram nenhum outro movimento no intuito de me chamar a atenção. Pude perceber que em um momento eles se colocaram próximos a porta de uma das cabines até que um rapaz, num movimento rápido pelo qual passava por eles, entrou na cabine com os dois. Do mesmo modo ocorriam as demais escolhas de parceiros, de forma rápida e baseada basicamente numa análise visual.

Procurava controlar as horas pelos relógios dos computadores que ficavam no segundo piso, dado que o ambiente fazia com que eu ficasse sem noção de tempo.

Em torno das 20:00 horas o movimento no terceiro piso começou a diminuir e a maior parte dos frequentadores, apesar de reduzidos pois muitos já teriam partido, se encontravam no primeiro piso. Nesse momento percebi um momento maior de interação entre os frequentadores através de conversas, o que, numa análise preliminar me faz acreditar que são pessoas que se conheciam antes e que, após terem realizado as práticas sexuais, se encontravam para conversar e saírem juntos do local.

Nessa visita não encontrei nenhuma pessoa conhecida e nem recebi nenhuma abordagem a partir da fala, o que impossibilitou que eu pudesse conversar com algum frequentador. Ao perceber que o ambiente se esvaziava me retirei em torno de 21:00 horas.

Impressões

Essa segunda visita me fez circular de forma mais tranquila por todo o estabelecimento, observando melhor os movimentos dos seus frequentadores. Já me sentia como parte do local e menos inibido pelas práticas dos frequentadores, até então desconhecidas para mim. Era como se parte de meus próprios tabus em relação ao sexo tivessem sido retirados e postos no armário junto de minhas roupas, passando a observar com mais naturalidade toda a dinâmica daquele espaço. Percebi ao relatar a outras pessoas de meu círculo que havia ido a uma sauna, que em muitos casos faziam um tom de surpresa ou mesmo de reprovação, alguns me perguntando o que tal visita contribuiria para uma pesquisa acadêmica. Entretanto ao perceber essa mudança de postura entre a primeira visita e essa, pude notar que parte desse tabu em relação a um espaço voltado para práticas sexuais também se encontrava em mim.

Analisando mais uma vez a ausência de fala, arrisco associar também ao fato do sexo ser encarado como um tabu, logo impronunciável.

Entretanto a presença de um deficiente visual e sua estratégia de busca por parceiros no *dark Room* me fez refletir muito sobre como se construiria a excitação sexual desse indivíduo e quais elementos levariam esse indivíduo a ela, por exemplo. Essa questão se dá tendo em vista a realidade das pessoas que enxergam e utilizam da memória visual para formular sua libido e reconstruir imagens e sensações a partir do tato em ambientes onde a visão se torna impossibilitada, como se daria tal questão para uma pessoa que não enxerga? Teria ele nascido com a deficiência ou adquirido no decorrer da vida (o que faria bastante diferença dado que ele teria uma memória visual adquirida enquanto possuía visão)?

Mais uma vez me chamou a atenção o fato daquele local ter feito com que eu perdesse a noção do tempo, pela ausência de relógio e de contato com o exterior, principalmente após o entardecer quando não era mais possível observar a luminosidade externa que passava pelo vidro fosco do primeiro piso. Tal local fez com que me sentisse em um espaço paralelo ao mundo exterior, como se o tempo ali corresse de forma diferenciada e mais lenta. Essa ideia de mundo paralelo me leva à preocupação com a sensação de desligamento em relação ao mundo exterior, fazendo com que os frequentadores se deixem levar pelo clima sexual construído a partir das imagens nas paredes, ausência de roupas e pelos vídeos pornô – em sua maior parte *barebacking* (sem preservativo). Poderia tal clima levar ao frequentador a se desligar dos riscos de uma prática de sexo sem preservativos?

Fiquei curioso em saber sobre os grupos de amigos que ali se encontravam conversando ao final do dia. Percebi que algumas pessoas chegavam àquele local em duplas ou mesmo trios, mas muitos que ali conversavam chegaram sozinhos, o que me fez pensar se eram amizades feitas fora daquele espaço ou teriam sido feitas por serem frequentadores recorrentes daquele local. No caso da segunda opção me chama a atenção como se daria aquele contato, visto que maior parte dos contatos sexuais naquele local se dá de forma anônima. Pude perceber o anonimato pois não há contato verbal no momento em que um indivíduo convida o outro para entrar na cabine e, no momento da saída, pude perceber que em vários momentos um dos frequentadores sai antes do outro, separado, enquanto o segundo sai sozinho, momentos depois.

Muitas são as questões que ainda ficam latentes e que, somente após mais algumas visitas acredito que seria possível serem compreendidas.

Dia: 27 de outubro de 2013

Hora de Chegada: 17:00 hs

Hora de Saída: 22:00 hs

Pesquisador: Rafael Chaves

Nessa visita optei por chegar ao local uma pouco mais tarde em relação ao horário de abertura do estabelecimento (15 horas) pois o horário de maior movimento se concentra em torno das 18 horas. Era um domingo nublado, no entanto a proximidade com o final do ano faz com que aumente a presença de estrangeiros na cidade, especialmente em bairros como Ipanema, onde se localiza essa sauna.

Ainda era dia claro, horário de verão no Rio de Janeiro, quando entrei na sauna. O trâmite foi o mesmo que o de costume: ao entrar dei boa tarde ao atendente, que me perguntou se eu era cliente preferencial³⁷, respondi que não e recebi uma pulseira com a chave do armário (número 32) e uma ficha que é trocada pelo conjunto de duas toalhas, chinelo e uma camisinha. Era a primeira vez que me perguntavam se eu era cliente preferencial, o que me leva a crer que meu rosto estaria se tornando comum para os funcionários do local. Nesse dia recusei o chinelo pois estava calçando meu próprio. Em nenhuma das visitas à sauna me preocupei com a vestimenta, visto que no interior da mesma não é permitido a circulação com roupas, exceto no momento de chegada/saída do recinto ou para os funcionários. O armário que me foi designado se localizava no vestiário do primeiro piso, o que indicava que o local não estaria cheio, pois notei que os clientes só são encaminhados para os armários do segundo piso após os do primeiro serem todos ocupados. Quando entrei havia algumas pessoas fazendo o mesmo que eu, tirando as roupas e guardando nos armários para adentrar no recinto. Também se encontravam alguns homens que ali estavam para tomar banho, visto que nesse mesmo espaço existem cabines com chuveiros e vasos sanitários, bem como uma pia onde são disponibilizados desodorantes, secador de cabelos e enxaguante bucal. Percebo que esses itens são úteis visto que muitos dos frequentadores se banham a cada troca de parceiro.

Após entrar no local fiquei um tempo sentado nas poltronas do primeiro piso observando como estava o movimento do local. Alguns homens já circulavam entrando e saindo do recinto onde há uma sauna à vapor, sendo que muitos, nesse movimento aproveitam

³⁷ Segundo informações do site do estabelecimento, para receber o cartão de Cliente Preferencial é necessário ir 10 vezes ao estabelecimento, dentro de um período máximo de 3 meses, tendo essa frequência registrada através de um *flyer* que deve ser carimbado a fim de comprovação. O Cliente Preferencial paga um valor reduzido de entrada, exceto em datas como Carnaval e Réveillon.

para flertar com aqueles que estão sentados. Nesse espaço percebo que muitos passam ajustando suas toalhas, o que é aproveitado por muitos para mostrar seus órgãos sexuais àqueles que estão sentados nas poltronas.

Um homem que por ali passava me olhou e resolveu sentar ao meu lado, possivelmente para tentar algum contato, visto que havia mais poltronas vazias, no entanto não fiz nenhum contato com o rapaz.

Em determinado momento encontrei um conhecido circulando pelo primeiro piso. Ele, ao me ver, sorriu (imaginando que eu estivesse a procura de sexo) e me cumprimentou perguntando o que eu fazia naquele espaço. Respondi que estava “de boa” observando o ambiente e ele mais uma vez sorriu e respondeu que fazia o mesmo e, então nos despedimos. Esbarrei com ele outras vezes ao longo da visita, mas só nos cumprimentávamos através do balançar das sobranceiras, dado que a linguagem verbal em outros espaços da sauna é praticamente inexistente.

Nesse dia procurei me manter mais tempo no terceiro piso, onde a interação entre os participantes é maior, com foco na busca por parceiros sexuais. Durante um tempo fiquei na sala de vídeo. Nessa sala entravam muitos homens para assistir os vídeos com temática pornô gay e se masturbarem, exibindo os órgãos sexuais para os demais transeuntes. A troca de olhares é intensa entre os presentes, alguns mudando de lugar para ficar mais próximo ao indivíduo desejado. Em alguns casos, quando ocorria reciprocidade de desejo entre os presentes, ocorriam toques ou mesmo preliminares, como a prática de sexo oral. Em um momento ocorreu uma incompatibilidade, quando dois homens se aproximaram nos bancos. De início eles se tocaram mutuamente (nos órgãos sexuais) um deles levantou para que o outro o observasse, no entanto o outro indicou gestualmente para que ele se virasse, mas ele se recusou, o que fez com que se afastassem, visto que tal manifestação indicava que possivelmente se tratavam de dois ativos (homens que possuem como preferência sexual a prática da inserção, ao contrario do passivo que prefere ser penetrado).

Em determinados momentos permaneci nos corredores do terceiro piso, onde se encontram as cabines utilizadas para a prática sexual. Nesse corredor, como de costume, muitos se colocavam em frente a cabines vazias, indicando a vontade de entrar com alguém que esteja passando pelo corredor. É muito comum um homem ao passar por esses que se encontram em frente às portas das cabines, encará-los e, havendo interesse, entrar na cabine. Nesse ritual nenhuma palavra é trocada. Um rapaz de aparência mais jovem que passou diversas vezes por mim resolveu puxar assunto comigo, perguntando meu nome e logo desenvolvendo um assunto. Ele me dizia que precisava de amigos para sair e que seus amigos

estavam namorando, exceto ele. Ele afirmava que se sentia sozinho naquele espaço e que, mesmo não havendo muita conversa, ele gostava de ter alguém para comentar sobre os demais frequentadores. Ele era simpático e pediu que eu o acompanhasse em um “*tour*” pelo local. Ele me levou até o *dark room* dizendo que queria ver o que estava acontecendo. Percebi que ele aproveitava a escuridão do espaço para se aproximar de mim, no entanto eu me afastava de modo a mostrar que não estava a procura de parceiros. Em outro momento ele perguntou sobre quem eu havia achado interessante, e eu apontei para um rapaz e ele resolveu se aproximar dele dizendo “vou desenrolar ele para a gente”, indicando que proporia ao rapaz uma interação sexual conjunta entre nós. O rapaz negou e eu comentei que não estaria interessado na prática sexual naquele momento, visto que não comentei com ele o real objetivo da minha presença naquele local.

Após um tempo nessa observação da movimentação, propus que olhássemos a hora em um dos computadores do segundo piso, e percebemos que eram 22 horas e a movimentação já era menos intensa no local. Despedimos-nos e fui buscar minha roupa, devolvendo a toalha e realizando o pagamento da taxa de entrada (R\$48,00) mais o que consumi (uma cerveja e um guaraná). Após o pagamento é aberta uma porta por onde é realizada a saída.

Impressões

É interessante perceber como se dão as relações nesse local, visto que poucas conversas são observadas. Conforme se aproxima o período de alta temporada (verão), se intensifica a presença de turistas, muitos desses sendo frequentadores de espaços como a sauna utilizada na pesquisa. A pouca presença de fala facilita a interação desses com os demais frequentadores, visto que a língua não seria uma barreira para o contato, já que as conversas são quase inexistentes. No entanto em alguns momentos podem ocorrer conversas, geralmente no primeiro piso ou próximo às escadas.

Entretanto pude perceber que poderia ocorrer a formação de uma rede entre os frequentadores, dado que muitos são recorrentes no local, podendo já ter se relacionado sexualmente, o que criaria um laço entre eles, no entanto essa rede é mais comum a partir do encontro de pessoas que se conhecem de outros espaços e lá se encontram, visto que aqueles que se conheceram dentro daquele espaço não costumam manter vínculos posteriores. Isso ocorre por conta da dinâmica dos encontros, geralmente rápida e casual, valendo ressaltar que

a troca de contatos também fica prejudicada dado que os pertences como telefones celulares ficam guardados dentro dos armários.

1.2. Espaço: Praia de Ipanema (Trecho próximo à Rua Farme de Amoedo)

Dia: 01 de maio de 2013

Hora de Chegada: 11:00 hs

Hora de Saída: 17:30 hs

Pesquisador: Rafael Chaves

Cheguei à praia em torno de 11 (onze) horas da manhã e fiquei localizado em frente à Rua Farme de Amoedo, embora a concentração maior se dê entre as três barracas que portam as bandeiras do arco íris. No entanto essa localização proporcionaria uma visão mais geral do espaço estudado. No momento de minha chegada havia pouca concentração de pessoas, talvez por ser feriado (01 de maio) e o público chegar um pouco mais tarde (o que de fato ocorrera). Até então a presença era predominantemente de famílias (entendendo famílias sob o contexto dos moldes tradicionais heteronormativos – pai, mãe e filhos). Além dessas havia também a presença de homens desacompanhados.

No momento da chegada à praia a abordagem por parte dos atendentes das barracas era intensa no intuito de oferecer seus serviços de aluguel de cadeiras e guarda-sóis, indicando haver concorrência entre as barracas na busca por clientes. No entanto não parece ocorrerem conflitos entre eles. Em conversa informal com alguns atendentes foi relatado que são oriundos de comunidades do entorno como o Vidigal e o Cantagalo, em sua totalidade negros e pardos. Em diversos momentos, pude perceber que alguns clientes, no instante de sua chegada, cumprimentavam alguns atendentes, indicando serem frequentadores habituais daquele ponto da praia. Isso foi percebido até mesmo por parte de estrangeiros que ali chegavam.

Em torno das 13 horas pôde ser percebida uma renovação do público, o que indica se tratar de uma territorialidade cíclica, visto que as famílias davam lugar para grupos de homens de diversas idades, mas predominando a faixa aparente de 25 a 30 anos, gays, bem como alguns grupos de mulheres onde era possível perceber também se tratarem de mulheres

homossexuais, dadas as trocas de afeto que ocorria entre alguns casais de mulheres ali presentes (mais frequentes até que entre os homens nesse dia).

A praia pode ser considerada um espaço democrático por ser de livre acesso a todos sem que seja preciso pagar por sua estada e também pela ausência de vestimentas, exceto por sungas e bermudas. No entanto através das sungas é possível perceber nuances comportamentais ou mesmo identitárias de seus usuários. Como exemplo disso é possível perceber certa padronização nos modelos, em grande maioria o estilo sungão (mais larga nas laterais). O poucos frequentadores que não usavam esse modelo eram estrangeiros, com modelos mais cavados. Dificilmente algum homem era visto usando bermudas no lugar de sungas, somente aqueles que não eram frequentadores e que estariam ali de passagem para outro ponto da praia (possivelmente homens heterossexuais). A variedade se dava em grande maioria no tipo de estampa ou marca.

Atualmente a prefeitura padronizou os tipos de guarda-sóis utilizados na orla de Ipanema – Leblon, utilizando modelos com tons pastéis. Isso causou uma mudança no trecho “gay” da praia, dado que eram utilizados para aluguel modelos que apresentavam propaganda de boates LGBT, como a Le Boy³⁸, por exemplo. No entanto as barracas desse ponto da praia utilizam copos com propagandas de sites de relacionamento gay (Disponível.com) para servir seus drinks, o que demonstra um interesse por parte desse perfil de empresa no público ali presente. A maioria dos guarda-sóis utilizados eram alugados das barracas, o que pode indicar que o frequentador daquele trecho seja oriundo de localidades distantes, não sendo possível trazer seu próprio guarda sol, como ocorre em Copacabana, onde a variedade de modelos é grande. Logo o frequentador daquele ponto não estaria em busca somente da praia, mas sim daquele trecho específico da praia e seu conseqüente valor simbólico.

Além das sungas, podemos perceber que o uso de tatuagens é frequente dentre os indivíduos que estavam presentes naquele ponto da praia, embora não fosse possível detectar se haveria significados específicos para as tatuagens exibidas por aquelas pessoas.

Pude presenciar um diálogo entre três rapazes oriundos de Brasília, aparentando aproximadamente 25 (vinte e cinco) anos cada, onde um deles falava ao celular com um quarto rapaz (que chegaria em seguida). Nesse diálogo o rapaz falava ao colega que ao chegar, não “reparasse na cor da canga”, visto que a mesma era rosa. Dado isso é possível notar que mesmo estando em um espaço abertamente LGBT (embora travestis – T – não tivessem sido vistos com frequência durante o campo) estes rapazes traziam consigo

³⁸ Boate fundada em XXXX, sendo conhecida como uma das mais antigas do Rio de Janeiro. Localizada no bairro de Copacabana.

preocupações típicas de locais onde ocorrem discriminação contra manifestações homoafetivas, um traço de memória que permanece forte entre esses sujeitos.

Durante o período que permaneci naquele espaço presenciei poucas manifestações como trocas de carícias entre casais homoafetivos, beijos, dentre outros, exceto por alguns beijos rápidos (selinhos) trocados por alguns casais.

Ocorre, embora não seja generalizado, o uso de drogas por parte de alguns indivíduos presentes. Esse consumo foi percebido pelo odor de maconha que pude perceber em um determinado momento da tarde, porém foi pontual, não sendo sentido novamente após esse momento.

Nesse trecho de praia é possível perceber a presença de vendedores ambulantes que transitam na maior parte do tempo somente nesse trecho da praia, já sendo conhecidos por boa parte dos usuários. Dentre os ambulantes ditos “tradicionalistas” desse trecho temos: um vendedor de salada de frutas - um senhor de aproximadamente 60 (sessenta) anos que circula trajando um chapéu que faz referência à Carmem Miranda; Uma senhora que anda com o neto vendendo sanduiche natural e pastel de forno e vendedores de açaí. Os vendedores de açaí são, em sua maioria negros, com corpos bem cuidados, o que parece atrair a atenção e o consumo dos frequentadores, dados os comentários que pude perceber desses em relação a boa forma dos vendedores. Os vendedores por sua vez aproveitam disso aliado ao bom humor para alavancarem suas vendas. Um deles usava como slogan “açaí com banana, vamos experimentar a banana do negão”. Tal slogan atraiu a simpatia de muitos grupos ali presentes.

Conforme foi chegando o final da tarde (aproximadamente 16:30) passou a predominar a presença maior de grupos de amigos, aumentando também a ocorrência de flertes entre componentes de grupos diferentes. Percebi que os flertes na praia ocorriam na base dos olhares para aqueles que circulavam pela areia, sejam a procura de amigos ou mesmo nas idas para o mar. Apesar de poucos desses flertes apresentarem sucesso. Talvez o consumo de álcool aliado a menor concentração de pessoas fosse responsável pela maior ocorrência de flertes ao final do dia.

Ao final do dia, após o pôr do sol (esperados por aqueles que ali estavam) os donos das barracas começaram a recolher suas cadeiras e guarda-sóis o que motivou muitos banhistas a deixarem a praia, permitindo que os garis pudessem adentrar para fazer a limpeza do local, visto que a quantidade de lixo deixado pelos frequentadores era bastante elevada.

Deixei a praia e me desloquei em direção à rua Farne de Amoedo, trajeto realizado por muitos daqueles que também deixavam o local e pude perceber que havia uma concentração de pessoas, em sua maioria homens que estavam na praia, localizados em frente

a um bar considerado *friendly*, próximo a esquina das ruas Farme de Amoedo e Visconde de Pirajá. Parei por alguns momentos e observei que ali ocorria uma interação maior entre as pessoas, embora manifestações ditas como “mais efusivas” como beijos não tivessem ocorrido no período em que estive presente.

Impressões

Nessa visita ao trecho de praia próximo a Rua Farme de Amoedo foi possível perceber a grande diversidade de tipos de indivíduos, ao contrário do que ocorre em saunas e boates. Essa diversidade se dá tanto em relação ao gênero - pela maior frequência de mulheres - bem como em relação à raça e aparente condição social. O fato de, nesse dia, ser feriado nacional contribui com que um maior número de pessoas de diferentes origens pudesse estar presente aliado ao fácil acesso por conta da grande quantidade de linhas de ônibus oriundas de diversos pontos da cidade que passam próximo a esse ponto da praia.

É possível perceber que o frequentador desse ponto da praia vai não só pela praia ou pelo banho de sol, mas também pelo fato de lá encontrar amigos ou mesmo flertar com seus iguais por conta da sensação de segurança em relação à exposição da sexualidade que aquele espaço promove aos seus frequentadores.

Ao circular pelo espaço compreendido pelas bandeiras do arco íris tive a sensação de existir uma espécie de linha imaginária fronteira delimitando aquele território durante o dia, visto que ocorre, a cada lado do espaço, um pequeno trecho mais esvaziado em relação ao restante da praia. Uma imagem aérea poderia mostrar que existe uma concentração de pessoas naquele espaço cercada por uma pequena faixa de areia ao redor com menor concentração de pessoas, o que demonstra certa segregação daquele espaço em relação ao restante da praia.

Chamou-me a atenção a cordialidade e a naturalidade dos atendentes das barracas em relação à sexualidade dos frequentadores, visto que em muitos locais, como boates, ocorrem cenas de desrespeito aos clientes por parte de seguranças e *barmans*, mostrando que nem sempre a força do “*pink Money*” é capaz de driblar a discriminação, o que não ocorre na praia, espaço usado inclusive para divulgação de eventos voltados aquele público.

É possível notar que aquele espaço possui uma dinâmica cíclica, visto que ocorre uma alternância de públicos de acordo com o momento do dia, se estendendo a estabelecimentos localizados na Rua Farme de Amoedo, onde parte dos banhistas LGBTs se concentram para almoçar ou mesmo para continuar seu processo de socialização nos bares da rua.

Dia: 08 de junho de 2013

Hora de Chegada: 12:00 hs

Hora de Saída: 17:00 hs

Pesquisador: Rafael Chaves

Retornando à praia após um mês da última visita, cheguei ao local em torno de meio dia e, mesmo tendo chegado relativamente tarde, percebi que o movimento ainda não era grande.

Desci para a areia e logo fui abordado por dois atendentes das barracas que ali atuam me oferecendo cadeira e guarda sol. Aluguei somente a cadeira, visto que o sol não estava tão intenso como costuma ser no verão. O aluguel foi feito dessa vez na Barraca da Sonia e o valor da cadeira nesse dia foi R\$5,00, um pouco menos do que costuma ser cobrado no verão, quando o movimento da praia é mais intenso.

A predominância de banhistas era do sexo masculino, em sua maioria brancos, com exceção dos atendentes das barracas e vendedores ambulantes, em sua maioria negros ou pardos. Entre os banhistas presentes nesse dia percebi mais uma vez uma grande variedade de perfis de corpos, desde os mais atléticos, trabalhados nas academias, até os conhecidos como *ursos* (perfil de homossexual caracterizado por terem maior quantidade de pelos no corpo e geralmente acima do peso). A diversidade de idades também é grande nesse espaço, existindo desde adolescentes até idosos. A presença de menores de idade, conhecidos mais recentemente pela alcunha de *twinks*, é uma particularidade desse espaço visto que não é permitida a entrada de menores de 18 anos em boates e saunas do Rio de Janeiro. Tais características percebidas a priori demonstra certa (aparente) democracia desse espaço.

Os atendentes da Barraca da Vania se destacavam dos demais, nesse dia, pelo uso de uniforme. O mesmo era composto por uma camisa onde na frente vinha escrito o nome da barraca e na parte de trás da camisa aparecia uma propaganda de um bar considerado “friendly” localizado na Rua Farne de Amoedo e muito procurado pelos homossexuais aos fins de semana e datas festivas como Carnaval e dias de jogos da seleção brasileira de futebol, por exemplo.

Nesse dia estava instalada uma tenda que oferecia serviço de massagens. Essa tenda na verdade existe há alguns anos nesse local, embora sua presença não seja diária. Nela havia um cartaz de apresentação com os dizeres “Massagem do Tigrão”, bem como duas macas onde eram realizadas as massagens. Três rapazes eram os responsáveis por fazerem as massagens,

um aparentemente mais velho (conhecido como Tigrão, que dá nome a Tenda) e dois rapazes mais novos. Os ajudantes possuíam corpos bastante definidos, o que parecia ajudar na captação de clientes, em sua grande maioria homens.

Um dos rapazes da tenda de massagem circulava pelo trecho gay da praia abordando os banhistas para fazer propaganda dos serviços de massagem, visto que o movimento era baixo. Percebi que seu alvo principal eram homens, em sua maioria, turistas estrangeiros e homens mais velhos. Durante um tempo fiquei observando esse rapaz enquanto ele fazia a propaganda dos serviços até que ele fora parado por um dos atendentes das barracas de apoio da praia que lhe disse para que fosse falar com um grupo de mulheres que se encontrava próximo a água, pois ouviu elas se questionarem do por que dele só abordar homens, possivelmente mais como uma crítica do que pelo interesse em si de fazer a massagem.

Nesse dia procurei prestar maior atenção aos grupos que estavam ao meu redor para tentar capturar elementos que pudessem ajudar na descrição de um perfil do local e/ou de sujeito que frequente aquele local.

Assim que cheguei percebi um rapaz que conversava com um casal de turistas composto por um homem mais velho e um rapaz negro de cabelo comprido. Embora não possa afirmar a origem deles, percebi o que idioma que falavam entre eles era o francês. No entanto o rapaz brasileiro que puxava assunto com o casal o fazia em inglês, e era compreendido. O casal inclusive em um determinado momento ofereceu bebida para ele, mas ele não aceitou, o que demonstra que não havia interesse do rapaz em relação ao casal. Achei interessante o comportamento desse rapaz pois, ao falar com os turistas ele adotava uma postura mais masculina, inclusive engrossando sua voz para falar, no entanto ao falar com seus colegas o fazia no feminino, referindo-se a si mesmo no feminino. Chamou-me a atenção uma frase dita por ele aos seus amigos que faziam piada pelo fato dele estar falando inglês com os turistas, onde ele rebateu “somos americanas, ué, só que do Sul”, numa referência a sua origem latino-americana e pela posição geográfica do Brasil nas Américas.

Em outro momento chegou um grupo de rapazes que andavam pela areia em busca de um lugar para ficarem, embora eu não tenha conseguido perceber qual seria o critério do grupo para escolher o lugar, percebi que um deles ao ver que um de seus colegas se afastava, gritou para que ele voltasse, usando a seguinte expressão: “vamos ficar por aqui, pra lá não é nossa área” numa clara referência ao objetivo do grupo em ficar no ponto gay da praia, bem como numa manifestação de um sentimento de pertencimento e identificação com aquele local. Após isso eles pararam e se instalaram em um local relativamente próximo a mim.

Percebi alguns problemas que ocorrem nesse espaço, como pequenos furtos e consumo de drogas, mais especificamente a maconha. Mais uma vez observei banhistas próximos a mim fumando cigarros de maconha, o que se agrava no sentido de ser um espaço frequentado por menores de idade. No entanto pude perceber ainda que parece haver um comércio facilitado por alguns atendentes das barracas de apoio. Em meio ao grupo que compartilhava o cigarro de maconha, estava um atendente de uma das barracas. O uso desse tipo de droga é visto com normalidade pelos demais banhistas.

A desconfiança de que alguns atendentes fariam essa intermediação na compra de drogas partiu de uma conversa que presenciei entre um banhista e um atendente, onde o banhista, que pelo tom de amizade da conversa parecia já conhecer o atendente, o questiona com a seguinte frase: “quando que você vai arrumar *aquela negócio* pra mim? Tô precisado”. O atendente respondeu: “Agora tá difícil?”. Insatisfeito o banhista finaliza o diálogo com a seguinte frase: “Estou me virando fumando o que tenho!”

De fato não é possível se provar que ocorra tal tipo de comércio, mas é algo preocupante, principalmente pela presença de menores no local.

A preocupação com furtos é sentida visto que pessoas sozinhas que conhecem o local geralmente pedem para que os banhistas próximos a elas olhem seus pertencem para que seja possível dar um mergulho com menor preocupação. Eu fui abordado por um rapaz que me pedira em um momento para que vigiasse suas coisas e, inclusive, deixou sua bermuda ao meu lado onde, teoricamente, estaria mais protegida, visto que tais furtos ocorrem em momentos de distração da vítima.

O movimento de banhistas não foi tão intenso no decorrer do dia, o que arrisco atribuir ao fato de ser um sábado e outono, onde o calor não é tão abundante como no verão e menos pessoas se encontram de férias. Nesse sentido se destaca ainda mais a presença de turistas, que ocorre durante todo o ano, mas que nesse momento pode se tornar mais frequente devido ao período de verão no hemisfério norte. A fama do Rio de Janeiro vem sido destacada internacionalmente devido aos grandes eventos agendados para ocorrerem na cidade. No entanto o turista homossexual ainda teria uma motivação extra por conta da cidade ser um conhecido destino desse perfil de turistas.

Como observado na outra visita, também não foram percebidas manifestações de trocas de carinho como beijos entre casais e nesse dia havia poucas pessoas sozinhas no local.

Minha saída do local ocorreu em torno da 17 horas, quando o sol começou a se pôr e começava a fazer frio no local devido ao vento. Nesse momento os flertes entre banhistas,

apesar de bastante discretos, foram mais recorrentes entre os grupos que permaneciam na praia. Mesmo sem sol, alguns banhistas vestiam suas roupas mas permaneciam no local.

Impressões

A praia se apresenta como um importante espaço de socialização, função ainda mais percebida no contexto da socialização entre pessoas de mesmo sexo, dado os reduzidos espaços onde essa socialização é possível.

Observando com maior atenção os grupos presentes nesse dia (como em outros dias em que estive presente nesse local), percebi que embora seja um espaço aberto, muitos homens ali presentes se sentiam mais a vontade para falar mais alto, gesticular de forma mais expansiva e até mesmo dançar ao som de músicas ouvidas através de seus próprios aparelhos de celular. Tais tipos de manifestação não são vistas com a mesma frequência em outros espaços da praia, nem mesmo pelos banhistas heterossexuais (independente do sexo). É importante destacar que tais manifestações provavelmente seriam reprimidas em outros espaços, através de olhares, piadas e até mesmo injúrias contra aqueles que agissem dessa forma.

Tais comportamentos mais expansivos aliados as poucas manifestações de afeto consideradas “agressivas” em outros espaços me faz acreditar que tal espaço é procurado mais pela liberdade que ele promove ao seu frequentador para exposição de sua identidade do que por uma ânsia no encontro de parceiros, como ocorre em outros espaços como a boate e a sauna.

Uma observação mais atenta dessas manifestações permite inclusive a desconstrução de uma falsa ideia de que todos os espaços de sociabilidade homoafetivos seriam espaços de promiscuidade, visto que o mesmo não ocorre na praia, por exemplo. Caberia pensarmos então sobre o que seria “promiscuidade” para nossa sociedade ou mesmo se ela estaria associada mais diretamente a determinados grupos e não a ações.

Outro ponto que merece atenção é a homossexualidade vista sobre o prisma geracional. Foi perceptível nesse dia que homens homossexuais mais velhos eram o alvo principal de prestadores de serviços como os massagistas. O que levaria essa escolha por parte dos prestadores desses tipos de serviços?

Por fim é possível destacar que alguns banhistas vistos nesses dias foram vistos na sauna utilizada para a presente pesquisa, o que pode indicar a existência de uma espécie de

circuito gay na região, onde o público é o mesmo, porém adaptável às normas (implícitas) de cada espaço pelo qual está transitando.

Dia: 31 de agosto de 2013

Hora de Chegada: 10:00 hs

Hora de Saída: 16:00 hs

Pesquisador: Rafael Chaves

Após um período de tempos chuvosos, o que impossibilitava a visita ao local, o tempo se estabiliza na cidade fazendo com que ocorresse um fim de semana de sol. Cheguei a praia em torno de 10 (dez) horas da manhã. Ao chegar ao local fui abordado antes mesmo de adentrar pela areia por atendentes das barracas oferecendo cadeira e guarda sol. Resolvi alugar uma cadeira e percebi que a maior parte dos frequentadores também o fazem. O aluguel da cadeira custou R\$ 5, que foi pago no momento da saída. Na chegada eles fazem somente uma comanda para consumo de demais produtos oferecidos pela barraca. Nesse dia aluguei a cadeira na Barraca do Nelio.

Procurei um lugar para me sentar, em um lugar nem tão próximo a água nem tão longe dela, para que pudesse ficar no centro, facilitando a observação de todo o local, no entanto mudei de lugar pois havia um homem (estrangeiro) alcoolizado próximo que começou a passar mal, o que afastou alguns banhistas próximos a ele. No entanto nem todos se afastaram e um inclusive ofereceu ajuda. Achei interessante como o rapaz que ofereceu ajuda agiu, pois antes de ajudar comentou com seu amigo da seguinte forma: “Bixa, o viado tá passando mal” e logo em seguida se levantou para ajudar, oferecendo água. O homem não possuía trejeitos, logo sua classificação como “viado” se deu somente pela sua presença naquele espaço.

Após observar isso troquei de lugar, mas percebi que não fui mais atendido pelos atendentes da Barraca da qual aluguei a cadeira, o que me faz acreditar, baseado também em observações anteriores que as barracas possuem uma delimitação implícita de seus espaços de atuação e captação de clientes. Tal acordo deve garantir a boa convivência, mesmo percebendo que essas barracas existem ali há muitos anos (pelo menos seis anos, período em que venho pesquisando esse espaço).

Do momento em que cheguei até aproximadamente 13 horas a praia não esteve cheia, contendo inclusive a presença de muitas famílias com senhoras de idade e crianças, possivelmente moradores do entorno que já se adaptaram com a rotina daquele espaço. Essas

famílias com crianças ficavam mais próximas a água, enquanto os outros banhistas (homens sozinhos ou em pares/grupos) ficavam mais próximos as barracas.

Observada essa divisão que foi se diluindo a medida em que as famílias saiam dando lugar a grupos de homens que chegavam e/ou se juntavam aos demais que ali já se encontravam, até então sozinhos. Não é possível afirmar que o objeto daqueles que ali estavam sozinhos era interação, pois não percebi movimentações destes no sentido de quererem fazer contato com outros banhistas.

Como das outras vezes, era um espaço bastante plural, com a presença não só de homens (embora estes sejam a maioria), mas essa pluralidade se dá também entre os perfis, idades e cores. Credito isso a facilidade de acesso, tanto pela localização quanto pela gratuidade.

Pude perceber entre os banhistas (pelo menos aqueles próximos a mim) a ocorrência de diversos sotaques dos mais diversos locais do Brasil e de outros países, algo recorrente nesse local.

Não fosse pelas bandeiras do arco íris, esse local atualmente passaria despercebido por aqueles que não o conhecem como sendo um espaço de sociabilidade homoafetivo visto que a diferença mais aparente deste para os demais espaços da praia, em um primeiro olhar, se dá pela predominância de homens e pelos toques entre eles, que não são comuns entre homens heterossexuais (homens passarem protetor solar e bronzeador uns nos outros ou se abraçarem por longos períodos de tempo).

Após a mudança de local, na minha frente se encontravam dois rapazes de aproximadamente vinte anos cada. Eram amigos que estavam ali para conversar e se distrair enquanto não chegava a hora de um deles ir trabalhar, pelo que pude perceber na conversa dos dois. Observando a conversa que se desenrolava entre eles, me chamou atenção o momento em que eles conversaram sobre relacionamentos, assunto motivado pela chegada de um casal gay que adentrou à praia de mãos dadas. Um deles afirmou achar “fofo” o fato e completou dizendo que o sonho dele era ter um companheiro e constituir uma “família”, enquanto seu amigo complementava fazendo uma crítica à facilidade da prática de sexo “atualmente” o que segundo ele era o motivo pelo qual estava difícil conseguir um relacionamento sério. Esses rapazes, como muitos outros ali presentes pareciam ser frequentadores assíduos daquele espaço, pois conheciam os atendentes pelo nome. Um deles, em um momento, pediu o telefone de um dos atendentes, que se esquivou dizendo que não possuía telefone. O rapaz prontamente desconversou dizendo que era uma brincadeira e perguntando se o atendente

havia ficado com medo dele, mas ele brincou dizendo que muitos já fizeram essa pergunta (se ele possuía telefone).

Como de costume muitos vendedores ambulantes circulavam pelo local, mas destaco os vendedores de açaí pois possuíam um jeito bastante particular de oferecer o seu produto. Além desses vendedores chamarem atenção pelo corpo, sua abordagem se utilizava da beleza e de brincadeiras de duplo sentido que faziam com que os banhistas se atraíssem em querer consumir seu produto, que custava R\$10.

No decorrer do dia a praia encheu e predominavam homens que não mais estavam sozinhos, mas em grupos que conversavam em pé e encontravam conhecidos revelando o caráter de sociabilidade que esse local possui.

Deixei o local em torno das 16 horas quando o sol começava a baixar.

Impressões

O espaço caracterizado pela praia possui características particulares por se tratar de um espaço aberto e de livre acesso. Apesar desse espaço conter fronteiras imaginárias que o delimita, o que durante muito tempo fez com que inclusive alguns atos que para muitos sejam considerados excessos, como trocas de carícias mais intensas entre os seus frequentadores, venho notando que esses “excessos” vem diminuindo.

Pude perceber banhistas cada vez mais utilizando esse espaço para sua interação e sociabilidade, reproduzindo em muito a imagem que a mídia vem pregando do gay masculino como aquele sujeito que deveria, nessa visão, manter sua virilidade independente da sua orientação. Observando esse espaço nesse dia e me remetendo às suas características anteriores, percebo que perdeu alguns dos símbolos que o demarcavam como os guarda-sóis que traziam propagandas de boates LGBTs, bem como a presença de travestis se tornou praticamente nula, não tendo sido observada em nenhuma das últimas visitas. Entretanto vejo esse espaço, mesmo sem muitos desses símbolos, cada vez mais consolidado e sendo referência de local para encontros e frequência entre LGBTs, o que pode ser percebido pela presença maciça de turistas desse segmento frequentando esse espaço em todas as épocas do ano.

Nessa visita ficou claro o caráter cíclico dessa territorialidade, onde famílias heteronormativas dividiam parte desse espaço até certo momento onde iria ocorrer a substituição desses por indivíduos de perfil homoafetivo, embora estes já ali estivessem coabitando aquele local. Percebo que tal coabitação inclusive se dá de forma natural e

pacífica, sem comentários de tom pejorativo ou mesmo olhares de reprovação, como se observa em outros espaços.

1.3. Espaço: Boate

Dia: 22 de junho de 2013

Hora de Chegada: 22:30 hs

Hora de Saída: 04:00 hs

Pesquisador: Rafael Chaves

Nessa visita, escolhi a noite de sábado para ir ao local conhecer, observar seu espaço e público. Confesso que fiquei um pouco confuso sobre que horas deveria chegar e como deveria me vestir e me portar, visto que o local é frequentado por um perfil de público do qual eu não tenho muito contato nem conhecimento sobre seu estilo de vida. Optei por uma roupa sem estampas e cor de tom sóbrio (marrom) e mantive meus óculos de grau a fim de não chamar a atenção, pois minha idade (29 anos) já iria, segundo relatos de algumas pessoas com quem já conversei e que conhecem o local, fazer com que eu destoasse dos demais naquele espaço, podendo inclusive ser confundido com um garoto de programa (hipótese que foi desconstruída após a visita).

Como o local é bastante próximo da minha residência, facilitou meu deslocamento (feito a pé) e aproximação. Cheguei em frente a descida ao subsolo que dá acesso a boate em torno de 22:30 horas, não havia filas e pelo que percebi no período em que fiquei do lado de fora observando, isso não costuma ocorrer, como em outras boates da cidade. Permaneci durante aproximadamente uma hora na esquina da rua onde ela se localiza, como se esperasse por alguém, a fim de ver como ocorre a aproximação dos frequentadores desse local. Os frequentadores chegavam aos poucos, e iam entrando, ou então aguardavam por seus acompanhantes próximos a descida de acesso para entrarem juntos. Pude perceber que alguns dos homens que entraram estavam nos bares que ficam em frente ao local, tomando cerveja e conversando com amigos antes de entrar na boate. Alguns homens desse bar que posteriormente entraram na boate, estavam sozinhos.

Em torno de 23h30min resolvi entrar. Ao contrário dos demais locais GLS do Rio de Janeiro onde a recepção é feita por seguranças, *Drag Queens* ou rapazes e moças novos, nesse local a recepção era feita por um senhor idoso. A entrada foi R\$25 e recebi duas fichas que poderiam ser revertidas em duas bebidas. Junto a esse senhor estavam mais três senhores que estavam sentados conversando. Aquele lugar era utilizado como fumódromo e também por clientes que quisessem falar ao celular ou conversar com mais tranquilidade, sem a interferência do som da boate.

Quanto entrei a casa ainda não estava cheia, permitindo que eu circulasse para conhecer o seu espaço interno. A boate não é grande, e seu estilo imita uma espécie de caverna, suas paredes imitando rochas. Possui dois banheiros, ambos unissex (embora nenhuma mulher tenha sido vista naquela noite), o que por si só revela que aquele espaço transgrediria as normas binárias de gênero. No centro se localiza a pista de dança, que fica cercada por três espaços de convivência em seu entorno sendo eles o bar, um espaço com mesinhas e cadeiras e um pequeno espaço mais escuro próximo ao banheiro. O DJ ficava próximo a esse último espaço reservado, separado por um vidro. Na parede próxima ao bar ficava pendurada uma bandeira com o nome da boate e o ano de sua inauguração – 1964 – mostrando que se tratava de um local de tradição da boate GLS mais antiga da cidade.

Até meia noite o som era mais baixo e o local não estava cheio, estando a maior parte das pessoas presentes até então localizadas próximo ao bar e no banco próximo às mesas, no outro espaço, havia quatro rapazes mais novos sentados, observando a chegada dos demais frequentadores. Meia noite entra o DJ que começa seu set, elevando o som do ambiente. Procurei ficar pelos cantos para poder observar melhor o local e a chegada dos demais. Desde a minha entrada percebi que a frequência era diferente daquela vista em outras boates, pois a maior parte da frequência era de homens idosos. Conforme chegavam mais frequentadores era perceptível que aquele era o perfil dos clientes do local. De todos que ali entraram, acredito que no máximo dez pessoas teriam idade aparente inferior a 40 anos.

Após a entrada do DJ a boate rapidamente encheu, confirmando o perfil de público frequentador daquele local nas noites de sábado, homens com idade aparente acima dos 60 (sessenta) anos. Nesse local as roupas com estampas diferenciadas, brilhos e decotes gola “V” dão espaço para roupas sociais, em geral camisa polo ou camisas sociais. Outra característica comum entre grande parte dos homens naquele local era o uso de barba, cavanhaque ou bigode, marcas de masculinidade. Nenhum frequentador aparentava traços de feminilidade, como ocorre em outros espaços com frequência de homens mais novos. A elevada idade dos frequentadores também não permitia com que dançassem de forma mais agitada e/ou com

passos elaborados, sendo assim movimentos mais lentos que tentavam acompanhar a rapidez dos ritmos atuais, visto que todo o set da noite foi com música eletrônica de estilo pop, seguindo a tendência das demais boates.

Ao contrário do que poderia imaginar o senso comum, os casais que vi se formarem dentro daquele espaço era de homens de mesmo perfil e idade, ou seja, não havia uma preferência daquele público por homens mais novos, pois não percebi os poucos homens mais novos que ali estavam interagindo com os mais velhos. Se o fizeram foi de modo bastante discreto. Procurei ser bastante discreto, ficando pelos cantos, sem dançar. Poucas foram as abordagens feitas a mim, maior parte delas feitas através do olhar, talvez pela desconfiança ao ver alguém com o perfil diferente da maioria. Ocorreram três aproximações, sendo a última delas de um rapaz mais novo que a maioria (33 anos). O primeiro deles puxou assunto, perguntando meu nome, se estava tudo bem e onde eu morava. Percebi que ele demorava um tempo entre uma pergunta e outro, como se pensasse o que perguntaria, talvez por insegurança ou por eu não demonstrar muito interesse. O segundo deles eu não entendi muito bem, pois se aproximou de mim, me cumprimentou e disse que iria ao banheiro e depois voltaria para falar comigo, mas não o fez, voltando para o seu grupo de amigos. O último deles, como dito anteriormente, era mais novo, mas tinha estilo mais sério de se vestir, como os demais daquele lugar. Ele começou assunto comigo perguntando meu nome e se eu costumava ir sempre lá. Respondi que era a primeira vez e perguntei se também era a primeira vez dele ali também. Ele afirmou que sim e aproveitei para perguntar o que havia motivado ele a ir até lá. Ele me respondeu que gostava de homens mais velhos e foi, pela fama do local, mas afirmou que o público era mais velho do que ele esperava. Ele disse que era tímido e que estava com vergonha de falar comigo, tentar algo mais, porém como estava alcoolizado (segundo ele mesmo afirmou) resolveu puxar assunto comigo. Expliquei que meu interesse lá era de observar o ambiente, sem entrar em maiores detalhes, então ele se foi, tentando aproximação com outro rapaz que aparentava ser pouco mais velho que ele, mas não como a maioria.

Percebi ainda que muitos que ali estavam se conheciam e se cumprimentavam, o que pode refletir que haveria um público cativo e recorrente daquele espaço, mas que somente após mais algumas visitas será possível perceber.

Quando uma grande parte dos clientes já havia saído, resolvi me retirar, em torno de 4 horas da manhã.

Impressões

Esse é um espaço que se diferencia bastante dos demais estudados por conta principalmente do perfil de seus frequentadores.

O espaço físico em si não muda muito em relação a outras boates GLS da cidade, pois sua particularidade (em relação à estrutura) se dá por ser num subsolo e fazer disso um tema para sua decoração remetendo a uma espécie de gruta, como se fosse um espaço revestido de pedras. Nem mesmo a música se diferencia em relação às demais casas noturnas, sendo a única particularidade desse local o segmento de público que o frequenta, no caso homens homossexuais com idade aparente acima de 60 (sessenta) anos, em sua maioria.

Esse público é denominado atualmente no meio LGBT como “maduros”, em substituição ao termo “coroa” anteriormente usado, adotado inclusive por Perlongher e que hoje é utilizado de forma geral para homens idosos, independente da orientação sexual. É possível perceber que esse novo termo carrega menos preconceito em relação à idade e vem sendo largamente usado por esses indivíduos em meios sociais como os aplicativos de relacionamento utilizados por muitos homossexuais e dá nome à festa de sábado da boate – “Noite dos Maduros”.

Nessa primeira visita é possível dizer que me surgiram mais perguntas do que respostas em relação ao perfil de indivíduo que ali frequenta, visto que é um perfil de público diferente dos demais espaços frequentados em larga escala por homossexuais.

Nesse local em particular, numa primeira impressão, tive a percepção de se tratarem de homens mais velhos que não se enquadram, em grande maioria, nos estereótipos de homossexual que a sociedade possui, sem trejeitos, ou vestimentas tidas como “efeminadas”. Dessa forma se vestem, numa visão guiada pelo senso comum, como os homens de sua idade, sem adereços que pudessem ser caracterizados como extravagantes ou que denunciassem a participação em uma “tribo”. No entanto o paradoxo que me coloco é em relação ao comportamento desses indivíduos, por serem tradicionais na vestimenta mas terem como locais de divertimento aqueles que a sociedade coloca subliminarmente como para “jovens”.

Observo que esses homens não buscam “reviverem” o tempo que passou, como temos nos bailes de 3ª idade, frequentados por idosos (homens e mulheres), mas sim viverem o momento atual. No entanto esses senhores quando frequentam uma boate GLS com maior frequência de jovens, são discriminados e rechaçados pela maioria deles.

A própria localização da boate facilita com que seus frequentadores não sejam expostos no momento da sua entrada, visto que fica em um subsolo e sem filas, além de estar localizada no bairro onde há a maior concentração de idosos da cidade – Copacabana.

Com isso a presente boate se coloca como alternativa para esses “maduros” aproveitarem o tempo atual com outros “maduros”, trazendo a memória de sua juventude para o contexto presente. Arrisco dizer nessa primeira impressão que esses homens, ao contrário de muitos idosos que vivem dessas memórias, vivem a partir delas e as adaptam à atualidade. É notório que o corpo, em muitos casos, não acompanha a velocidade do ritmo das músicas eletrônicas, mas isso não emerge como problema visto que a grande maioria naquele local partilha das mesmas dificuldades, logo o ritmo é dado por eles, dançando a sua maneira, como que havendo uma sincronia entre os movimentos. Desse modo é possível perceber como o coletivo imprime ao espaço o seu ritmo, dado que um “maduro” pode ser visto com estranheza num contexto de jovens, mas na boate em questão temos o oposto, criando um clima de acolhimento desses indivíduos e de estranhamento em relação aos mais novos, como pude perceber em relação a mim. Tal estranhamento se dá por ser o diferente e talvez pela possível preocupação com a exploração que muitos jovens exercem contra homens mais velhos, em geral sendo as maiores vítimas de golpes como o “Boa Noite Cinderela”.

Percebi ainda que muitos dos frequentadores, apesar de não chegarem acompanhados, conheciam outros que ali estavam, revelando serem clientes frequentes e/ou haver uma rede que continuaria para fora daquele espaço, o que facilita a esses homens a vivência e superação de problemas referentes à idade associada à homossexualidade. No entanto essas questões necessitam de maior aprofundamento para serem elucidadas.

Dia: 10 de agosto de 2013

Hora de Chegada: 23:00 hs

Hora de Saída: 04:00 hs

Pesquisador: Rafael Chaves

Após aproximadamente um mês e meio após a primeira visita retorno ao local para mais uma vez observar a sua dinâmica. Já tendo uma ideia de como era o ambiente, procurei repetir o estilo de roupas, com camisa básica, sem estampa e calça jeans azul, mantendo os óculos, para evitar que minha vestimenta chamasse a atenção e alterasse, de certo modo, a dinâmica do ambiente.

Cheguei em torno das 23 horas e resolvi ficar durante um tempo em um dos bares em frente à boate. Pedi uma lata de refrigerante e fiquei em pé próximo ao balcão. Havia algumas mesas em frente a esses bares (são dois pequenos bares localizados um ao lado do outro) e

essas mesas eram ocupadas, em sua maioria, por homens com idade aparente acima de 50 anos, me fazendo acreditar que seriam possíveis clientes da boate esperando o momento de entrar. Alguns dos que estavam nas mesas eu reconheci por estarem na boate em minha última visita.

Procurei observar o movimento de entrada da boate que, em nenhum momento deixava que se formasse fila. Percebi que pequenos grupos (em torno de 3 pessoas) se encontravam na grade, conversavam um pouco e desciam para entrar e esse movimento foi maior próximo de meia noite, momento em que começava o set do DJ residente. Resolvi entrar a essa hora também, pois seria de fato, nesse dia, o momento onde entraria a maior parte dos frequentadores. Alguns dos homens que se encontravam sentados no bar fizeram o mesmo que eu, se levantaram aos poucos e foram em direção a boate para entrar.

Ao descer as escadas que dão para o hall de entrada da boate se encontravam algumas pessoas, homens idosos, conversando e um senhor que recolhia o pagamento da entrada (R\$25) e entregava os dois tickets que poderia ser trocados por bebidas no bar.

Adentrei no local que já estava cheio dessa vez e confesso não ter sentido o estranhamento que senti na primeira vez por estar em um local com público de perfil diverso ao meu. Como que mais intimo com o local já me direcionei ao bar para trocar um dos tickets por um refrigerante. Colado ao balcão do bar existem uns bancos, todos ocupados, o que impede um pouco o acesso ao bar, mas em momento algum ocorreu abordagem de algum daqueles que ali estavam nos momentos em que me aproximei do bar.

Parei para observar a pista e ver o público que ali estava. Era composto majoritariamente por homens idosos. Uma parte considerável dos que ali vi nesse dia também estavam na boate na primeira vez em que fui, o que me faz crer que o local possui um público cativo nesse dia.

Poucas eram as pessoas que estavam, como eu, sozinhas naquele dia. Muitos embora não parecessem estar juntos conheciam alguns que ali estavam, revelando uma rede de sociabilidade presente naquele local. Dos poucos homens mais jovens, pude perceber que somente um rapaz que aparentava ter aproximadamente 25 anos, corpo malhado de academia e negro se relacionou com um dos senhores mais idosos. Dos demais casais que vi se formando, que não foram muitos, todos eram compostos por pares que aparentavam mesma faixa etária (idade aparente: 60 anos ou mais).

Dessa vez não tive a sensação de ser visto com estranhamento, o que pode ter ocorrido pelo meu estranhamento ao local na primeira vez em que fui. Me desloquei mais livremente pelos espaços e pude observar melhor, me sentindo mais parte daquele local, embora tendo

perfil diferente da grande maioria e não fazendo, pelo menos ainda parte daquela rede de sociabilidade.

Durante a noite percebi alguns olhares em minha direção, que pareciam formas de flerte, mas que procurei não corresponder, tendo recebido duas abordagens. A primeira de um homem idoso que me perguntara se eu estava sozinho. Respondi que estava e ele argumentou perguntando se eu estaria esperando meu namorado. Sorri e disse que não, que estava ali sozinho mesmo e ele logo em seguida se afastou. O Segundo fora um rapaz (dos poucos mais novos que ali estavam) me perguntando se eu era frequentador da boate. Respondi que era a segunda vez que ali estava e perguntei se ele já havia ido outras vezes. O rapaz, que depois me revelou ter 21 anos, disse que era a primeira vez mas que não tinha gostado pela quantidade de idosos que ali estavam. Argumentei com ele, em tom de brincadeira que aquele era o espaço deles, afinal era a “Noite dos Maduros” e ele me respondeu que não esperava que seriam “tão mais velhos”. O rapaz não foi em nenhum momento incisivo e procurou ficar perto de mim, talvez por achar em mim uma afinidade. Imaginei que ele estivesse sentindo o estranhamento que senti na primeira vez que fui. No entanto em meio à conversa senti que ele foi quebrando o gelo em relação ao lugar e observando pontos, para ele, positivos, como a música e observando e comentando sobre possíveis homens que ali estavam e com quem ele afirmou que poderia se relacionar.

Em um determinado momento tive a sensação de ser seguido por um dos senhores que ali estavam pois conforme eu mudava de lugar percebia que logo em seguida ele surgia ao meu lado, no entanto não ocorreu nenhuma abordagem e não posso afirmar se isso não passou de uma impressão que tive.

Fiquei curioso ao observar um grupo composto por três rapazes mais jovens, um mais forte, malhado e com uma camisa regata, aparentando ter 30 anos e outros dois que aparentavam menos idade e mais magros. Eles estavam na maior parte do tempo juntos sendo que o mais forte em alguns momentos se destacava dos dois amigos para dançar em frente a um espelho. Nesses momentos percebi que ele levantava a camisa mostrando o corpo, no entanto não percebi movimentação dos demais frequentadores em relação a ele. Ao final da noite somente que percebi um senhor que conversava com ele e em determinado momento da conversa o rapaz levantou a camisa para que o senhor passasse a mão em sua barriga. No entanto não percebi na movimentação que a conversa fosse algum tipo de flerte ou mesmo negociação, mas uma conversa somente.

Em torno de quatro da manhã o local já estava esvaziado e decidi partir também. Do lado de fora estavam alguns dos frequentadores conversando. Passei por eles e parti em direção a minha casa.

Impressões

Após essa segunda visita, percebi poucas alterações em relação a dinâmica e mesmo em relação ao frequentador do local. Muitos rostos já conhecidos por conta de minha outra visita e mesmo o tipo de música seguindo o mesmo padrão (house, pop, eletrônico).

Percebi nessa nova visita uma tendência a confirmar minhas impressões anteriores, embora ainda seja prematuro afirmá-las. Digo isso pois, com mais essa visita, percebi entre os frequentadores que ali estavam, mesmo os que não estavam na outra vez, um desejo de estar junto com seu semelhante, de partilhar vivências do hoje com seus pares em um lugar onde não sejam julgados pela sua idade. Percebi nos senhores idosos uma sensação de liberdade em poder dançar, conversar e até mesmo flertarem, embora o flerte não seja, em minha análise prévia, uma prioridade para os que ali estavam.

Nesse espaço existe ainda uma inversão na relação de dominância, onde os mais novos que ali estão se sentem diferentes, como percebi na fala do rapaz que me procurou para conversar pois viu em mim um semelhante a ele. Entretanto, ao contrário do que os jovens fazem com os idosos que entram em seus espaços, esses não apontam para os que, como eu, são minoria naquele local.

Dia: 07 de setembro de 2013

Hora de Chegada: 00:00 hs

Hora de Saída: 03:30 hs

Pesquisador: Rafael Chaves

Em mais essa noite de sábado, chego em torno de meia noite ao local. Pelo tardar da hora, resolvi chegar e entrar, sem observar muito do entorno, que já não havia muitas pessoas, talvez por estas já terem adentrado no local.

A rotina de entrada foi a mesma das outras vezes, procedi com o pagamento da entrada (R\$25) e recebi dois tickets que podem ser trocados por duas bebidas no bar do local. No pequeno saguão que serve de antessala para a entrada estavam alguns senhores conversando,

sentados em bancos, junto com o senhor que fica no caixa de entrada. Somente dessa vez percebi que após a entrada o cliente tem a liberdade de ir para esse saguão e para as escadas para conversar, fumar ou mesmo descansar um pouco longe do som alto da boate, sem um controle que, pelo que percebi é feito na base da confiança e do reconhecimento do frequentador, que em sua maioria pelo que venho percebendo, é cativo daquele espaço.

Quando entrei a casa já estava cheia, embora ainda não tivesse atingido o máximo daquela noite, o que ocorreria em torno de 1(uma) hora da manhã.

A maior parte do público se concentrava na pista de dança e no seu redor, enquanto alguns (principalmente pares) ficassem nos banquinhos que se situam pelos cantos da casa.

Começo a perceber que a casa possui de fato um público cativo nas noites de sábado, tanto pelos diversos rostos conhecidos como pelas conversas e (re)encontros que pude perceber. Já me sinto familiarizado com o ambiente, embora ainda seja um outsider naquele espaço, começo a me sentir mais integrado àquela dinâmica. A totalidade dos frequentadores é composta por homens, em sua maioria idosos, como nas demais vezes em que lá estive. Nas outras visitas percebi que a barba, bigode e/ou cavanhaque são marcas presentes entre a maioria dos frequentadores, o que me motivou para, nessa visita, manter a minha para tentar me aproximar um pouco do perfil dos demais. Minha postura hoje é bem menos contraída do que das primeiras vezes o que, apesar de não fazer movimentos, nem estar com vestimentas que chamassem a atenção, acredito que tenha contribuído para que eu recebesse mais abordagens dessa vez.

Percebi que a pista de dança possui uma dinâmica própria, onde no centro estão grupos de amigos que dançam e interagem, enquanto nas bordas ficam os mais tímidos e aqueles interessados em flertar. Eu, por estar sozinho, sempre me mantive às margens da pista.

Muitos deles se conhecem e, acredito que esse contato se deu pela frequência daquele espaço. Percebi isso ao observar o reencontro de dois senhores que se cumprimentavam e perguntavam por que fazia tempo que um deles não via o outro naquele local.

Vem me chamando a atenção a presença de dois rapazes que, em todas as vezes que estive lá, estão presentes. Aparentam ter, um em torno de 25 anos, o outro aparenta ter em torno de 20. Eles conhecem alguns dos senhores que ali estão. Eles não dançam e estão sempre circulando juntos e pelos cantos da casa, motivo de minha curiosidade. Como ainda não tenho contato com nenhum dos frequentadores, ainda não tenho como saber qual o objetivo desses rapazes em frequentar constantemente essa boate.

O flerte entre eles, e deles comigo, na maior parte das vezes foi realizado através da troca de olhares e entre homens que estão nas bordas da pista. Algumas vezes eles procuravam se aproximar e tentar um contato encostando as mãos nas minhas, o que acredito seja uma forma comum de tentar o contato sem chamar a atenção e poupando uma possível negativa verbal, caso esse contato não tenha sucesso. Eu procurava não retribuir o olhar para não dar a falsa impressão de que estaria a fim de “ficar” com aquele que estivesse olhando para mim. No entanto, me chamou a atenção o tipo de abordagem de dois senhores que me olhavam. Estes, mesmo sem eu ter retribuído o olhar, me abordaram, em momentos distintos, perguntando se poderiam me pagar uma bebida, o que agradei e recusei, mostrando uma garrafinha d’água que portava. Tal abordagem seria uma simples cortesia, ou algum código de aproximação para michês? Um deles retornou posterior e disse para mim a seguinte frase: “Se espera encontrar alguém lindo como você aqui, esquece!” Tal frase me fez pensar sobre uma possível visão que ele reproduziria sobre beleza ligada à juventude. Um terceiro senhor me abordou pedindo uma bala, provavelmente por ter me visto manuseando a embalagem de balas de hortelã que eu portava. Eu prontamente dei uma bala a ele, que me agradeceu e disse: “Vai que surge a oportunidade de beijar alguém e eu com cheiro de cerveja na boca”. Eu sorri e concordei.

Alguns casais foram se formando no decorrer da noite, com beijos ocorrendo pelos cantos da boate. Todos formados por pares de perfis semelhantes (mesma idade aparente). Havia três casais compostos por um senhor e rapazes com aparência bem mais jovem, no entanto esses casais já chegaram juntos e não trocavam carícias. Só era possível perceber se tratavam de casais por parecer ocorrer uma “corte” do senhor em relação ao jovem, o que ocorria nos três casos, e estes circulavam de mãos dadas.

Quando percebi que a boate começou a esvaziar, restando em maior parte casais e pequenos grupos de amigos, resolvi partir, em torno de 3 (três) e meia da manhã. Do lado de fora ainda havia uma pequena movimentação de homens que estavam na boate mas que permaneciam na rua conversando.

Impressões

Nesta terceira visita percebi que comecei a me tornar mais integrado aquele espaço, com menos estranhamento por ser mais novo em relação a grande maioria dos frequentadores daquele local. Acredito que a quebra desse estranhamento fez com que minha postura se tornasse mais receptiva fazendo com que mais pessoas viessem me abordar.

Venho confirmando algumas hipóteses de que o local possui um grupo de frequentadores cativo desse espaço, pelo menos nas noites de sábado, onde a festa é voltada para o público “maduro”.

Após receber algumas abordagens, diferentes das outras vezes onde predominaram olhares e abordagens da minoria jovem que ali estava, percebi a recorrência da abordagem por meio do oferecimento de bebida, do pagamento de drinks, dado que entre os mais jovens isso não ocorre. Essa abordagem se daria somente pelo fato de eu ser mais novo? Estaria me vendo como alguém que pudesse estar interessado em vantagens econômicas ou somente uma forma de gentileza? Outra dúvida que me ocorreu em relação a dinâmica seria se esse tipo de abordagem seria igual para alguém da mesma faixa etária deles, no entanto preciso observar mais para tentar perceber isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Regina. Chicletes eu misturo com bananas? Acerca da relação entre teoria e pesquisa em memória social. In: Gondar, J. e Dodebei, V. (orgs). O que é memória social. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.
- ALVES, J. E. D. A linguagem e as representações da masculinidade. Rio de Janeiro: Textos para discussão – ENCE nº11, 2004.
- ANGROSINO, Michael. Etnografia e observação participante. Tradução José Fonseca. Porto Alegre, RS. Artmed, 2009.
- ARANTES, J. E. R. Do padre Pelágio ao novo mundo: uma proposta de etnografia dos “banheirões” nos terminais do Eixo Anhanguera In: Fazendo Gênero, IX. 2010. Florianópolis, SC. Anais eletrônicos, 2010.
- ASSOCIAÇÃO Brasileira Interdisciplinar de Aids. Projeto Homossexualidades. Rio de Janeiro: Abia, 1993.
- BAUMAN, Zygmunt. Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2005
- BARRENECHEA, M. Espaço trágico: lugar das intensidades e das diferenças. In: Costa, I. T. M e Gondar, J. (orgs). Memória e espaço. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.
- _____. Nietzsche e a genealogia da memória social. In: Gondar, J. e Dodebei, V. (orgs). O que é memória social. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.
- BARRETO, R. C. V. Tribos urbanas e identidade homossexual em Ipanema – RJ. 65p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007.
- _____. Território e Preconceito: um olhar sobre o Território de Convivência Homossexual da Farme de Amoedo . Caderno Espaço Feminino (UFU), v. 20, p. 251-266, 2009
- _____. Identidade e espaços da convivência gay no Rio de Janeiro. Data de defesa. 118 p. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Ciências Estatísticas. Rio de Janeiro, 2010.
- BENÍTEZ, M. E. D. Dark Room aqui: um ritual de escuridão e silêncio. Cadernos de Campo, n. 16, São Paulo, SP, 2007.
- BRAZ, C.A. de. À meia luz... uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculino. Campinas: UNICAM, 2010. 187 p. Tese (Doutorado) – Programa de Doutorado em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

BUCI-GLUCKSMANN, C. *La raison Baroque: de Baudelaire à Benjamín*. Paris: Galilée, 1984.

BUTLER, J. *Problemas de genero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilizacao Brasileira, 2003.

_____. *Lenguaje, poder e identidad*. Madrid: Síntesis, 2004.

CARRARA, Sergio; RAMOS, Silvia. *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 9 Parada do Orgulho GLBT – Rio 2004*. Rio de Janeiro, CEPESC, 2005.

CARRARA, S.; VIANNA, A. Tá lá o corpo estendido no chão...: a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro. *PHYSIS-Revista de Saúde Coletiva*, v. 16, n.2, 2006.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ. Vozes, 2009.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, 2004.

CORINO, L. C. P. *Homoerotismo na Grécia Antiga - Homossexualidade e Bissexualidade, mitos e verdades*. Rio Grande, Biblos, 2006.

CORSO, D.M.L. Édipo, Latência e Puberdade: A Construção da Adolescência. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre / Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. n° 23, Porto Alegre, RS, 2002.

CURSO De Especialização em Gênero e Sexualidade. V.3/ Org. CARRARA, S et Al. Rio de Janeiro: CEPESC: Brasília, DF: Secretaria de Política para as Mulheres, 2010.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, Jonh. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FACHINNI, R. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Garamond, 2005.

FARIAS, F. R. *Texto de Apresentação*. In. *Apontamentos em Memória Social/ Francisco Ramos de Farias (org)*. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Contra Capa, 2011.

FARIAS, J. A. *Prática Urbanística e Diversidade Sexual: Pode o urbanismo contribuir para a emancipação LGBT nos espaços da cidade*. In. *REVISTA ADVIR: Diversidade Sexual e Universidade*. Rio de Janeiro: ASDUERJ, 2012.

FOUCAULT, M. *A mulher / os rapazes: História da sexualidade (extraído da História da sexualidade v. 3)*. Tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FRY, Peter. Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Zahar, 1982.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GONDAR, J. Lembrar e esquecer: desejo de memória. In: Costa, I. T. M e Gondar, J. (orgs). Memória e espaço. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.

_____. Memória, poder e resistência. In: Gondar, J. e Barrenechea, M. (orgs). Memória e espaço: Trilhas do contemporâneo. 7 letras, 2003.

_____. Quatro proposições sobre memória social. In: Gondar, J. e Dodebei, V. (orgs). O que é memória social? Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

GUIMARÃES, Carmem Dora. O homossexual visto por entendidos. Rio de Janeiro, Ed. Garamond, 2004.

HACKING, Ian. The looping effects of human kinds, In Dan Sperber, David Premack and Ann James Premack (eds), Causal Cognition: A multidisciplinary Debate, Oxford (Clarendon Press) 1995, pp. 351 – 383.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo, São Paulo. Centauro, 2004.

HALL, S. Representation: cultural representations and signifying practices. Londres: Sage/The Open University, 1997.

HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.) : tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000.133p

HALL, S. A Identidade Cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KULICK, D. Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro, RJ. Editora Fiocruz, 2008.

LAPASSADE, G. As microssociologias. Brasília: Liber Livro, 2005.

LIMONAD, Ester. Regionalizar para que? Para quem?. In: LIMONAD, E. HAESBAERT, R. MOREIRA, R. (orgs) Brasil Século XXI: Por uma nova regionalização? Agentes, Processos e Escalas. São Paulo, SP. Ed. Max Limonad, 2004.

MALDONADO, M. T. Bullying e cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco. São Paulo, SP. Moderna, 2011.

MISSE, M. O Estigma do Passivo Sexual, Análise de Um Símbolo de Estigma No Discurso Cotidiano. 3ª edição aumentada, NECVU/ IFCS-UFRJ, Le Metro, BOOK LINK, 2007

NIETZSCHE, F. O nascimento da tragédia. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NUCCI, M. "O sexo do cérebro": uma análise sobre gênero e ciência. In: Secretaria de Políticas para as Mulheres. (Org.). 6o Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero - Redações, artigos científicos e projetos pedagógicos premiados. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010, p. 31-56.

PERLONGHER, N. O negócio do michê: a prostituição viril. São Paulo, SP. Ed. Brasiliense, 1987.

POLLAK, M. Memória e identidade social. Revista Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992.

_____. A homossexualidade masculina: ou a felicidade do gueto. In: ARIÈS, Philippe, BÉJIN, André. (Orgs.) sexualidades ocidentais. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. Tradução de Maria Cecília. França. São Paulo: Ática, 1993.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento/ Paul Ricoeur – Tradução: Alain François [et al.]. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SEAMON, David. Body-subject, time-space routines and place-ballets. In: Ane Buttmer and David Seamon (eds). The human experience of space and place. New York: St. Martin's Press. 1980.

SILVA, José Fábio Barbosa da. Homossexualismo em São Paulo: Estudo de um grupo minoritário. In: Green, James Naylor. Trindade, Ronaldo (org). Homossexualismo em São Paulo e Outros Escritos. Participação, José Fabio Barbosa da Silva. São Paulo, SP. Ed. UNESP, 2005.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES; Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia: Conceitos e Temas. 2º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

TEIXEIRA, Milton de M. A história de Ipanema. Disponível na Internet. www.pdf4free.com. 12 mai. 2005.

Trevisan, João Silvério. Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade. Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Record, 2007.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo, SP. Ed. DIFEL, 1983.

VALLE, Marisol Rodriguez. A Província da Ousadia: Representações sociais sobre Ipanema. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGSA, 2005. 102f.

VENTURA, Miriam. SCHRAMM, Fermin Roland. Limites e possibilidades do exercício da autonomia nas práticas terapêuticas de modificação corporal e alteração da identidade sexual. *PHYSIS-Revista de Saúde Coletiva*, v. 19, n.1, 2009

Vernant, J-P. *A morte nos olhos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. *O universo, os deuses, os homens*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WEBLIOGRAFIA

<http://www.almacarioca.com.br/ipanema>

<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/>

<http://www.baladagls.com/rio-de-janeiro/>

<http://www.boatelacueva.com.br>

http://www.clam.org.br/pdf/principios_de_yogyakarta.pdf .

<http://www.guiaglbs.com.br/index.php>

<http://www.pierdeipanema.com.br/>

<http://www.rio.rj.gov.br/culturas>

<http://www.riogspa.com.br/>

<http://www.rioguiaoficial.com.br/lgbt>

Veja Rio - "*Ipanema 110 anos: Histórias e personagens do bairro mais charmoso da cidade*"
(Veja, 02/05/2004).